

CHARLES C. FINNEY

O CIRCO DO DR. LAO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Charles C. Finney

O CIRCO DO DR. LAO

Tradução de Donaldson M. Garschagen
Publicado pela Livraria Francisco Alves Editora S.A.
Copyright © 1935, by Charles G. Finney
Título original: The Circus of Dr. Lao
Título original em português: As Setes Faces do Dr.. Lao

VOCÊ TERIA CORAGEM DE ENTRAR NO CIRCO DO DR. LAO?

Debaixo do toldo gigantesco ou dentro da tenda do Dr. Lao, a mais espantosa coleção de seres e animais mitológicos, monstros e criaturas que só aparecem nos sonhos.

Tudo que você quer e que você **não quer** ver!

Quimeras, sátiros, esfinges, a própria Górgona Virgens, mágicos e feiticeiras à escolha.

Uma arca de Noé onde cabem todos os animais terrestres.

E gente estranha de todas as raças.

Jesus de Nazaré entre Buda e Afrodite.

Este é o circo do Dr. Lao. Você verá coisas que desconhece E saberá de países a que nunca irá.

"Uma obra-prima da fantasia".

The Saturday Review

"Uma espécie de Divina Comédia circense".

Ray Bradbury

Este virtuoso volume é ponderavelmente dedicado a FRANCIS L. ENGLISH, que sabe onde fica Tu-jeng.

Em sua edição de 3 de agosto, a Tribuna Matutina de Abalone, Arizona, publicou na quinta página um anúncio de oito colunas por 63 cm. Em tipos que variavam do corpo seis ao 72, o anúncio falava de um circo a ser inaugurado em Abalone naquele dia; as barracas seriam armadas num terreno baldio às margens do rio Santana, uma área vazia cercada por casas e habitações de toda espécie.

Redigido em tom bombástico, o anúncio fazia afirmativas a que possivelmente nem mesmo Phineas Taylor Barnum se atreveria. Reivindicava para o elenco feminino do espetáculo uma formosura sem par em qualquer época áurea da beleza ou da cultura física. A mente humana não era capaz de conceber beleza como a das mulheres que ornamentavam aquela companhia. Mesmo que toda a raça humana existisse para produzir beleza feminina, como o gado Jersey existe para produzir manteiga, ainda assim não poderia haver mulheres mais lindas do que as daquele espetáculo... Não, aquelas eram as mais belas damas do mundo, não só do mundo de hoje, como desde o princípio dos tempos e enquanto existir o mundo.

Os animais selvagens em exibição não eram menos sensacionais. Nada de elefantes, tigres, hienas, ursos polares ou hipopótamos; todos já haviam visto esses animais, muitas vezes. Hoje em dia, ver um leão africano era tão comum quanto contemplar um aeroplano. Aquele circo mostraria animais que nenhum homem já tinha visto; bestas mais ferozes que todos os sonhos de ferocidade; serpentes mais ardilosas que toda concepção de astúcia; híbridos mais estranhos que todos os pesadelos da fantasia.

Além disso, em espetáculos secundários o circo apresentaria seres infernais, troféus macabros de conquistas antigas, ressurretos super-homens da Antiguidade. Nada de sopradores de vidro, gênios que se materializavam na fumaça de cigarros ou engolidores de fogo, mas monstros de carne e osso, concebidos em cérebros histéricos e não em ventres enfermos.

Havia também um adivinho. Não uma cigana de má prosódia, nem uma loura gorda resmungando tolices a respeito de homens morenos na vida de mulheres que a consultassem, nem um místico de turbante ciciando horóscopos. Não, esse adivinho sequer seria visto, muito menos tomaria a mão do consulente e lhe diria generalidades sobre sua linha da vida. Anônimo, protegido pelo véu do mistério, ele lhe comunicaria fatos predeterminados que lhe sucederiam no decorrer dos anos. A menos que se desejasse realmente conhecer a verdade sobre o futuro, não convinha entrar em sua barraca, pois nunca, em circunstância alguma, ele mentia a respeito do que estava para acontecer. E mais ainda: após conhecer seu futuro, não seria absolutamente possível ao consulente evitar seus aspectos desagradáveis. Entretanto, o adivinho não preveria coisa alguma de economia ou política internacional. Era perfeitamente capaz de fazê-lo, naturalmente, mas a gerência constataria que tais profecias, por serem invariavelmente exatas, haviam sido utilizadas, no passado, em desleal e inescrupuloso proveito próprio por parte de políticos e financistas; o que fora feito visando à humanidade redundara em ganho pessoal - e isso não era ético.

Havia também um espetáculo só para homens, antes educativo que pornográfico. Não proporcionar a visão de bodes hermafroditas ou garanhões concupiscentes em cenas sensuais com mulheres; tampouco se tratava de rotineiros números de striptease. Dentre dramas eróticos e sonhos de tempos imemoriais, haviam-se selecionado aqui uma figura, ali um episódio, acolá uma visão fugaz, todas as quais, combinadas, produziam um efeito

que nenhum homem mediano esqueceria em muitos dias, ou, aliás, gostaria de recordar muito vividamente. Devido ao caráter singular desse espetáculo, sua frequência seria restringida a homens maiores de 21 anos, de preferência casados; e estava terminantemente proibida a entrada de qualquer homem sob o efeito do álcool.

Na tenda principal, o espetáculo circense propriamente dito, inigualável em seus números pitorescos e suas cenas admiráveis, culminaria com uma apoteose formidável. Diante dos olhos de quem lá estivesse, seriam erigidos a antiquíssima cidade de Woldercan e o templo tétrico de seu medonho deus Yottle. E diante dos mesmos olhos encenar-se-ia a cerimônia do sacrifício vivo a Yottle: uma virgem seria consagrada e imolada para propiciar essa deidade, ainda mais antiga que Bel-Marduk, e o primeiro, o mais poderoso e o menos benevolente dentre todos os deuses. Onze mil pessoas tomariam parte no número, todas trajando as vestes da antiga Woldercan. O próprio Yottle se faria presente, enquanto seus adoradores cantavam a música das esferas. Trovões e relâmpagos marcariam as cerimônias, e possivelmente se perceberia um leve terremoto. Em tudo, e por tudo, seria a coisa mais espantosa a ser jamais exibida sob a lona de um circo.

O ingresso ao terreno do circo custava 10 centavos; para o picadeiro central, 25 centavos; crianças de colo teriam entrada grátis. Os espetáculos secundários custariam 10 centavos e o espetáculo só para homens, 50 centavos. O desfile pela cidade seria às 11 horas da manhã. O circo estaria franqueado ao público às 2 da tarde. O espetáculo principal teria início às 2h45min. A função noturna, às 8h. Venham, venham. O maior espetáculo da Terra.

A primeira pessoa a notar algo de inusitado no anúncio, além de suas afirmações bombásticas, foi o revisor da Tribuna, enquanto procurava nele erros tipográficos, na véspera de sua publicação. Para o Sr. Etaoin, um anúncio era um anúncio, um conjunto de palavras a serem examinadas em busca de possíveis erros de comissão ou omissão, de forma ou conteúdo. E seus olhos meticulosos, astigmáticos, auxiliados por óculos, dançavam sobre as letras daquele anúncio de página inteira; detinham-se, à descoberta de um pastel ou de um erro de ortografia, o tempo suficiente para seu lápis indicar a correção à margem da prova e depois continuavam a dançar entre os grupos de palavras. Depois de ler o anúncio todo, e de corrigir o que exigia correção, ele o ergueu à distância do braço para ler os tipos maiores e verificar se lhe havia escapado alguma coisa ao primeiro exame. Foi então que, olhando o anúncio nessa perspectiva, descobriu que era anônimo, que discorria interminavelmente sobre as maravilhas do espetáculo, mas sem dizer em momento algum a quem pertencia o circo. Em nenhum lugar havia um nome, em meio a toda aquela verbosidade.

- Alguma coisa está errada - refletiu o Sr. Etaoin, e levou a prova ao gerente de publicidade da Tribuna, em busca de esclarecimento.
- Veja só isso - disse ele. - Uma página inteira de palavreado sobre o circo e nem uma só palavra sobre seu dono. Isso está certo? É assim mesmo que vai sair"? Em geral esses empresários de circo fazem questão de ter seus nomes em letras garrafais por todo lado.
- Vamos ver - disse o gerente de publicidade, apanhando a prova. - É engraçado mesmo... Quem foi o corretor?
- No talão está o nome de Steele - disse o revisor.

Chamaram o corretor Steele.

- Veja isso - disse o gerente de publicidade. - Não há nenhum nome, nem nada nesse anúncio. É isso mesmo?
- Não sei, não senhor - respondeu Steele, pensativo. - Um velhinho chinês trouxe o texto hoje de manhã, pagou em dinheiro e disse que devia ser publicado exatamente como estava escrito. Disse que poderíamos escolher os tipos como quiséssemos, mas que as palavras deveriam ser exatamente as mesmas. Respondi que estava certo, apanhei o dinheiro e a matéria. Só sei isso. Mas acho que é assim mesmo que ele quer. Ele insistiu muito em que não devíamos alterar nada.
- Certo, mas será que ele quer o nome dele em algum lugar? - insistiu o revisor.
- Sei lá - disse Steele.
- Vamos publicar como está - determinou o gerente. - Já recebemos o dinheiro. É isso que importa, em qualquer negócio.
- Deve ser mesmo um circo bacana - disse o revisor. Vocês leram isso?
- Não, eu não - respondeu Steele.
- Faz dez anos que não leio um anúncio - disse o gerente. - Só olho para eles. Ler, nunca.
- Bem, então vai assim mesmo - disse o Sr. Etaoin. - É o senhor quem manda.

A próxima pessoa a notar algo de diferente no anúncio foi Agnes Birdsong, professora de inglês no ginásio. Duas palavras a perturbaram - pornográfico e hermafrodita. Ela sabia o que significava pornografia, pois procurara a palavra no dicionário depois de ler uma crítica a Jurgen, de Cabell. Mas hermafrodita deixou-a na mesma. Achava que sabia o que significava; percebeu as sombras do deus e da deusa, mas a combinação dos adjetivos deixou-a perplexa. Pensou um pouco e depois foi pegar o dicionário. Uma guardiã da língua não poderia fazer outra coisa. As definições deixaram-na mais esclarecida, porém mais triste. Voltou ao anúncio para imaginar mais um pouco como seria uma visão fugaz através de um orifício. Conjecturou sobre a montagem, num circo ordinário, de um sonho erótico dos tempos de antanho. Desejou por um momento ser homem. Pensou, rejeitando rapidamente a ideia, em vestir-se de homem e ir ver o espetáculo.

- Vou assistir ao desfile - contemporizou.

Os filhos do bombeiro Rogers viram o anúncio enquanto procuravam as histórias em quadrinhos. Era uma novidade sensacional. Um circo na cidade, naquele mesmo dia, e eles nem haviam sabido de sua chegada! Um desfile, daí a duas horas, que passaria a dois quarteirões da casa dos Rogers! Palhaços. Elefantes. Tigres. Calíopes. Bandas. Cavalos. Fanfarra e pompa. O sol escaldante de Abalone ganhou um esplendor dourado para os filhos do bombeiro Rogers, pois havia um circo na cidade.

- Não fiquem animados, meninos - disse o bombeiro, um tanto sem jeito. - Não sei se vocês vão poder ir ou não. (Rogers não conseguia trabalho desde o primeiro dia da Depressão). - Aliás, acho que não deve ser um circo muito bom.

Rogers apanhou o jornal e leu o anúncio. Onze mil pessoas tomariam parte no espetáculo... - Puxa, que mentira descarada! - comentou o bombeiro. - Nem na cidade inteira tem essa gente toda! Para mim esse circo pode ir para o diabo que o carregue!

- John! - exclamou a Sra. Rogers, chocada. - Não fale assim na frente das crianças.

Mas John não a escutava. Estava lendo sobre as mulheres do circo.

– Sabe de uma coisa? Vamos, Sara. Os meninos não se divertem há muito tempo.

– Talvez apareça algum trabalho em breve. Essa dureza não pode continuar por muito tempo mais.

Às nove horas o chefe de polícia leu o anúncio. Virou-se para o sargento.

– Eu não sabia que havia um circo na cidade hoje. Você sabe de alguma coisa sobre isso?

– Não - respondeu o sargento. - Mesmo porque, não ligo para circos. Desde menino nunca mais fui a nenhum. Afinal, nunca gostei muito dessas coisas.

O chefe de polícia telefonou para a prefeitura.

– Escuta, é sobre um circo que está anunciado no jornal dessa manhã. Eu não sabia de nada até ver o anúncio. Eles tiraram a licença?

O chefe de polícia escutou por um momento.

– Sim sim... não acho que sim... não sei... sim... não... ah, claro sim, sim não... hum, hum. Até logo, então.

– Quê que houve? - perguntou o sargento.

– O funcionário disse que o china foi lá e tirou uma licença pouco antes de fechar o expediente ontem à noite. Disse que o china tinha autorização do dono do terreno, por escrito, para montar o circo lá.

– E então? - insistiu o sargento.

– Então você manda dois sujeitos verem esse negócio hoje de tarde - disse o chefe. - Parece tudo certo, mas está meio esquisito. Já ouviu falar em chinês dono de circo?

– Não sei, desde menino que não ligo para circos - respondeu o sargento.

O agente da estação da estrada de ferro leu o anúncio às sete e meia, enquanto tomava o café da manhã, antes de sair para o trabalho. Atrás de uma orelha, uma espinha crescia tentadoramente, pronta para ser espremida. Seu cabelo era seco e ralo, desganhado e castanho, e estava bem precisado de um pente. Sua carnadura era a de uma pessoa nem jovem nem velha, porém mais velha do que jovem, mais repulsiva que tentadora. Carnibais talvez o houvessem devorado; marinheiros perdidos numa ilha, jamais. Uma mulher sem discernimento talvez o houvesse amado; uma rainha da tela, jamais. Não era um bom agente de estação; possivelmente teria sido um fracasso no negócio de seguros. O céu talvez pudesse consolá-lo; este mundo, nunca. Seus dois filhos pequenos às vezes imaginavam como ele ficaria com as mãos metidas em algemas, os pés em sapatilhas de balé, o nariz enfiado numa caneca de cerveja. O agente leu com intranquilidade o anúncio, observando de mau humor para a esposa:

– Tem um diabo de circo na cidade. Mas não veio pela estrada de ferro; deve ter seus próprios caminhões. Mais um negócio que perdemos. Meu Deus, a gente trabalha cada vez menos. Pelo que vejo, em breve não vão precisar mais de agentes de estação. E aí, que diabo vamos fazer?

– Não se chateie até haver motivo para isso - disse a mulher.

Um inspetor sanitário do Estado chegou de seu plantão noturno no posto da estrada da

Califórnia e ao tornar o café num restaurante encontrou um colega, inspetor do posto da estrada do Novo México. Leram o anúncio no jornal do restaurante.

- Viu algum circo passar por seu posto ontem de noite? - perguntou o primeiro inspetor.
- Neca - respondeu o segundo inspetor.
- Nem eu. Deve ter vindo pela estrada de ferro. Se você não tiver nada para fazer essa tarde, vamos ver o troço.
- Está certo - disse o segundo inspetor. - Eu gosto muito dessas coisas.

Um advogado que se orgulhava de seu conhecimento de história e religião leu o anúncio e arregalou os olhos ante a "antiquíssima cidade de Woldercan" e o "medonho deus Yottle". Buscou o auxílio da enciclopédia para revigorar a memória. Não encontrou menção nem à cidade nem à divindade. Não se sentia muito seguro a respeito de Bel-Marduk, também, e procurou-o no livro. Estava lá. - Yottle... - pensou o advogado. - Woldercan... bobagem. Andaram inventando coisas. Estão sempre enganando o povo. Como será que um circo concebe um deus anterior a Bel-Marduk? Ah, meu Deus, em que mais será que vão pensar? Acho que vou lá ver a porcaria. O máximo que pode acontecer é eu morrer de tédio.

Uma viúva, a Sra. Howard T. Cassan, leu o anúncio às dez e quinze. "...haverá um adivinho... protegido pelo véu do mistério... profecias invariavelmente exatas... " A Sra. Cassan estava sempre à procura de videntes. Quando não havia nenhum ela mesmo deitava cartas ou fazia sessões mediúnicas com um copo virado de cabeça para baixo. Havia pedido que lhe lessem a sorte tantas vezes que a fim de cumprir todas as previsões ela teria de viver mais 97 anos e conhecer e enfeitiçar todo um regimento de homens altos e morenos. "Vou lá perguntar a esse homem... vamos ver... é, vou lá perguntar a ele sobre aquele poço de petróleo com que sonhei" - disse consigo a Sra. Howard T. Cassan.

Dois jovens universitários do Leste, Slick Bromiezechski e Paul Conrad Gordon, que no momento se encontravam em Abalone, Arizona, depois de uma excursão pelo velho México, leram o anúncio e resolveram ir ao circo.

- Vamos ver essa joça só para homens - disse Slick.
- Isso mesmo. E tem mais uma coisa, nós vamos lá num porre total. Negar entrada a um homem sob a influência do álcool é um desafio que a sociedade Sigma Ômicron Beta não pode deixar passar.

O Sr. Etaoin, o revisor da Tribuna, esquadrinhou novamente o anúncio, enquanto tomava seu café às dez e meia, verificando se deixara escapar algum erro na noite anterior. Ficou satisfeito de não encontrar nenhum. Olhou a página com afeto, observando a ênfase dada pelo uso do branco em torno dos tipos negros garrafais, elogiando o emprego parcimonioso do grifo, admirando os finos versais Goudy e os versaletes. O sentido daquilo que examinava o deixou intrigado. "Como será essa droga? - pensou o Sr. Etaoin. - Acho que vou dar uma olhada."

O Sr. Larry Kamper leu o anúncio distraidamente numa Tribuna atirada fora, enquanto matava o tempo debaixo das palmeiras do parque ao lado da estação ferroviária, esperando o trem de carga para ir embora de Abalone. Larry não sabia que trem estava esperando, em que direção iria, nem onde saltaria. Mas não se importava. Tinha sido desmobilizado recentemente do Exército, ainda tinha um resto de dinheiro, era

razoavelmente senhor de seu nariz e estava relativamente livre de preocupações. Seu último endereço permanente tinha sido Companhia E, 15º Regimento de Infantaria dos Estados Unidos, Base Americana, Tientsin, China. Havia dado baixa em Forte Mason depois de seu regresso num navio-transporte do Exército, recebera tudo que lhe era devido e agora estava fazendo uma excursão pelo vasto sudoeste, uma região até agora fora de seus horizontes, em carros Pullman. Estava pois Larry a matar o tempo debaixo das palmeiras no parque da estação ferroviária, esperando um trem de carga para embarcar em qualquer direção, quando leu o anúncio distraidamente numa Tribuna atirada fora. E eis que sobre o viajante cansado dos caminhos do mundo abateu-se uma vaga de nostalgia. Tremulamente, um grito fantasmagórico, vindo dos ossos de sua morta juventude, feriu-lhe os ouvidos: fazia dez anos que não via um circo; ser garotinho novamente; estremecer à vista de animais estranhos; recapturar a emoção simples do espanto - isso seria prazer; seria bom. Larry, o soldado, o beerrão, o mulherengo, o desbocado, leu o anúncio e teve saudades de sua meninice. Dai a pouco pôs-se de pé, imaginou que horas seriam e dirigiu-se para o terreno onde estava armado o circo.

Seguindo pela rua principal, a seis quarteirões dali Larry encontrou o desfile. Percebendo que ainda era cedo demais para o espetáculo, forçou caminho entre a multidão de mexicanos acotovelados junto ao meio-fio, para dar uma olhadela na parada.

Quase riu ao vê-la. Apenas três carrocinhas escangalhadas puxadas por animais, a primeira conduzida por um velho chinês, a segunda por um homem pálido e barbudo, a última por um camarada com cara de judeu e um capuz de chifres de bode. Na carroça do chinês havia uma enorme cobra cinzenta enrolada, na segunda um urso e na última um cachorro verde.

- Ei! - falou o homem que estava ao lado de Larry. - Que espécie de animal é aquele que está puxando a primeira carroça, ali?

Larry olhou e viu um cavalo com um fino chifre branco no meio da testa.

- É alguma invenção - respondeu Larry. - Como é que se chamam esses bichos? Monocornos? Não, não é não. Unicórnios? Isso! Unicórnios. Acho que o sujeito pegou um cavalo e fez um unicórnio, pregando um chifre na cabeça dele.

- Pode ser, mas esse cavalo aí é diferente de todos que eu já vi - disse o homem. - Olha só aquele rabo. Já viu um cavalo com um rabo daquele?

- Bem, não entendo muito de cavalos - disse Larry. - Passei seis anos na infantaria. Mas unicórnio não é não. Isso eu sei, porque não existem unicórnios, nem nunca existiram.

- Bem, mas cavalo aquilo não é - falou o homem. - Fui criado junto de cavalos e sei muito bem como é um cavalo. E aquele bicho pode ser tudo, menos um cavalo.

- Então deve ser um aleijão - disse Larry. Logo acrescentou: - Nossa, e que coisa é aquela que vem lá puxando a última carroça?

O homem olhou e disse:

- Nada, é só um sujeito com chifres de bode na cabeça. Deve ser outra invenção.

- Nunca vi um homem assim - disse Larry. - Olhe só para os pés dele.

- O que é que tem de errado com os pés dele?

- Ah, ele baixou os pés depressa. Ficou com eles em cima do banco só um instante. Estava com uns sapatos engraçados, se é que aquilo é sapato. Olhe só para o rosto dele. Já viu um rosto desse jeito?
- Claro - disse o homem. - Uma porção. O que é que o rosto dele tem de errado?
- Não sei não - disse Larry. - Mas tem qualquer coisa esquisita nisso tudo. Um desfile de circo só com três carroças! Nossa! Ei, que animal é aquele na última carroça?
- Agora você me pegou, amigo. Parece um cachorro.
- Aquilo não é cachorro nem aqui nem na China - disse Larry.
- Bem, vamos ver se a gente concorda com alguma coisa - protestou o homem. - Afinal de contas, qual de nós está enxergando direito?
- Sabe de uma coisa, quero mais que esse circo vá para o inferno - disse Larry. Estou com dinheiro. Vamos tomar uma cerveja em algum lugar.
- Vamos - disse o homem.

Entraram no bar de Harry Martinez.

- Duas cervejas - o homem pediu a Harry, em espanhol.
Larry não entendeu e ficou aliviado ao saber que era cerveja mesmo.

- Então está certo - disse. - O que foi que o senhor achou do desfile?
- Não achei grande coisa - respondeu Harry. - Só não consegui entender por que foi que puseram aquele homem dentro da segunda jaula. O que seria, um selvagem de Bornéu?
- Homem? - espantou-se o companheiro de Larry. - Não vi nenhum homem enjaulado. Tinha uma cobra, um urso e um bicho parecido com um cachorro, mas homem não vi nenhum. Você viu? - ele perguntou a Larry.
- Agora não sei mais de nada do que eu vi - disse Larry.
- Bem - disse Harry Martinez - estou dizendo que tenho olhos e que vi um homem dentro da segunda jaula. Parecia um russo ou alguma coisa assim. Por falar nisso, que animal era aquele que estava puxando a segunda carroça? Algum de vocês sabe me dizer?
- Eu não percebi direito - disse o companheiro de Larry.
- Nem eu - disse Larry.
- Bem, eu vi - disse Harry Martinez. - Já ouviram falar em esfinge?
- Aquela estátua grande na Arábia?
- Isso. Parece que aquela segunda carroça era puxada por uma esfinge. Claro que era uma tapeação. Deve ser uma mula grande vestida com uma fantasia.
- Ah, agora estou lembrando - disse Larry. - Não era mula coisa nenhuma.
- Então, que diabo era? - perguntou-lhe o companheiro.
- Isso não sei, mas mula não era, qualquer criança seria capaz de ver - disse Larry, terminando a cerveja.
- Mais duas cervejas - pediu o amigo.
- Já vai - disse Harry Martinez.

O Sr. Etaoin, o revisor da Tribuna, saiu do restaurante para a rua e viu o desfile que se aproximava. Acendeu um cigarro e ficou à espera.
Quando o desfile passou diante dele, o Sr. Etaoin achou graça, imaginando se seus olhos

estariam funcionando direito. Uma senhora idosa tocou-lhe o braço. Tinha consigo um garotinho.

– O senhor poderia fazer o favor de nos dizer que espécie de cobra é aquela ali na carroça? Será alguma que pegaram aqui no Arizona? Nós chegamos do Leste faz pouco tempo e ainda não conhecemos todos os animais daqui.

O Sr. Etaoin olhou o réptil na carroça que se movia lentamente. Não tinha escamas, apenas uma pele cinzenta e escorregadia como a de um bagre.

– Não sei o que é, minha senhora - disse ele. - Mas não é do Arizona, disso eu tenho certeza. Por essas bandas elas não crescem tanto. Para falar a verdade, não sei em que lugar do mundo existem cobras tão grandes.

– É capaz de ser uma serpente marinha, vovó - disse o garotinho.

– É, vai ver até que é - concordou o Sr. Etaoin.

Chegaram dois negociantes.

– Meu Deus, que cobra! - exclamou um deles. - Que espécie de cobra será?

– É uma serpente marinha - informou o garotinho.

– Ah, é? - admirou-se o homem. - Sempre ouvi falar nessas coisas. São uma espécie de mito, sabem como é. Mas essa é a primeira vez que vejo uma de verdade. Quer dizer que essa é a tal de serpente marinha? Que monstruosidade! O circo está começando bem, lá isso está!

O outro negociante, que estava com ele, perguntou:

– O que aquele homem está fazendo dentro da segunda jaula?

– Não é um homem, Bill. É um urso. O que há com seus olhos?

– A mim me parece um homem - insistiu Bill. - Qual é a sua opinião, amigo? - perguntou ele ao Sr. Etaoin.

– Meus óculos estão um pouco sujos - disse o revisor - mas tenho a impressão de que é um homem que anda como um urso.

– Bem, para mim é um urso que anda como um homem - disse o primeiro negociante, querendo ser engraçado. - Um homem que anda como um urso... ha, ha. Essa é boa! Para onde será que ele vai dentro daquela jaula? Hein?

– Ué, é um russo, não é? - perguntou a senhora idosa,

– Por favor, minha senhora! - disse Bill. Ainda não chegamos a esse ponto aqui no Arizona. Não metemos russos em jaulas para exibi-los como animais. Essa não, isso ainda não fazemos.

– Vamos - disse o primeiro homem a Bill. - Não fale desse jeito a uma senhora. Você mesmo disse que era um homem, não foi? Que diferença faz se é um russo ou não? Peço desculpas por ele, minha senhora.

– Não me interessa se é uma merda de russo, esquimó ou democrata! - berrou Bill.

– Que diabo, aquilo não é um urso e está acabado!

– Nunca ninguém me falou assim em toda minha vida! - disse a senhora idosa.

- Se é isso que vocês chamam de cavalheirismo do Oeste, então quanto mais depressa eu voltar para Sedalia melhor.

Para amenizar a situação, o Sr. Etaoin disse:

- Que espécie de burro é aquele que está puxando a última carroça?
- Mas que diabo, é uma porcaria de burro igual aos que a gente vê todos os dias - respondeu Bill com truculência. - Não vou discutir por causa disso. A senhora, por favor, me desculpe pela maneira como falei. Não estou muito bem essa manhã.

O garotinho olhou para cima e falou:

- É um jumento, não é, moço?
- É o que você quiser, meu filho. Para mim pode ser até uma vaca-marinha.
- Por que será que ele é tão amarelo? - perguntou o primeiro homem.
- Parece feito de ouro - disse a senhora idosa, com ar de enlevo.

Bill começou a rir. - Ha, ha, ha! O asno de ouro! O asno de ouro!

O companheiro de Bill pegou-o pelo braço.

- Vamos andando, Bill. Vamos andando. As pessoas estão começando a olhar para você, rindo.
- É todo mundo assim em Abalone? - perguntou a senhora idosa ao Sr. Etaoin.
- Não, nem todos - respondeu o revisor. - Só um ou dois, de vez em quando.

Os dois jovens universitários do Leste saíram do hotel em que estavam hospedados e subiram para o velho automóvel. Slick Bromiezchski dirigia e Paul Conrad Gordon dava conselhos:

- Acelera, rapaz. Acelera até espirrar gasolina por todo lado.

Chegavam à rua principal quando um sinal vermelho os deteve. Depois o desfile passou e os deteve ainda mais.

- Eis o grande circo - disse Slick. - Onde está o carro do troço só para homens?
- Paciência! - aconselhou Paul Conrad, professora!. - Essas coisas não saem pela rua em parada. Isso aí é só aperitivo para a festa.
- Uma coisa é certa - disse Slick. - Parada ruim como essa é difícil. Um china com um pé na cova; um sujeito com cara de Jesus Cristo; e outro com pose do fauno de Rodin... ou será que estou pensando em Praxíteles? Afinal, o que você acha, camaradinha?
- O fauno de Rodin! - exclamou Paul. - Era isso que eu estava querendo lembrar. A tarde de um fauno. Ninfas! Você imagina o resto.
- Opa... Mas por que exatamente essa livre associação?
- É por causa do sujeito com os chifres na cabeça - disse Paul. - Já pensou se fosse de verdade?
- É... estou pensando com toda a energia. E daí?
- Puxa, já imaginou um sátiro de verdade guiando uma mula folheada a ouro pelo beco principal de uma aldeia?
- Claro, posso imaginar qualquer coisa. E daí?
- Nada, deixa. O tempo está passando. Ainda temos de encher a cara e pôr à

prova nossa velha bossa no circo, não se lembra?

A caminho do supermercado, a Sra. Howard T. Cassan foi detida momentaneamente pelo desfile.

– Nossa, que animais horríveis - pensou ela. - Qual será o vidente? Qual dos homens, quero dizer.

Da janela de um sobrado gritou uma voz feminina.

– Por favor, a senhora sabe me dizer daí se é um homem ou um urso o que está na segunda carroça?

– Bem, acho que é um urso - respondeu a Sra. Cassan prestativamente. - Só não sei que espécie de urso.

– A senhora ali na esquina diz que é um urso, Joe - disse a voz.

– Urso, o diabo - falou Joe. - Pensa que não conheço um russo, merda?

– Jesus Cristo! - exclamou a Sra. Cassan.

O advogado que se jactava de seus conhecimentos extrajurídicos observava a parada tolerantemente da porta da cozinha, ao lado de sua mulher.

– Dá pena, não é? - disse ele. - Um circo mambembe desses pondo fantasias em animais para que pareçam coisas da mitologia. Nem mesmo está bem feito. Por exemplo, aquele cavalo disfarçado de esfinge. Veja só aquele rosto de mulher. E aqueles peitos absurdos, que nem uma vaca velha!

– Ora, Frank, não seja vulgar, por favor. O que é que você acha que aquele homem

está fazendo dentro da jaula? Será alguma aberração?

– Ora, não é um homem, meu bem, é um urso. Daqui parece um enorme urso cinzento.

A mulher fingiu que cheirava seu hálito.

– Andou bebendo, querido? Não acha que tenho inteligência bastante para distinguir um homem de um urso?

Frank olhou para ela com dissimulado alarme.

– Na semana passada eu lhe disse para ir ao oculista, meu bem. Agora já sei. Logo depois do almoço vou levá-la ao centro e mandar o médico lhe receitar um par de lunetas. Um homem! Essa é muito boa!

A mulher enfureceu-se.

– Você me põe maluca quando zomba de mim desse jeito. Quero dizer, quando você ri de mim com esse ar de pouco caso. Você faz isso de propósito. Você sabe perfeitamente que é um homem. Mas fica querendo ser engraçado.

O advogado olhou sua mulher com expressão de perplexidade.

– Está bem, querida - disse calmamente. - É um homem. Vamos. Vamos entrar para almoçar.

O telefone tocou quando se sentavam. Frank foi atender.

– Alô!

– Alô, é você, Frank?

– Eu mesmo...

- É Harvey. Vocês viram o desfile que acabou de passar?
- Vimos...
- Bem, eu e Helen também vimos. Não chegamos a um acordo a respeito do que havia na jaula do meio. Vocês notaram? Tivemos uma discussão e eu resolvi ligar para você para decidir. Helen diz que dentro da jaula havia um urso, mas eu afirmo que era um russo. O que foi que vocês acharam que era?
- Nós também ficamos na dúvida - disse Frank, desligando.

O inspetor sanitário número dois viu o desfile ao se debruçar na janela de seu cupê para gritar para o inspetor número um, que vinha em sua direção pela rua. O primeiro inspetor entrou no automóvel e assistiram ao desfile juntos.

- Rapaz, que cobra descomunal - disse o primeiro inspetor. - Me faz lembrar aquela cascavel-de-chifre que matei na estrada de Beeswax em meados do ano. Tinha 16 chocalhos.
- Então ela devia ter 16 anos - disse o segundo inspetor.
- Ah, é assim que se conta, é? Eu sempre achei que devia ser alguma coisa assim. O que você acha daquele urso ali? Será um cinzento de Sonora?
- Não estou vendo urso nenhum.
- Ora, bem ali na segunda carroça, do tamanho de um elefante
- Ainda não acordou, rapaz? Aquilo é um homem. Parece um russo.
- Ah, é? Quem será? Um comunista preso?
- Quem é não tenho a mínima ideia, mas urso não é. Ei, olha lá aquele cachorro! Já viu um cachorro verde em sua vida?
- Há muita coisa nessa parada que nunca vi em minha vida. Por que cargas d'água você acha que aquilo na segunda carroça não é um urso?
- Porque já vi homens e já vi ursos. Quando vejo um homem eu sei que é um homem. Quando vejo um urso, sei que é um urso. E aquilo que vai ali é um homem e não um urso. E estou cansando de discutir uma besteira tão grande.
- Calma, calma - disse o primeiro inspetor. - Não se exalte com isso. Não vou discutir com você. E o que pensa do cachorro?
- Bem, é o maior que já vi, mas nunca botei os olhos num cachorro dessa cor. Olhe só o pelo dele. Que pelo áspero ele tem! Deus do céu, os dentes dele também são verdes. Que raça de cachorro é aquela?
- Bem, aí você me pegou... Jumentinho bonito aquele que está puxando a última carroça.
- Aquilo não é um jumento.
- Se não é um burro, o que é? Um hipopótamo?
- Vem cá, o que há com você hoje? Você sabe que não é um jumento. Você sabe que os jumentos são peludos. Sabe muito bem que os jumentos não são lisos feito vidro como aquele ali. Sabe perfeitamente que eles não brilham assim.
- Bem, mas parece um jumento.
- Está bem. Mas você também achou que aquele homem parecia um urso. Não sei o que há com você hoje.
- Mas, que diabo, era um urso! É melhor você apertar seus parafusos frouxos, rapaz. Aqui neste Estado eles metem os doidinhos no hospício.

O primeiro inspetor desceu do carro.

– Não faça maluquices quando estiver de plantão hoje à noite, senão alguém pega seu emprego. Estou falando francamente, viu?

O inspetor número dois acendeu um charuto. Um guarda amigo seu chegou e advertiu-o de brincadeira sobre estacionar muito tempo num lugar só.

– Ouça, Tom - disse o inspetor - você viu esse desfile que passou aqui há pouco?

– Vi a doadeira sim. Numa das carroças havia um urso que não tinha mais tamanho.

– Ai, meu Deus - disse o inspetor, dando partida ao carro.

A mulher do agente da estação foi vê-lo mais ou menos às 11 horas.

– Ed, você viu o desfile do circo? - perguntou ela. - As crianças querem ir, mas fica tão longe que estou com medo de deixar. Você acha que vale a pena?

– Acabei de ver o desfile agora mesmo - disse Ed. - Tudo que eles têm são três carroças puxadas por cavalos ou alguma coisa parecida. Eu tinha certeza de que devia haver alguns caminhões. Não faço ideia de como eles chegaram aqui na cidade. O que eu sei é que aqueles animais não vieram puxando as carroças desde a Califórnia ou seja lá de onde vieram. Não, acho que as crianças não iam gostar. Tem uma cobra grande numa carroça, um índio ou coisa parecida na outra e na última um cachorro engraçado. Para dizer a verdade, acho que os meninos não iam gostar. Não vi palhaços nem nada dessas coisas.

Um dos empregados da estação, que estava ouvindo a conversa, perguntou:

– Onde estava o tal índio, Ed? Acho que não vi.

– Na carroça do meio.

– Ha, ha! Índio nada, seu! Era um ursão. Engraçado, dois sujeitos ali perto também se enganaram igual a você. Pensaram que o urso fosse um homem. Ha, ha, ha!

– Bem, então era um urso muito parecido com gente - aquiesceu Ed.

– O senhor esteve preocupado com o tal circo a manhã inteira - disse o sargento ao chefe de polícia. - O desfile está passando agora. Não quer sair para ver?

Essas palavras quebraram a inércia reinante na sala e praticamente toda a força policial saiu correndo entre as escarradeiras e ficou no meio-fio, ao lado do carro da polícia, olhando a parada.

O velho chinês que guiava a primeira carroça percebeu os uniformes e fez uma medida para os agentes da lei. O unicórnio atrelado aos tirantes também notou os botões reluzentes e, erguendo para o céu o chifre pontiagudo, uivou como uma corneta e dançou nas patas traseiras. O idoso chinês chicoteou-o e o animal parou de empinar.

– O china ali tem um cavalo e tanto - disse um dos policiais subalternos. - Como será que ele arranjou aquele chifre, vocês imaginam? Nunca ouvi falar

em cavalo com chifre.

– Aquilo não é um cavalo - disse o outro policial. - É um unicórnio.

– O que é um unicórnio?

– Bem, acho que é uma espécie de cruzamento de cavalo com rinoceronte. Eles vêm da Armênia ou algum lugar desses.

– Ah, é. Agora estou lembrando de que quando era menino li alguma coisa sobre eles na escola. Não são muito raros, ou alguma coisa assim?

– Raros como o diabo.

– Que cobra comprida que vai ali, rapaz. De que raça será?

– Parece uma boa constrictor.

– Nada disso - falou um patrulheiro. - Não é uma boa. É uma sucuri da América do Sul. Teddy Roosevelt pegou uma quando esteve caçando por lá alguns anos atrás.

– É venenosa?

– Se é! Ali tem veneno para matar um regimento inteiro.

– Éta cobra danada!

– Já vi maiores quando tomo umas e outras - disse um guarda gordo.

Os outros riram e concordaram.

O sargento, que estivera olhando da janela, gritou:

– Ei, chefe, nós precisamos é de uma carroça como aquela do meio para enfiar nele bêbados que nem aquele sujeito que está enjaulado.

– É uma boa ideia - disse o chefe de polícia. - Só não vejo ninguém enjaulado.

– O senhor não está vendo o camarada na carroça?

O chefe riu.

– Hi, hi! O Careca acha que aquele urso é um homem. Deve estar precisando de um exame de vista.

– Não estou vendo nenhum urso, chefe - disse o patrulheiro.

– Ora essa, ele está bem debaixo de seu nariz. Limpe os óculos e tente enxergar.

– Quero ser mico desse circo se aquilo é um urso - disse o patrulheiro.

– Sabem de uma coisa - disse o chefe de polícia devagar - há dois tipos de gente com quem nunca discuto: com mulher e com imbecil. E você não é mulher!

A Sra. Rogers perguntou aos três filhos se haviam gostado do desfile.

– Eu não gostei - disse Willie. - Não tinha palhaços, nem elefantes, não tinha nada.

– Eu gostei - disse Alice. Tinha uma mulinha muito bonitinha. Toda brilhante, como se fosse de ouro.

– Eu gostei foi do cachorro verde - disse a pequena Edna.

– Cachorro verde? - admirou-se a Sra. Rogers. - Ora, Edna, alguém já viu cachorro verde?

– Era verde sim, mamãe. Verde como capim. Só que não latia nem nada.

- E tinha uma coisa igual à estátua da mesa - disse Willie.
- Que estátua? - perguntou a Sra. Rogers.

Willie foi buscar a estatueta.

- Essa aqui. Como é que ela se chama mesmo?
- Bem, isso se chama esfinge, mas tenho certeza de que você não viu nenhuma esfinge numa parada de circo.
- Vimos sim, mamãe - disse Alice. - Uma esfinge de verdade, viva. Parecia um leão com cabeça de mulher; Estava puxando uma carroça com um urso grande.
- Não era um urso - disse Edna. - Era um homem.
- Era um urso - insistiu Alice.
- Era um homem.
- Era um urso.
- Era um homem.
- Chega, chega! Não comecem outra vez com isso - disse a Sra. Rogers. - O que era, Willie, um urso ou um homem?
- Eu achei que era um urso - disse Willie.

A Sra. Rogers sentou-se.

- Às vezes vocês enxergam as coisas mais esquisitas desse mundo. O que mais havia, Alice?
- Bem, tinha um homem de chifres na cabeça igual a um bode. Tinha um chinês. E uma cobra. E também um homem parecido com Deus.
- Ora, Alice - disse a Sra. Rogers - como é que você é capaz de dizer uma coisa dessa?
- Bem - explicou Alice - ele era igualzinho a esses desenhos de Jesus no livro da escola dominical, não era, Edna?
- Igualzinho mesmo - disse Edna. - Cabelo e barba compridos, roupa branca e tudo. Tinha um jeito de ser muito velho.
- E não havia mais nada na parada? - perguntou a Sra. Rogers.
- Era só isso, mamãe. Não tinha palhaços, nem elefantes, nem banda de música, nem camelos, nada.
- Não havia cavalos?
- Tinha um cavalo com um chifre na testa, mas ele tinha um rabo gozado - disse Edna.
- É, parece que foi um desfile muito esquisito - disse a Sra. Rogers. - Queria ter visto.

Daí a pouco o bombeiro Rogers entrou em casa com um ar divertido.

- O que foi? - perguntou sua mulher.
- Não sei - disse o bombeiro. - Parece que está tudo errado. Essa parada que eu acabei de ver. Ah, sim, antes que eu me esqueça: arranjei trabalho, Sara, nove meses de trabalho a partir de amanhã.
- Graças a Deus! - exclamou a Sra. Rogers. - Onde? Diz depressa.
- Ah, serviço de manutenção no hotel. Mas eu queria falar sobre a parada.

Nunca vi coisa igual. Uma cobra que aposto que tem uns 25 metros. E depois tinha um china. Um camarada velho e engraçado. Ah, sim, mas eu queria falar era sobre um urso que estava enjaulado. Um sujeito a meu lado teimou que era um homem. Já ouviu falar de uma coisa dessas? Não saber diferenciar um homem de um urso! Primeiro eu pensei que ele estivesse brincando, mas ele ficou pé e aí eu fiquei quieto e deixei que ele pensasse o que quisesse. Já ouviu falar numa coisa dessas?

– Já - disse a Sra. Rogers. - Ouvi falar muito esta manhã.

– Como?

– Ora, as crianças também viram a parada.

– Ah, foi? Que bom. Eles não pensaram que o urso era um homem, pensaram?

– Willie achou que era um russo - disse a Sra. Rogers.

Quando faltavam 15 minutos para as 11, Agnes Birdsong, a professora de inglês do ginásio, estava na rua principal esperando o desfile, sentindo-se um tanto tola. Sentiu-se ainda mais tola ao constatar que afinal o tão falado desfile não passava de um pequeno cortejo bobo. Mas ela estava bonita, em pé na sombra, com um vestido leve de verão. Sabia que estava bonita, e ficou ali esperando.

A princípio, não conseguiu de maneira alguma identificar os animais. Depois disse consigo mesma: - Claro, aquilo é um unicórnio. - Entretanto, lembrou-se de que os unicórnios são seres imaginários. - É uma patranha - corrigiu-se.

Agnes contemplou a cobra com uma vaga sensação de mal-estar. Detestava cobras, quaisquer que fossem, mas aquele enorme verme cinzento de língua amarela, garganta escarlate e olhos como gemas lapidadas perturbou-a e assustou-a. Imagine se ela se soltasse! É claro que estava presa na jaula, mas e se saísse dali?

Terrível. O chinês idoso e sorridente, percebendo seu temor, estendeu o braço para trás e cutucou a serpente com o cabo do chicote. O réptil assoviou como um pneu de caminhão que se esvazia e mudou de lugar.

Agnes estremeceu.

Foi então que ela viu a esfinge e o velho de barba que a conduzia, bem como o homem dentro da jaula. O velho barbudo devaneava, com as rédeas frouxas na mão. Seu pensamento, longe de Abalone e da participação no cortejo, brincava de manso em algum recanto perdido do universo de sua mente. Notando a desatenção do condutor, a esfinge tomou o freio nos dentes, puxou-o com um arranco e quase tirou as rédeas das mãos do velho.

– Preste atenção a seu trabalho, Apolônio - rosnou.

Agnes Birdsong quase caiu sentada na calçada, tamanho foi seu espanto. Olhou para as pessoas em volta, mas elas não pareciam ter ouvido nada. Agnes tocou seu pulso e a fronte.

– Eu sou uma moça calma e inteligente - disse ela, com firmeza. - Eu sou uma moça calma e inteligente.

Surgiu então a última carroça, puxada pelo jumento dourado e conduzida pelo sátiro de pés rachados. Um pequeno aro de ouro pendia do nariz do sátiro; a seu lado, sobre o banco, estava sua flauta de junco. Para Agnes, ele cheirava a bode. Tinha o torso esguio como o de um corredor de maratona; seus cascos tinham manchas verdes de relva. Uma folha de videira estava presa em seus cabelos. O sátiro olhou de banda para Agnes. Cobriu os olhos com as mãos e olhou de banda. Virou-se no banco, com os olhos postos em

Agnes, arregalados, como se em sua longa vida não se lembrasse de nada que se comparasse com ela.

– Eu sou uma moça calma e inteligente e Agnes voltou a se assegurar. - Sou uma moça calma e inteligente e não posso ter visto Pã aqui no meio da rua. Seja como for, vou ao circo para ter certeza.

Às 12h15mim, o Sr. Etaoin, o revisor da Tribuna, passou pela redação para saber como conseguir um passe para o circo.

O chefe da redação deu-lhe um. - O china trouxe alguns hoje de manhã. Um camarada esquisito. Fala bem inglês. Não quis publicidade gratuita para o espetáculo, nem coisa nenhuma. Disse saber ser costume os jornalistas entrarem de graça em circos, e que por isso ele estava trazendo uns passes para evitar problemas na entrada. A propósito, Etaoin, você viu o desfile esta manhã? Eu perdi, mas pelo que ouvi contar foi uma coisa bem esquisita.

– Esquisita não digo, mas que foi diferente, foi - disse Etaoin. - Ouvi falar de um urso parecido com um homem?

– Não - respondeu o chefe da redação - mas me falaram de um homem parecido com um urso.

– Dá no mesmo - disse o revisor.

– Bem, e esse negócio do unicórnio? - quis saber o homem.

– É, eles tinham um unicórnio também.

– É mesmo? Tenho a impressão de ter ouvido também alguma coisa sobre uma esfinge.

– Exatamente.

– É mesmo?

– Hum, hum - fez Etaoin. - E estava lá o asno de ouro de Apuleio, e também a serpente marinha e Apolônio de Tiana, o cão das sebes e um sátiro.

– Um jardim zoológico dos mais estranhos - disse o chefe de redação. - Não esqueceu nada?

Etaoin pensou um momento.

– Ah, sim - disse. - Esqueci, sim. Havia aquele russo.

Às 15 para as duas, o Sr. Etaoin saiu para o circo, desejoso de ver o que havia nas barracas menores, antes que a tenda maior fosse aberta para a função principal. Seu passe dava-lhe direito a ver o que quisesse. Não havia vantagem em não utilizá-lo ao máximo. Não havia porque não aproveitar tudo a que tinha direito. O dinheiro existia para comprar coisas, mas os passes tinham a finalidade de levar uma pessoa de graça aonde ela quisesse. A liberdade de imprensa.

O dia estava quente. Etaoin pensou como era bom que estivesse quente, e não frio na mesma proporção - nesse caso a temperatura estaria abaixo de zero. Sobretudo. Cachecóis. Galochas, capuzes. E toda vez que ele entrasse por uma porta os óculos se embaçariam e ele teria de tirá-los e olhar as coisas com olhos aquosos enquanto secasse as lentes. Abaixo o inverno. Uma praga para a neve. Um palavrão para o frio. O único gelo que o Sr. Etaoin desejava voltar a ver era aquele em pequenos cubos numa geladeira elétrica. A única neve que gostaria de rever era a dos jornais cinematográficos. Enxugou o suor da testa e atravessou para a sombra, do outro lado da rua. Havia passarinhos pousados nos fios telefônicos, de bicos abertos por causa do calor abrasante. Ondas de

calor subiam dos tetos das casas, deformando a paisagem como folhas de celofane. Quando o Sr. Etaoin chegou ao circo, já quase o esquecera. Enquanto caminhava em direção às barracas, imaginou o que estaria fazendo ali naquele campo poeirento, ao sol esturricante da hora. Foi então que, sobre o caminho entre as fileiras de toldos, viu uma enorme faixa vermelha e negra:

O CIRCO DO DR. LAO

– Então, é esse o nome - pensou o Sr. Etaoin.

As barracas eram todas negras e reluzentes, e não tinham a forma de tendas, e sim de ovos cozidos postos em pé. Começavam na calçada e se estendiam até o fim do campo, com reverberações de calor subindo em cima de cada uma. Não se avistava nenhuma carrocinha de pipoca. Nenhum vendedor de balões. Ninguém batendo matracas. Nenhum monte de feno. Nenhum cheiro de elefantes. Nenhum biscateiro lavando-se com baldes velhos. Nenhuma mulher envelhecida fritando salsichas em tabuleiros cobertos de moscas. Nenhuma cavilha de barraca enfiada no chão a cada nove passos.

Algumas pessoas caminhavam a esmo. Outras andavam em volta das fileiras de barracas. Entretanto, todas as portas estavam fechadas; como casulos, ocultavam suas misteriosas larvas; e o sol dardejava sobre o circo de Abalone, Arizona.

Um gongo soou e estilhaçou o silêncio ensolarado. Seus gritos metálicos rolaram em vagas sonoras e irritantes. Ondas de calor calcinavam a pele. Ondas de poeira cauterizavam os olhos. Ondas de som rebentavam os ouvidos. O gongo vibrava com fragor, repercutindo e ressoando; abriu-se a porta de uma das barracas e uma plataforma projetou-se para fora. Sobre ela saltou um chinês e o gongo calou-se. O homem começou a arengar. Começava a função do circo do Dr. Lao.

"Venham, este é do doutor Lao o circo afamado.

Mostramos aquilo de que ninguém jamais havia cogitado,

Falamos de um mundo que excede todo o imaginado.

Com esforço e amor o globo inteiro foi revirado Para se achar os animais do espetáculo renomado - Desde os mares altos, navegando com o pano enfunado Até os bosques do zéfiro leve e perfumado.

Ah, pena não se poupou, nenhum trabalho foi exagerado Para a exploração dos segredos do longo passado.

E subimos ao céu, mergulhamos no abismo insondado Para que fosse nosso circo por todos admirado.

E o que aqui se vê será para sempre lembrado Por tempos afora, mesmo quando o tempo alargado Houver transformado criança lépida em ancião cansado,

Pois este é do doutor Lao o circo afamado.

Chegam os dias e passam-se os anos, com grande enfado,

Mas circo como este jamais será de novo apresentado!"

O pequeno bailarino amarelo saltava sobre a plataforma entoando seus versos de pé quebrado; a multidão de homens negros, vermelhos e brancos fitava-o e se maravilhava com sua alegria esfuziante.

A barulheira cessou. O velho chinês desapareceu. De todas as barracas surgiram bandeirolas anunciando o que ocultavam e que revelariam por uma certa quantia. A

multidão perdeu sua identidade; o indivíduo readquiriu a sua, cada qual procurando o que julgava que mais lhe agradava. O Sr. Etaoin pensou no que veria primeiro. Sobre ele balançava uma faixa anunciando: LÊ-SE A SORTE. - Vou mandar ler minha sorte - pensou o Sr. Etaoin, entrando depressa na barraca.

Agnes Birdsong, a professora de inglês do ginásio, chegou ao circo às duas e dez. Estacionou habilmente seu pequeno cupê junto ao meio-fio, do outro lado da rua, fechou as janelas, saiu, trancou as portas e atravessou a rua em direção ao aglomerado de barracas.

Sobre uma plataforma, diante de uma das tendas, o velho barbudo que devaneava enquanto guiava a carroça no desfile da manhã estava anunciando as atrações do circo. Era uma das mais mediocres arengas que Agnes já ouvira na vida, e ela já tivera ocasião de escutar algumas terríveis. O velho falava com voz fraca e fina, evidentemente de improviso, pois às vezes tinha de parar e pensar o que diria a seguir. Estava falando a respeito das atrações das barracas secundárias:

-... e naquela tenda ali, a terceira depois da principal, os senhores poderão ver a químera, um animal muito curioso. Acredito que nenhum dos aqui presentes saiba o que é uma químera, mas não importa; entrem e vejam-na. Ela não lhes fará nenhum mal, é claro. Depois de ficar cativa por tanto tempo, sua natureza abrandou-se. Creio que ela está mudando de pele agora, isto é, a pele da parte de leão, e por isso não deve estar tão brilhante, mas o aspecto dela não se modificou muito, é claro. E o doutor Lao estará por perto para responder a qualquer pergunta que os senhores queiram fazer a respeito da químera. Um animal muito curioso. Ao que me parece, estão quase extintas. Não faço ideia de onde foi que o doutor conseguiu esta. Na barraca seguinte está o lobisomem, acho; é, é nessa mesmo. Creio que todos aqui sabem o que é um lobisomem. Um animal dos mais interessantes, sem qualquer dúvida. Daqui a algum tempo, no mês de outubro, ele se transforma em mulher durante seis semanas. É interessante observar o período de metamorfose. É pena que ele não esteja mudando de forma agora. Eu sei que todos os presentes gostariam de ver um lobo transformar-se em mulher. Em geral nós o alimentamos com costeletas de carneiro. Mas o doutor Lao dirá tudo sobre o lobisomem na barraca. Ele costuma fazer uma palestra muito interessante sobre o lobisomem. Eu próprio ainda pretendo ouvi-la algum dia. Para ser franco, não disponho de muitas informações sobre o animal. Em outra tenda está a medusa. Na tenda em frente eu faço números de mágica. E vejamos... ah, estou certo de que todos gostariam de ver a sereia, uma vez que nesta região árida, distante do mar, essas criaturas marinhas devem ser tremendamente raras. Há também o cão das sebes, que provavelmente os senhores nunca viram, porque é um animal nativo das pradarias, dos bosques e de vegetações semelhantes. O espetáculo só para homens fica na última barraca. Tenho a impressão de que a dança da fertilidade dos sacerdotes negros começará daqui a pouco. É claro que esse número é só para homens.

- Fico muito satisfeito de ver tanta gente aqui esta tarde, e afianço que o doutor Lao se sentirá igualmente satisfeito. Ele teve muito trabalho para reunir todos esses animais, e sei que todos verão com interesse feras tão estranhas. Ah, sim, esqueci de lhes falar sobre o ovo do pássaro roca. Está em outra barraca, lá nos fundos. Não sei ao certo qual é. É um ovo enorme, quase do tamanho de uma casa, e transpira água salgada. Tenho certeza de que todos estarão interessados em ver o ovo do pássaro roca. O doutor Lao fará uma palestra sobre ele na tenda. Acho que é a terceira, de lá para cá, mas não tenho certeza. Realmente, devo me familiarizar mais com a localização das diversas barracas. Bem, acho que todos estão cansados de me ouvir

falar e queiram ir ver os espetáculos. Não se esqueçam, meu número de mágica é naquela barraca bem defronte.

O velho desceu da plataforma, devagar e com esforço, abrindo caminho na multidão para a barraca onde realizava seu número. Algumas pessoas os acompanharam. Agnes Birdsong ficou parada, indecisa. Pelo canto do olho direito, viu o velho chinês andando depressa com um bule de chá na mão; na outra mão levava um cachimbo de ópio. Chamou-o.

– Doutor Lao?

– Pois não?

– Onde fica a barraca de Pã?

– Não temos Pã neste circo, minha senhora. Com certeza está-se referindo ao sátiro que participou de nosso desfile esta manhã. Ele está naquela tenda ali. O ingresso custa dez centavos. Se deseja vê-lo, pague a mim aqui mesmo e pode entrar. Estamos com falta de bilheteiros no momento.

Agnes entregou duas moedas ao chinês e, assegurando-se que era uma moça calma e inteligente, entrou na barraca para ver o sátiro.

Ele estava se coçando numas videiras, com a barba rala e em tufo toda suja de borra de vinho. Os cascos tinham manchas de esterco e suas mãos eram ossudas, ásperas e nodosas; tinham uma cor pardacenta, eram grossas e de unhas longas. Entre os chifres havia um ponto pelado, cercado por pelos encaracolados e cinzentos. Suas orelhas eram afiladas, e músculos magros e finos corriam por seus braços. O pelo de bode ocultava os músculos da perna. Suas costelas apareciam sob a pele e os ombros erguiam-se até as orelhas.

O sátiro sorriu para Agnes, pegou a flauta e começou a tocar. Uma música fina e delicada de juncos dançou no ar denso da tenda escura. O sátiro levantou-se e dançou, ao som da música que ele próprio tocava, a cauda de bode sacudindo-se bruscamente, retesando-se, abanando. Seus pés dançavam uma jiga, com os cascos batendo um contra o outro e marcando o compasso, golpeando o chão sujo, tinindo, estalando, retinindo. O bodum tornou-se mais ativo.

Agnes ficou onde estava, assegurando a si própria ser uma moça calma e inteligente. O sátiro saltava ao redor dela, agitando a flauta, meneando a cabeça contorcendo os quadris, sacudindo os cotovelos. A flauta soava, cantava. A porta da barraca fechou-se. Em volta de Agnes galopava o idoso homem-cabra. Os pilolos da flauta guinchavam em seus ouvidos, como o bimbalar de minúsculas sinetas, provocando nela um nervosismo que a sacudia e fazia seu sangue latejar. Com as veias intumescidas pelo sangue em disparada, ela tremia como as ninfas gregas haviam tremido quando o mesmo sátiro, 20 séculos mais jovem, havia dançado e tocado para elas. Agnes estremeceu e olhava. E a flauta silvava, assoviava, sibilava.

O sátiro aproximou-se dela, dançando, roçando com as pontas dos cotovelos seus belos braços nus, tocando-lhe o vestido com as coxas hirsutas. Pequenos sacos de almíscar atrás dos seus chifres incharam e se abriram, exalando um denso odor oleoso - um prelúdio do cio. A criatura pisou o pé de Agnes com um casco; a dor fez com que lágrimas rolassem pelos olhos dela. O sátiro beliscou-lhe a coxa, enquanto continuava sua dança. Doeu, mas Agnes descobriu que dor e lubricidade eram sensações afins. O cheiro que se desprendia dele era enlouquecedor. A barraca recendia a almíscar Agnes sabia que

estava suando, que gotas de suor escorriam de suas axilas e umedeciam sua blusa. Sabia que suas pernas estavam brilhando de suor. O sátiro continuava a bailar de pernas tesas ao redor dela, seu peito ossudo subindo e baixando com o sopro incessante. Saltou sobre pernas duras; atirou a flauta num canto distante; e então investiu contra Agnes. Mordeu-lhe os ombros e as unhas penetraram em suas coxas. O cuspe de seus lábios misturou-se à perspiração em volta da boca de Agnes, que se sentiu ceder, cair, desfalecer - para ela o mundo girava cada vez mais vagarosamente, a gravidade enfraquecia, a vida começava.

A porta da barraca abriu-se e o doutor Lao entrou.

– O sátiro - falou - talvez seja a figura mais encantadora da antiga mitologia politeísta grega. Combinando as formas de homem e de bode, sua constituição sugere fertilidade, uma vez que tanto o homem como o bode são animais de extraordinária atividade sexual. Na verdade, para os gregos os sátiros eram uma espécie de deificação da luxúria, divindades dos bosques, semideuses silvestres. E realmente os arvoredos e silvados são hoje os locais favoritos dos amantes que procuram fugir a olhos indiscretos...

– Pegamos esse camarada perto da cidade de Tu-jeng, no norte da China, perto da Grande Muralha. Nós o capturamos com uma rede, junto de uma pequena cachoeira, uma rede que havíamos preparado para a quimera. Aliás, embora não soubéssemos disso na época, é impossível capturar uma quimera com rede, devido a seu hábito de fogo, que queima as malhas. Mas isso é outra história, que fica para depois.

– Os sátiros não são onívoros como o homem, e sim herbívoros, como o bode. Alimentamos este nosso amigo com cocos, favas e ervas. Ele come também alface e um pouco de couve. Entretanto, sempre recusou cebolas e alho. E não bebe nada além de vinho.

– Note a senhora que ele tem um anel de ouro no nariz. Não sei como explicar isso. Já o usava quando o pegamos, mas ignoro como o obteve.

– Observe também que esse sátiro é muito velho. Não duvido de que se trate de um dos sátiras originais da antiga Hélade. Como são semideuses, os sátiros obviamente vivem muito, muito tempo. Calculo a idade desse em quase 2.300 anos, embora Apolônio, meu colega, esteja propenso a lhe atribuir ainda mais. Se ele pudesse falar talvez nos relatasse fatos curiosíssimos sobre sua existência. Narraria, por exemplo, como a penetração da hostil divindade cristã expulsou a ele e aos outros de sua espécie das colinas helênicas, obrigando-os a procurar refúgio em terras inóspitas. Contaria como alguns de seus parentes foram para o Norte da Europa, onde se tornaram deuses estranhos - Adônís tornando-se Bálder, Circe transformando-se numa das Lorelei e os Lares Domestici transmudando-se em relógios de cuco e estatuetas de lareira. Realmente, creio que ele teria muito o que contar.

– No entanto, o mais interessante seria a narrativa de sua própria viagem para a China, o espanto ante os templos de laca e os cilindros de rezar, a repugnância que senti pelos condimentados vinhos chineses, a tristeza que lhe inundou o coração por causa das donzelas chinesas, com os pés metidos em duros sapatos de pau, que não podiam dançar ao som de sua flauta. Pobre semideus perdido e abandonado!

– Os sátiros tiveram origem, acredito, nos antigos tempos bucólicos, quando os

homens passavam longos períodos nas colinas com seus rebanhos. Para se divertir e apaziguar os rebanhos, os pastores tocavam flautas como esta que nosso amigo tem consigo agora. Sem dúvida, de noite, nas colinas, ao pé de suas fogueiras, os pastores sonhavam com o amor. Os homens sonham com o amor, a senhora sabe. Bem, eles sonhavam e seus sonhos tinham tal vigor que acabavam por afetar os próprios rebanhos. Então, na magia do luar, talvez uma cabra se transformasse em formosa rapariga. E quando as cabras pariam, via-se um filhote estranho e minúsculo saltitando entre os irmãozinhos lanosos. Na testa, traz os chifres da mãe; seus pés têm cascos como os dela; mas o resto do corpo é de homem. Ele cresce desprezando os carneiros enfadonhos e temendo o homem. Rouba o alaude do pai e foge. Aldeões rústicos o veem ao crepúsculo, à beira de um lago, e nasce aí um novo deus pastoral...

– O sátiro senta-se à margem de um lago espelhado e toca. Até os peixinhos se aglomeram e imitam um bailado, pois a música de sua flauta é irresistível. Ele sopra a flauta e as folhas das árvores dançam, os vermes esticam as cabeças para fora de seus buracos, contorcendo-se, e debaixo das pedras escorpiões abraçam escorpiões num êxtase quente, orgiástico... Pouco a pouco, uma ninfa vem espiar furtivamente entre as videiras...

– Mas isso foi há muito tempo, e este é um sátiro velhíssimo. Duvido que hoje ele pudesse fazer qualquer coisa assim. Vamos sair para ver a serpente marinha na outra barraca, bem ao lado desta. Por favor, minha senhora, tenha a bondade...

A família Rogers chegou ao circo pouco depois das duas da tarde. As crianças estavam excitadas porque iam ao circo; a mãe exultava porque finalmente o marido havia conseguido um novo emprego.

– Bem, não tenho muito dinheiro - disse o pai - mas podemos entrar em uma ou duas dessas barracas e depois ir ver o espetáculo principal. O que vocês preferem ver primeiro, meninos?

Incapazes de decidir, as crianças discutiram entre si, zangando-se.

– Sabem de uma coisa? - disse a Sra. Rogers, depois de escutar um momento. - Vamos ver aquele urso, homem, russo ou seja lá o que for. Eu gostaria de ver essa coisa que causa tanta discussão.

O bombeiro Rogers concordou e a família saiu à procura da barraca do urso, mas não a encontraram. Então o doutor Lao apareceu de novo na plataforma, repetiu seu poema e começou a falar sobre o circo.

John Rogers foi até a plataforma e pediu:

– Diga uma coisa, doutor, onde o senhor prende os ursos? Nós queremos ver aquele grande outra vez. Aquele da parada, hoje cedo.

– Mim non sabe usso glande - disse o doutor Lao, prosseguindo em seu discurso:

– Senhoras e senhores, na tenda da direita encontrarão Apolônio de Tiana, o taumaturgo mundialmente famoso, contemporâneo de Cristo. Nesse tempo, costumava-se dizer: "Sócrates deixa os homens na Terra, Apolônio eleva-se ao céu. Sócrates não é senão um sábio, Apolônio é um deus." Bem, ele está ali, naquela tenda, pronto a fazer um ou dois milagres para a edificação dos

senhores. Verão que se trata de um homem muito idoso. Vive desde o começo da era cristã, e os anos começam a pesar sobre ele. Além disso, só recentemente aprendeu a falar inglês; tenham tolerância com ele e não riam de seus erros. Lembrem-se: ele é o homem que passou cinco anos em silêncio escutando o conselho de seu coração, o homem que conversou com os astrólogos da Caldeia e lhes transmitiu coisas que nunca haviam sonhado, o homem que profetizou a morte do imperador Domiciano, o homem que se submeteu às 80 provas de Mitra. Na tenda à direita, senhoras e senhores. O ingresso custa dez centavos. As crianças de colo entram gratuitamente.

– Ei, doutor - insistiu o bombeiro Rogers - e o urso grande? Todos nós queremos vê-lo novamente.

– Mim non sabe usso glande - replicou o doutor Lao, continuando:

– Nessa barraca à esquerda, boa gente, está uma daquelas mulheres medonhas, uma medusa. Quem a encara de frente é transformado em pedra.

O doutor abriu a porta da barraca que ficava às suas costas e mostrou uma figura de pedra.

– Isto é o que restou de uma pessoa da última cidade em que nos exibimos. Esse homem não quis dar ouvidos à minha advertência de que só deveria olhar o reflexo da medusa num espelho. Ao invés disso, esgueirou-se atrás do anteparo de lona e fitou-a de frente, no rosto. E isto, senhoras e senhores, é o que resta dele. Não é uma estátua muito boa, não é mesmo? Permitam-me implorar-lhes, senhoras e senhores: para seu próprio bem, quando entrarem naquela tenda, olhem a medusa apenas pelo espelho. É profundamente contrastador termos, a cada exibição, um ou dois clientes transformados em pedra. Além de tudo, é sempre difícil explicar o problema à polícia. Por isso, mais uma vez lhes suplico que olhem apenas o reflexo da medusa, e não seu rosto.

John Rogers puxou o manto do doutor Lao pela bainha.

– Nós queremos ver o urso grande, doutor, eu, minha mulher e as crianças. Em que barraca ele está?

O doutor Lao franziu o cenho para o bombeiro.

– Usso glande, usso glande, senhô só falá usso glande! Se senhô não gosta de cico, non plecisa ficá. - O doutor Lao abriu os braços e prosseguiu em sua arenga:

– É possível que o animal mais estranho de nossa coleção, animal esse que os senhores não devem deixar de ver, seja o cão das sebes, a mais singular de todas as criaturas. Esse animal surgiu entre as cercas vivas e os relvados do Norte da China, e é o símbolo vivo do verdor, da vida vegetal perene e fecunda, da transição entre o reino animal e o vegetal. Os maiores cientistas do mundo têm estudado esse animal, sem conseguir determinar se ele pertence à fauna ou à flora. A opinião dos senhores valerá tanto quanto qualquer outra. Quando o virem notarão que, embora ele tenha a forma de um cão comum, as partes de seu corpo são partes de plantas. Os dentes, por exemplo, são espinhos grossos e rígidos; sua cauda é feita de um trançado de fetos; seu pelo é de relva; suas garras, de carrapichos; seu sangue é clorofila. O cão das sebes é certamente a criatura mais esdrúxula que já se viu sob a abóbada celeste. Nós o

alimentamos com maçãs silvestres e nozes verdes. Além disso, às vezes, ainda que raramente, ele como caquis. Permitam-me aconselhar-lhes, bons amigos, que não deixem de ver o cão-das-sebes, mesmo que tenham de renunciar à sereia ou ao lobisomem. Como o cão das sebes não existe nada igual.

– Acho que não vou conseguir saber de nada pelo china - disse o bombeiro à sua mulher. - Vamos ver outra coisa. Depois talvez a gente ache o urso.

– Bem, nesse caso vamos ver o mágico? - propôs a Sra. Rogers. - Acho que as crianças vão gostar.

O bombeiro e sua família entraram, pois, na tenda da direita, a fim de assistir ao número de Apolônio. Além do mago, eram as únicas pessoas na tenda.

Apolônio olhou-os sonhadoramente, enquanto entravam.

– São dez centavos por pessoa - disse.

John Rogers estendeu-lhe meio dólar. O taumaturgo pôs a moeda numa velha caixa de charutos e coçou a cabeça, pensativo. - Que espécie de mágica os senhores gostariam de ver? - perguntou.

– Quero ver o senhor tirar um porco deste saco - disse Alice, estendendo-lhe um saco de doces.

– Elementar, minha criança, elementar - disse Apolônio. Meteu dois dedos na boca do saco e tirou dele um leitãozinho. O animal quinchou, contorceu-se e agitou as patas traseiras. O mago entregou-o a Willie. - Fique com ele, meu filho. Alimente-o bem. Algum dia ele poderá vir a ser um bom prato no almoço.

– Ah, essa não - exclamou a Sra. Rogers. - Não temos lugar para um porco de verdade! Nossa casa é tão pequena, vocês sabem.

– Que pena - disse Apolônio, apanhando o porquinho da mão de Willie e enfiando-o de volta no saco. - Era um porquinho lindo. O que vocês querem ver agora?

– O senhor faz truques com baralho? - perguntou a Sra. Rogers.

– Muitos e muitos - respondeu Apolônio. Tateou as vestes à procura de um bolso, tirou dele um maço de cartas de jogar e as embaralhou, fazendo-as subir e descer em graciosas espirais e parábolas; formavam pirâmides, misturavam-se e se desintegravam, mas voltando sempre a formar um maço com arestas perfeitamente regulares.

– Isso não é magia - comentou Apolônio. - É apenas destreza manual. Os senhores permitem que eu transforme vinho em água?

– Por que não fazer água virar vinho? - perguntou o bombeiro.

– Posso fazer isso com a mesma facilidade. - Apolônio ergueu um vaso de água e murmurou alguma coisa sobre ele. A água mudou de cor e um suave aroma de vinho

espalhou-se pelo ar. Apolônio estendeu o vaso ao bombeiro.

– Experimente.

John provou.

– Xerez - disse.

Apolônio provou.

– Eu diria moscatel - corrigiu. - O que a senhora acha que é?

A Sra. Rogers experimentou o vinho.

- Parece um pouco com aquele da igreja - disse ela, pensativa. - Na verdade, como é o único vinho que já bebi, não sei comparar direito.
- Bem, não é vinho sacramental - disse Apolônio. - Estou certo disso. Mas beba-o antes que o doutor Lao o veja. Ele não gosta de que haja álcool no recinto do circo.

Edna Rogers puxou a saia da mãe.

- Mamãe, pede a ele que faça uma coisa para a gente ver - pediu, fazendo beicinho.
- Gosta de flores? - perguntou Apolônio.
- Um pouco - disse Edna.
- Não, a gente não gosta - disse Willie.
- Ah, sim, faça algumas flores para as crianças - pediu a Sra. Rogers.

O taumaturgo fez passes no ar e pétalas de rosas caíram em volta de toda a família e sobre seus ombros. Fez novos passes e violetas cresceram em volta de seus pés. Flores negras, de cantos amarelos, subiram pelas paredes da tenda. Flores malvas, felpudas e de estreitas folhas verdes brotaram entre as violetas. Uma grande flor cinzenta flutuou na extremidade de uma haste penugenta, sobre suas cabeças. Tinha barbilhas como um bode. Espinhos e carrapichos projetavam-se das pontas das pétalas desiguais.

Apolônio olhou a flor estupefato.

- Céus, nunca fiz uma flor como essa em toda minha vida. De que espécie será? O senhor sabe?
- Não - respondeu o bombeiro. - Não entendo muito de flores. Só conheço as comuns, como dentes-de-leão e essas assim.
- Bem - disse Apolônio - de qualquer modo é uma flor e tanto.
- O senhor faz truques muito bem, eu acho - disse a Sra. Rogers. - Vocês não acham, meninos?
- Oh, isso não são truques, minha senhora - disse o mágico, melindrado. - Truques são coisas que enganam as pessoas. Em última análise, truques são mentiras. Mas essas flores são reais, da mesma forma que o vinho era real, e também o porquinho. Eu não faço truques. Eu produzo magia. Eu crio; eu transponho; eu dou cor; eu transubstancio; eu decomponho; eu recombino; mas nunca faço truques. A senhora gostaria de ver uma tartaruga? Posso criar uma tartaruga de alta qualidade.
- Eu quero ver - disse Willie. - Eu quero ver uma tartaruga

O mago afastou com os pés algumas violetas, até chegar ao solo nu. Raspou o chão até juntar terra suficiente para encher as duas mãos. Modelou a terra entre os dedos, alisando-a, dando-lhe forma, batendo-a e esfregando-a. A terra tornou-se amarela, grossa e maleável.

- Olhe, vejam - disse Alice. - A terra está virando uma tartaruga. Puxa, que truque maravilhoso!

Apolônio colocou a tartaruga no chão. A cabeça estava recolhida dentro da carapaça. O

mágico bateu no casco com uma vara.

– Geralmente isso faz com que elas estiquem a cabeça - explicou.

Depois de alguns golpes de leve com a vara a tartaruga realmente espichou a cabeça para fora. Entretanto, ao invés de uma única cabeça, apareceram duas. As cabeças estavam dispostas lado a lado, unidas ao pescoço como os dentes de uma forquilha. As duas cabeças abriram os quatro olhos e as duas bocas e bocejaram. Então, cada cabeça tentou sair para uma direção diferente.

– Céus! - exclamou Apolônio, pesaroso. - Estraguei o número, e justamente quando pretendia mostrar-lhes uma mágica realmente perfeita. Imaginem, eu fazer uma coisa tão monstruosa! Duas cabeças! Perdoem-me, sinceramente. Estou envergonhado com a minha inépcia.

– Não tem importância - disse o bombeiro. - Deve ser difícil fazer uma tartaruga, de qualquer maneira que ela saia.

Entraram outras pessoas na tenda, seguidas pelo doutor Lao.

– Hum, Apolônio - sussurrou o doutor - prometi a essas pessoas que você ressuscitaria um homem dentre os mortos para que vissem. Pode fazer esse favor? Toda essa gente manifestou o desejo de assistir a isso.

– Pois não - respondeu o mágico, também sussurrando. - Mas, doutor, o senhor tem um cadáver?

– Vou ver se acho um - disse o velho chinês.

O grupo comprimiu-se entre as flores e assustou a tartaruga, que recolheu as duas cabeças sob a carapaça. Uma mulher gorda e corpulenta tropeçou nela e a pisou. Olhou para baixo, a fim de ver o que havia debaixo de seu pé.

– Credo, Jesus Cristo, Luther! Tem uma tartaruga aqui! - guinchou.

– Onde? Onde? - perguntou Luther, nervoso. - Que diabo, Kate, onde está essa tartaruga?

– Bem debaixo de meu pé - soluçou Kate.

– Ela não vai lhe fazer nenhum mal - disse a Sra. Rogers.

– É uma tartaruga muito mansa, eu acho.

Luther puxou Kate para um lado e fitou o quelônio.

– Não me parece muito mansa.

– Ela tem duas cabeças, não é, mamãe? - disse Willie.

– Meu Deus, eu sabia que havia alguma coisa estranha nela - disse Luther.

O doutor Lao voltou à tenda arrastando uma trouxa enorme.

– Arranjei um - murmurou ele para Apolônio. Depois, dirigiu-se ao grupo, ordenando: - Agora, afastem-se todos, e fiquem bem juntos das paredes. Apolônio de Tiana vai executar o maior número de magia em muitos séculos. Diante dos olhos dos senhores aqui presentes, ele devolverá a vida a um cadáver inanimado. Diante de seus próprios olhos o cadáver reviverá. E isso não lhes custará um níquel a mais do que pagaram para entrar nesta tenda. Abram espaço, senhoras e senhores. Abram espaço, por

favor! Vamos dar ao homem o espaço necessário para trabalhar. Apolônio abaixou-se e abriu a trouxa. Surgiu o cadáver de um homem, de pequena estatura e desgrenhado, um homem que fora em vida uma espécie qualquer de trabalhador braçal. Vestia sobretudo, uma camisa azul já gasta e calçava botinas do Exército; na cabeça trazia um velho chapéu de vaqueiro. Na carneira do chapéu estavam gravadas as iniciais "R. K.", com lápis-tinta e em letras rebuscadas. Um dos cadarços de couro das velhas botinas do Exército havia-se partido e estava amarrado em diversos lugares, com nós parecidos com os de marinheiro.

Apolônio deitou o cadáver de lado, puxando seus braços para cima da cabeça. Dobrou-lhe os joelhos e abriu suas pernas ligeiramente. Era como se o homem estivesse dormindo numa posição muito desconfortável.

Feito isso, Apolônio começou a engrolar uma oração em voz baixa. Seus olhos ganharam uma tonalidade verde e baça; uma névoa rala fluiu de seus ouvidos. Ele orava, orava, orava. Ao sutil espírito da vida, enviava sua terrível invocação.

De súbito, quando a expectativa atingira o auge, o morto reviveu, sentou-se, tossiu e esfregou os olhos.

- Que diabo de lugar é esse? - quis saber.
- O senhor está no circo - disse o doutor Lao.
- Bom, vou me mandar daqui - disse o homem. - Tenho muito o que fazer.

Pôs-se de pé e saiu, mancando um pouco.

Luther pegou-o pelo braço, quando ele se aproximou da porta.

- Escute, meu senhor - perguntou ele - o senhor estava realmente morto?
- Mais morto que o diabo - disse o homem, saindo em disparada.

Mais ou menos às duas e meia, dois policiais chegaram ao circo para ver como iam as coisas e garantir que nada aconteceria de nocivo ao interesse público. Um deles era um grandalhão alegre, com cara de ignorante. O outro era um sujeito magrelo e feio. Usavam fardas, cinturões, revólveres e emblemas reluzentes de latão. O doutor Lao os avistou de longe e logo se pôs ao lado deles.

- Por que guada aqui? Selá que pleoculando ladlão? Teve clime? Por que guada no cico?
- Não se exalte, china - disse o policial grandalhão. - Só viemos dar uma olhada. Pode ficar descansado, china. A gente só prende alguém se for preciso. Somos da polícia. Que tal deixar a gente dar uma olhada numa dessas barracas?
- Estejam à vontade, cavalheiros - disse o doutor Lao. - Podem ver o que quiserem, e quando quiserem. Darei instruções aos bilheteiros para que os deixem entrar onde desejarem.
- Assim é que se fala - disse o policial. - O que está melhor agora por aí?
- As tendas estão todas abertas, cavalheiros. Podem entrar onde bem entenderem
- disse o doutor. - Agora, se me dão licença, tenho de ir fazer minha palestra sobre a medusa.

Os guardas andaram um pouco a esmo, espiando o interior de algumas tendas e cumprimentando conhecidos com a cabeça. Pegaram um garotinho entrando numa tenda por baixo da lona, puxaram-no de volta, brigaram com ele e o mandaram para casa em lágrimas. Depois resolveram ver um ou dois números.

- Vamos entrar em todas as barracas, uma a uma, para a gente não perder nada - disse o guarda magrelo e feio.
- Isso - concordou o guarda gordo com cara de ignorante.
- Já viu circo mais esquisito?
- Nunca - respondeu seu companheiro. - Vamos ver isso aqui.

Entraram na tenda da medusa. O interior estava pintado de amarelo creme e pálidas estrelas prateadas pontilhavam a amarelidão. Um espelho enorme pendia na parede dos fundos. Diante do espelho havia um cubículo de lona, cujo interior refletia-se no espelho. Ambos, espelho e cubículo, estavam cercados por uma corda, de modo a impedir que alguém se aproximasse muito deles.

Sentada num sofá, dentro do cubículo, estava a medusa, aparando as unhas. Sua juventude era surpreendente. Sua beleza, espantosa. A graciosidade de seu corpo, estonteante. O sumarismo de seus trajes, embaraçador. Um lagarto subia pela parede de lona da câmara. Uma das cobras de sua cabeça saltou como um chicote e o agarrou. As outras lutaram com ela pela posse da presa. Era uma coisa impressionante.

- Que raio de mulher é essa? - perguntou o policial grandalhão e gordo com cara de ignorante.
- Senhoras e senhores - disse o doutor Lao - esta é a medusa. É uma medusa de Sonora, no Norte do México. Tal como suas irmãs górgones, ela possui a faculdade de transformar em pedra quem a fitar no rosto. Por isso construímos esse cercado, a fim de salvaguardar nossos visitantes. Permitam-me pedir-lhes, boa gente, que se contentem em ver somente seu reflexo, sem espíá-la pela frente da câmara. Se alguém fizer isso, prevejo consequências lamentáveis.
- Entretanto, antes de tudo, chamo-lhes a atenção para as cobras. Os senhores notarão que a maioria delas é constituída de tantillas, aquelas pequenas víboras com anéis pretos em volta do pescoço. Perto de sua nuca, porém, os senhores perceberão algumas cobras cinzentas com malhas negras. São as cobras da noite, ou Hyspí- glena ochrohyncus, como são chamadas em latim. E a franja de nossa medusa compõe-se de cobras claras, nada menos que corais do Arizona. Uma delas acabou de capturar um lagarto, como alguns dos senhores devem ter visto. As cobras da noite também comem pequenos lagartos, mas as tantillas comem somente larvas e pequenos vermes congêneres. Às vezes é difícil alimentá-las em climas mais frios.
- Foi um médico de Belvedere, creio, quem pela primeira vez observou que as cobras de uma medusa eram invariavelmente as espécies mais comuns da localidade em que ela nascera; que nunca eram venenosas; que compreendiam diversas espécies diferentes; e que se alimentavam independentemente da mulher a quem adornavam. Esse médico de Belvedere estava interessado antes de tudo nas cobras, sendo seu interesse pela medusa apenas secundário; por isso, suas observações, para efeitos de exposições circenses, deixam muito a

desejar. No entanto, eu próprio realizei um estudo sobre esta medusa e diversas outras, e estou, por conseguinte, habilitado a lhes falar a respeito delas.

– A origem das medusas - continuou o doutor Lao - constitui um enigma para a ciência. A missão que desempenham no concerto da vida é um segredo, pois elas pertencem àquele fantástico mundo subterrâneo de seres não biológicos, entre os quais se destacam a quimera, o unicórnio, a esfinge, o lobisomem, o cão-das-sebes e a serpente marinha. Digo ordem não biológica porque tais criaturas não obedecem a nenhuma das leis naturais de hereditariedade e mutação ambiental; a elas não se aplica a norma da sobrevivência do mais apto; decididamente, desprezam qualquer tentativa, por parte do homem, de definir um ciclo vital racional; são possivelmente imortais, indiscutivelmente imorais, revelam anabolismo, mas não catabolismo, mantêm relações sexuais mas não se reproduzem, não põem ovos, não constroem ninhos, procuram mas não encontram, vagueiam mas não repousam. Também não trabalham nem fiam. Os membros dessa ordem são os animais que o Senhor dos Hebreus não criou para ornamentar seu Éden; não se contam entre o produto do trabalho dos seis dias. São os caprichos ou perversões do universo, e não da espécie; são os insólitos filhos da lascívia das esferas.

– O misticismo os explica, já que a ciência não pode fazê-lo. Ouçam: quando aquela vigorosa e misteriosa fecundidade que povoou os mundos, sob o comando dos deuses, concluiu sua obra de vivificação, quando todas as partes celestiais haviam partido, quando a vida começou no universo, então o ventre primordial senti não estar ainda exaurido, sentiu suas entranhas ainda potentes. E aquela terrível fertilidade contorceu-se em seu leito num espasmo feroz e final de fecundidade e deu à luz esses seres de pesadelo, esses abortos do mundo. O homem antigo representou canhestramente essa primeira procriação com a figura da Diana de Éfeso, que tinha animais estranhos a vagarem em torno de seu manto e sobre seus ombros, sugando-lhe as inúmeras tetas, brigando entre as melenas de seus cabelos. A própria natureza estava provavelmente a sonhar com aquela primeira maternidade quando criou o sapo do Suriname, num istmo ao sul de onde estamos, aquele sapo fantástico que gera os filhos através da pele de suas costas. Isso! Talvez tenha sido através da pele das costas daquela poderosa mãe da vida que esses seres antibiológicos nasceram. Não sei.

O doutor Lao fez uma pausa, logo prosseguiu:

– Essa medusa que temos diante de nós é jovem. Eu calcularia sua idade em menos de 100 anos. Conhecedores da beleza feminina me têm dito que ela é invulgarmente formosa, que possui encanto muito superior ao da mulher humana média. E eu admito que há, na flexibilidade de seus braços, na projeção de seus seios, nos contornos de seu rosto, muito daquilo que sem dúvida atrai o que existe de artístico no homem. Contudo, ela é uma medusa temperamental. Às vezes tento conversar com ela, descobrir o que ela pensa a respeito de ficar sentada aqui a contemplar o mundo refletido num espelho, quando é capaz de despovoar toda a uma cidade simplesmente caminhando

pelas ruas e fitando os passantes. Mas ela não me responde. Apenas me fita pelo espelho com fastio - ou será pena e divertimento? - e acaricia suas cobras, sonhando, sem dúvida, com o último homem a quem roubou a vida.

– Recordo um incidente ocorrido há alguns anos; quando nos estávamos exibindo na cidade chinesa de Shanhaikwan, que fica na extremidade norte da Grande Muralha. A medusa e alguns outros seres de meu circo estavam ligeiramente doentes devido à longa viagem marítima, e todo o circo tinha um ar de desânimo que seria simplesmente devastador para o êxito comercial da temporada. Bem, armamos nossas tendas em Shanhaikwan e pensamos em ficar ali um pouco, até nossos animais se recuperarem. Era verão, e a brisa das montanhas da Manchúria é sempre revigorante. Além disso, não havia nenhuma guerra em andamento por ali, o que é de espantar, pois trata-se de uma das regiões do mundo mais assoladas por guerras. Resolvemos passar algum tempo ali, para tentar readquirir nossa costumeira disposição.

– Havia marinheiros na cidade, marujos de terras estrangeiras em licença de seus navios. E eles vieram ver meu circo. Eram um bando de porcos bêbados, mas pagaram a entrada e deixei-os entrar. Viram a medusa e, por serem estúpidos, pensaram que era apenas uma moça que eu cobrira com um capuz de cobras, a fim de enganar as pessoas. Como se fosse preciso tanto trabalho para enganar as pessoas! Contudo, como eu ia dizendo, pensaram que a medusa fosse uma mistificação. Mas enamoraram-se de sua beleza e, como diversão juvenil, planejaram raptá-la uma noite, levá-la para a praia, violentá-la e depois deixá-la por lá.

– Assim, numa noite escura, quando a Lua estava oculta por trás de um manto de nuvens, esses marinheiros esgueiraram-se para dentro de meu circo e com suas facas abriram um rombo na tenda da medusa, por onde penetraram. Como a noite estava escura não podiam ver seu rosto, e pelo menos naquele momento estavam em segurança.

– Apolônio e eu estávamos voltando de uma taberna e compreendemos o que sucedia enquanto, discutindo, nos aproximamos aos tropeções de nossa tenda. Fiquei muito encolerizado e quis soltar a serpente marinha sobre os desordeiros. Mas Apolônio foi contra a ideia; disse que em breve a Lua apareceria e que as coisas se arranjariam por si. Por isso acalmei-me e fiquei à espera.

– Eram dez marinheiros embriagados. Suas fardas brancas luziam pálidas como fantasmas no negro da noite. Como já disse, abriram um rombo na tenda com suas facas, agarraram a medusa, amordaçaram-na e a carregaram para a praia. Logo que passaram as dunas, a Lua surgiu por trás de seu véu. Suponho que os marinheiros estivessem formando um semicírculo ao redor da medusa, pois quando na manhã seguinte fomos lá, eu e Apolônio, dez marinheiros de pedra jaziam na areia, exatamente como ela os deixara depois de olhá-los. Em seus rostos estúpidos e bêbados perdurava a expressão de ébria zombaria. E provavelmente ainda perdura, pois aquela estupidez estava gravada na pedra.

– Por isso, lhes digo: não vale a pena brincar com uma medusa. Alguém deseja fazer alguma pergunta? Se não houver nenhuma dúvida, sugiro que vejamos a esfinge.

– Não acredito em uma só palavra do que o senhor está dizendo - falou uma

mulher gorda. - Nunca ouvi tanta bobagem junta em toda minha vida. Gente virar pedra! Que ideia!

- Ora, Kate, não fale assim diante de tanta gente - disse um homenzinho a seu lado.

- Cale a boca, Luther - disse Kate. - Digo o que quero e quando bem entender.

- Madame - apartou o doutor Lao - uma atitude de ceticismo não lhe fica bem. Há coisas no mundo que nem a experiência de toda uma vida passada em Abalone, Arizona, pode conceber.

- Bem, vou mostrar uma coisa - disse Kate. - Vou desmascará-lo diante de toda essa gente, ora se vou!

Ato contínuo, Kate forçou caminho através dos presentes até o cubículo onde estava a medusa.

- Em nome de Buda, façam-na parar - gritou o doutor Lao.

Mas Kate abaixou-se e passou por baixo da corda, metendo a cabeça dentro do cubículo. - Vamos ver... - ela começou a dizer, mas antes de poder pronunciar outra palavra já estava petrificada.

Mais tarde, enquanto todos estavam preocupados, imaginando o que fazer, um geólogo da universidade examinou Kate.

- Calcedônia maciça - disse. - Nunca vi uma variedade de coloração tão bonita em minha vida, sinceramente. Calcedônia comalina. É uma das melhores pedras de construção que existem.

Ed e Marta - o agente da estação e sua mulher - chegaram ao circo com os dois filhos às 2h25min.

- Puxa - exclamou Marta - nunca vi um circo tão gozado. Tem certeza de que viemos ao lugar certo, Ed?

- Claro, meu bem.

- Então, vamos espiar dentro de uma das barracas. Ali tem uma sereia. Vamos vê-la

- Uma coisa eu lhe digo, Marta, detesto gastar dinheiro numa coisa que é obviamente uma mistificação. Nós dois sabemos perfeitamente que sereias não existem. Vamos olhar mais um pouco por aí. Não importo em ser enganado se na hora não sei que estou sendo enganado, mas a simples ideia de gastar dinheiro para ver uma coisa que sei com toda certeza que é uma burla me repugna.

- Pode num ser mentira, pai - disse Ed Júnior.

- Não se diz num, meu filho, a gente diz não - corrigiu a mãe, pacientemente.

- Vamos ver a cobra - sugeriu o pequeno Howard.

- Ah, as cobras me deixam tão nervosa. - Martha estremeceu.

- Então, poxa, o que vamos fazer? Ficar à toa o tempo todo? - perguntou Howard.

- Não fale assim com sua mãe, ou vou ter de lhe ensinar um pouco de educação quando voltarmos para casa - ameaçou o agente da estação.

Howard começou a chorar.

- E não comece a chorar, senão vou ensinar a você agora mesmo.

Howard parou de chorar.

- Talvez esse cão-das-sebes seja interessante - disse Marta, olhando uma faixa que estava presa a uma tenda próxima.
- Não - disse Ed. - isso é outra bobagem. É só um cachorro pintado de verde. Eu vi na parada hoje de manhã.
- Ah, papai, vamos logo ver alguma coisa - pediu Ed Júnior.
- Francamente, Marta - disse Ed - não creio que haja aqui qualquer coisa interessante para se ver. Não devíamos ter vindo. Nunca imaginei que alguém tentasse impingir ao público tamanha coleção de asneiras.

O doutor Lao passou em direção à tenda da medusa.

- O que senhô acha mentila? Senhô sempre pensa dotô Lao enganando. Cico bonito, non? Dotô Lao non cobra nada pala senhô. Entla de glaça. Senhô pode ver. Dotô Lao non engana.

Empurrou o agente da estação e sua família para dentro da tenda do ovo do pássaro roca, e saiu a tratar de seus afazeres.

- Ele é o gerente do circo - disse Ed à sua mulher, embaraçado. - Acho que ele ficou zangado porque eu disse que era tudo mistificação. Que diabo é isso aqui?
- A faixa dizia que era o ovo do pássaro roca - disse Marta.

O ovo estava diante deles, como um monólito. As manchas da casca tinham o tamanho de uma bola de tênis e exsudavam uma secreção aquosa.

- Parece mesmo um ovo - concordou Ed. - Mas é absurdo pretender que um ovo possa ser tão grande...
- Ovo grande mesmo, não é, papai? - perguntou Howard.
- Parece, meu filho, parece.
- Bem, e a gente só vai ficar aqui parado, olhando? - quis saber Ed Júnior,
- Não seja impaciente, meu filho - disse a mãe.
- Vou dizer uma coisa. Já sei do que se trata - disse o agente da estação. - Não é ovo coisa nenhuma. É feito de concreto ou alguma coisa parecida, e é mesmo um embuste. É impossível haver um ovo tão grande.
- Bem, papai, mas grande ele é - disse Howard.
- Howard... - disse a mãe, preocupada.
- Por que será que escorre tanta água dele? - perguntou Ed Júnior.
- Ah, muitas vezes o concreto sua no calor, se não for bem feito - disse o pai.
- É poroso, está vendo? Ele absorve umidade nas noites de frio. Depois, quando faz calor, como nesta tarde, a umidade se junta e escorre. Assim como num copo de água. Isso se chama ação capilar.
- Puxa, papai, você sabe tudo, não é? - admirou-se Howard.
- Bem, pelo menos sei distinguir entre um pedaço de concreto e um ovo - admitiu o chefe da estação.

Nesse momento, o ovo começou a emitir sons estalantes. Deu a impressão de mover-se um pouco, e de seu ápice saiu um ruído percussivo.

- É a dilatação do calor - disse o pai.

O ruído tornou-se mais forte, acompanhado de um barulho irritante de arranhões. O ovo

agitou-se e rolou um pouco.

– Cheguem para trás, todo mundo - disse o pai. - Parece que a coisa vai rolar.

Do alto do ovo veio um som de superfície arranhada e percutida, e um estilhaço da casca caiu aos pés da família. Um bico amarelo, do tamanho de uma relha de arado surgiu de dentro do ovo.

– Meu Deus, está partindo - disse a mãe.

– Afastem-se todos - ordenou o pai.

A ponta do ovo rachou e pela abertura apareceu um filhote de pássaro roca com sua cabeça penugenta. Penas ainda não desenvolvidas, grandes como plumas de avestruz, adornavam sua pele cinzenta, e o amarelo nos cantos do bico era da cor de manteiga. Então o ovo rompeu-se inteiramente e o filhote de roca começou a piar com tristeza entre os pedaços da casca. Abriu o bico e piou com uma fome horrível.

– Vamos embora daqui - disse o agente da estação.

– Não era concreto mesmo, não é, papai? - disse Howard.

– Howard, não faça mais perguntas - disse a mãe.

– Vamos para casa, Marta - disse o pai. - Não estou gostando desse lugar.

– Está certo - concordou Marta, sorrindo.

No meio-fio, perto da entrada do circo, um grande caminhão impediu-os de entrar em seu próprio carro. Havia alguns homens colocando uma pedra na carroceria do veículo. O agente da estação reconheceu um homem e saudou-o.

– Como vai, Luther? O que foi, você comprou essa estátua no circo?

Luther olhou-o com azedume.

– Isso não é uma estátua -disse. - É Kate.

– Sintetizando a fragrância dos relvados, campinas e bosques, o mais magnífico dos cães constitui uma singularidade no misterioso léxico da vida. As demais curiosidades deste circo, lamento dizer, trazem consigo, na maioria, uma mácula do mal ou da História. Isto, porém, não sucede com esse cão esplêndido. Ele é doce como o feno recém-ceifado e coberto com tenros botões de trevo. É fresco como as manhãs orvalhadas que as relvas tanto amam. É um animal fabuloso, se de animal podemos chamá-lo. Além disso, embora eu diga "ele", usando o gênero masculino, essa designação é muito falha. Na realidade, esse cão é tão sexuado quanto um lírio. É o único de sua espécie em todo o mundo. Esse galgo não é mais masculino que um rabanete, não é mais feminino que um repolho, é menos carnal que um gladiolo, é tão lascivo quanto um botão de rosa.

– Nós o encontramos no Norte da China, à beira dos canais onde florescem os arrozais e onde crescem ervas e pequeninas sebes mirradas. Durante muito, muito tempo, aquela terra não havia sido nada senão poeira esturricada, sem nada de verde a crescer sobre ela. Depois foram construídos os canais, e sobre a terra ressecada ervas macias começaram a verdejar. O que parecera morto saltou para a vida. O que parecera estéril encheu-se de fertilidade. E como símbolo e personificação daquela exuberante fecundidade, cada erva, cada relva, cada flor, cada sebe e cada arbusto deu um pouco de si, criando esse cão, uma

façanha verdadeiramente sem precedentes nos anais da horticultura.

– Nós o vimos pela primeira vez ao crepúsculo, brincando entre as sebes, saltando, corcoveando, mordiscando as ervinhas, escavando buracos no chão e neles metendo sementes minúsculas. Alarmado com nossa presença, pôs-se a correr em grandes círculos, desaparecendo entre a relva, correndo com tal rapidez que a vista mal podia acompanhá-lo. Seu verdor maravilhoso deixou-nos pasmos. Nunca havíamos contemplado cão mais belo em todo o mundo.

– E foi assim que o capturamos. Ele nos fitou com seus olhos estranhos... olhos que pareciam vagens imaturas. Era uma criatura indizivelmente suave. Sua cauda de fetos balançava um pouco, batendo em seu dorso de relva verdíssima. De sua boca arquejante escorria um fio de clorofila. Em torno de seu pescoço enrodilhava-se uma delgada cobra verde, e suas orelhas folhudas abrigavam louva-a deuses verdes e minúsculos grilos negros.

– Ele nos contemplava entre as malhas de nossa armadilha, Ah, aquela primeira visão de sua enorme cabeça, verde e esplêndida! Ele estava de pé entre as ervas, oculto até os ombros pelas ervas frescas e verdejantes... as ervas que lhe davam vida, as ervas que ele amava. Com seus dedos finos e verdes elas o acariciavam e procuravam protegê-lo de nossa vista. Procuravam com seu verdor reabsorver o dele, ocultá-lo, abrigá-lo. Aquele cão era o filho delas. Digo-lhes com honestidade, senhores, nada no mundo jamais me emocionou tanto como o primeiro momento de contemplação do cão-das-sebes, e faz mais de 100 anos que amo e estudo os animais. Eu disse "Eis a obra-prima da criação, essa criatura soberba que não é planta nem animal, mas uma mescla perfeita de ambos. Eis uma massa de células vivas tão completa em si mesma que nem sequer exige uma solução de reprodução, satisfeito por saber que, ainda que reproduzisse sua forma mil vezes, jamais poderia, nem pela reprodução nem pelas mutações evolucionárias de um milhar de gerações, aperfeiçoar sua própria perfeição triunfante.

– Não houve jamais concepção imaculada como a sua, entre as humildes ervas e relvas. Tudo as pisoteia, devora, esmaga e destrói. Mas elas sobrevivem e preservam sua beleza, mantêm sua maciez e não guardam rancor. No entanto, de certa feita uma intensa paixão as avassalou, uma paixão pura que nunca será claramente compreendida. Nessa paixão havia revolta e outras sensações estranhas às ervas; e dessa estranha paixão das plantas, o cão-das-sebes foi gerado e nasceu.

– E isso também me fez meditar, pois eu acreditara sempre que a beleza fosse uma modificação do sexo. A vida canta uma canção de sexo. O sexo é o grito da vida. O cio e o acasalamento são a dança da vida. Gerar, gerar, gerar. Encher e voltar a locupletar os ventres do mundo. Tumescência e ejaculação. Lançar esporúlos, sementes, ovos e flores. Ativação e vida. Esterilidade e morte. Isso era a vida, eu pensava, e esse era o meio empregado pela vida para que finalmente, depois de séculos quase infinitos de tentativas e erros, pudesse ser produzida a criatura viva, quase perfeita.

– No entanto, ali estava esse cão, que não era produto de experiências e de erros, a que faltava luxúria, isento de temores e instintos ancestrais. E imaginei se nesse cão-das-sebes não seria encontrado o apogeu de tudo quanto a vida poderia jamais prometer. Pois nele havia beleza, suavidade e graça.

Faltavam-lhe apenas ferocidade, sexo e astúcia. E pensei comigo: "Será esse cão uma alusão ao objetivo da vida?"

O doutor Lao estendeu a mão para a jaula e afagou a cabeça do cão. O animal zuniu como o murmúrio do vento em folhas de sicômoros.

– Que diabo é essa lengalenga do china? - perguntou o inspetor sanitário número um.

– Sei lá - respondeu o inspetor sanitário número dois. - Vamos ver a sereia. Não sei por que, mas essa porcaria de cachorro me parece uma grossa vigarice.

A sereia estava quase deitada em seu tanque de água salgada. Os meneios de sua cauda produziam bolhas que espumavam em volta de seus pequenos seios, e flocos de espuma prendiam-se a seus belos cabelos revoltos. A cauda verde, lisa e escama- da, descrevia um arco na água, e a barbatana fendida da extremidade era rosada como a de uma truta. Ela cantava uma cançoneta ondulante das águas distantes de onde havia sido tirada, e os peixinhos dourados que lhe faziam companhia no tanque detiveram-se sobre as nadadeiras nervosas para escutar. A sereia riu dos peixinhos vermelhos, brincando com eles e afastando-os com as mãos esguias. Voltaram a ela, roçando-lhe os ombros e nadando em torno das tranças de seus cabelos, que flutuavam na água. A sereia era graciosa como um peixe, bela como uma mulher, porém mais estranha que qualquer um deles. Os dois inspetores sanitários ficaram chocados com o fato de ela estar inteiramente nua.

– Nós a encontramos no golfo de Pei-Chihli - disse o doutor Lao. - Nós a encontramos ali, sobre as ondas pardas e lamacentas. As águas estavam pardas e lamacentas porque havia chovido sobre o continente e os riachos haviam carregado barro para o mar. E depois demos com a serpente marinha, que capturamos também. Foi um dia felicíssimo aquele. Mas às vezes ela tem saudades, acredito, de seu imenso oceano pardo. Detesto mantê-la encarcerada aqui neste tanque, mas não imagino outro lugar onde pô-la. Acho que um dia eu a soltarei, quando estivermos fazendo uma exibição perto do mar. Isso... Vou levá-la de madrugada, quando não houver ninguém por perto e a conduzirei ao mar. Eu a carregarei nos braços mar adentro até a cintura e a colocarei delicadamente nas ondas, deixando que ela se vá. E ali ficarei, um velho estranho e tolo, pranteando a beleza que permiti fugir de mim, pranteando a beleza que eu podia ver e tocar, mas nunca possuir completamente. E se alguém me avistar ali, imerso no mar até à cintura, ao amanhecer, certamente me julgará louco. Mas... acreditam que depois que ela se afastar um pouco, se voltará e acenará para mim? Acreditam que ela há de me mandar um beijo? Ah, Deus, se eu pudesse tê-la visto quando moço! A visão de sua beleza poderia ter transformado toda a minha vida! A beleza pode fazer isso, não é?

– Sim, creio que a levarei ao mar e a libertarei. Ficarei ali e a verei vencer a arrebatção. Mas fico a pensar se ela se voltará para me acenar. O senhor acha que ela fará isso?

– Hum, não sei dizer - disse o inspetor sanitário número um.

– O que ela come, doutor? - perguntou o inspetor número dois.

- Coisas do mar - respondeu o doutor Lao. - Vamos ver a esfinge.

O rosto feminino da criatura, com seu nariz chato, fitou os dois inspetores enquanto eles entravam na tenda, seguindo o doutor Lao. A cauda leonina afastou as moscas.

- O senhor traz aqui pessoas muito esquisitas, doutor Lao - censurou a esfinge.
- Mas tudo no interesse do negócio - justificou-se ele.
- Deus do céu! Ela fala? - perguntou um inspetor.
- Naturalmente - disse o doutor, enquanto a esfinge assumia um ar de tédio.
- O que é, esfinge macho ou fêmea? - perguntou o outro inspetor.

O doutor Lao ficou embaraçado.

- Vamos lá fora e lhe direi - murmurou.
Lá fora, ele lhe disse baixinho:

- Eu preferia que os senhores não tivessem feito essa pergunta na frente da esfinge. Compreendam: ela não é uma coisa nem outra. É ambas ao mesmo tempo.
- Como pode ser isso? - perguntou o primeiro inspetor.
- Os senhores nunca ouviram falar dessas coisas? Realmente, fico espantado. Faz muito tempo que um homem chamado Winkelmann descobriu isso examinando pequenas esfinges africanas. Eram macho e fêmea ao mesmo tempo. É o que chamam de bissexualismo.
- Que coisa! - admirou-se o inspetor número dois. - Vamos lá olhar isso de novo,

Al.

O advogado Frank Tull telefonou do escritório para a mulher, pouco depois das duas horas, e perguntou-lhe se queria ir ao circo.

- Não - disse ela - mas aconselho você a ir e olhar direito aquele homem que você pensou que fosse um urso. Então talvez você compreenda como é fácil uma pessoa ver uma coisa e jurar que viu outra inteiramente diferente quando está no banco das testemunhas.
- Meu bem - disse Frank - você ainda insiste com essa bobagem? Pensei que você já tivesse esquecido isso. Eu concordei que era um homem, não foi?
- Foi, mas só para me agradar. E se há uma coisa que eu detesto é ser agradada, principalmente quando sei que sou eu quem tem razão.
- Bem, então vamos fazer uma coisa, meu amor. Você vem comigo e nós dois damos uma olhada naquilo de novo. Quem estiver enganado pede desculpas ao outro. Que tal?
- Meu Deus, Frank, se eu tenho absoluta certeza de que era um homem! Não vejo nenhuma necessidade de ir àquele circo só para me certificar. Mas você vai, e não vou zombar quando voltar e me pedir desculpas por rir de mim como fez essa manhã.
- Você está sendo pouco cordata, meu bem.
- Pelo contrário, eu me acho a mais cordata das pessoas, tendo em vista a

maneira como você zombou de mim e todas aquelas coisas horríveis que você disse a respeito de eu precisar de óculos. Se eu tivesse agido como mandava minha indignação, teria feito um escândalo que talvez só acabasse numa ação de divórcio.

– Ouça, querida, você realmente ainda está zangada ou está só brincando comigo?

– Não. Não estou zangada, Frank. Mas também não estou brincando.

– Bem, eu gostaria que você mudasse de ideia e viesse.

– Não, Frank, realmente não estou com vontade de ir. Pode ir sozinho. Divirta-se.

– Então, até logo.

– Até logo.

Frank pediu à secretária que dissesse que ele voltaria dentro de meia hora, se alguém telefonasse. Saiu, entrou no automóvel e seguiu para o circo.

O advogado Frank Tull era um homem de muitas partes artificiais. Seus dentes haviam sido feitos sob medida e ajustados à sua arcada dentária por um cirurgião-dentista. Seus olhos, fracos e imprestáveis, viam o mundo através de lentes bifocais, tão distorcidas que só através delas a distorção dos próprios olhos de Frank era capaz de perceber as coisas direito. Frank tinha na cabeça uma placa de platina para proteger um buraco por onde havia sido removido um tumor cerebral. Uma de suas pernas era feita de fibra e metal; substituía a de carne e osso, que a mãe lhe dera no ventre. Sua barriga era envolvida por um aparelho que se ajustava como uma boca sobre uma hérnia dupla e impedia que as entranhas saíssem para fora. Um suspensório evitava que seu escroto balançasse indevidamente. No braço esquerdo, um arame de platina ocupava o lugar do úmero. De duas em duas semanas ele ia à clínica, onde lhe injetavam salvarsan ou mercúrio, dependendo da dose da antepenúltima semana, para evitar que os *Spirochaeta pallida* exercessem influência excessiva sobre sua alma. Às vezes submetia-se a massagens na próstata e a lavagens intestinais para pôr em ordem outro defeito crônico de sua maquinaria. De vez em quando, para manter seu pulmão sadio em funcionamento, achatavam o outro com gás. Num dos ouvidos ele prendia um dispositivo destinado a tornar audíveis sons comuns. No sapato esquerdo, um suporte em arco evitava que o pé chato dificultasse seu caminhar. Uma peruca cobria a placa de platina em sua cabeça. Suas amígdalas tinham sido extraídas, bem como o apêndice e as adenoides. De sua vesícula haviam sido removidas pedras e um câncer fora cauterizado em seu nariz. Ele havia sido operado de hemorroidas; de seu joelho havia sido drenada água. Às vezes submetiam-no a clisteres, e furavam um buraco em seu pescoço para que ele pudesse respirar quando suas narinas se obstruíam. Carregava a cabeça num aro de aço, pois havia quebrado o pescoço; quase sempre tinha as unhas do pé encravadas. Como membro da mais perfeita espécie que a vida já produzira, Frank Tull não era capaz de tirar seu sustento das plantas do campo, nem conseguiria competir com as bestas irracionais que ali habitavam. Como membro da sociedade em que nascera, era respeitado, cuidado e continuava a viver, sobrevivendo, sem dúvida, por ser apto. Era marido, mas não pai; casado, mas não amante. Cem anos depois que morreu, abriram seu caixão. Tudo quanto encontraram foi arames e fios.

Estacionou seu carro, saiu dele e atravessou a rua para ir ver as aberrações do circo.

A quimera jazia adormecida sobre um monte de barro e tossia em seu sono. O fedor

de sua expiração, exalando-se para cima, asfixiava os mosquitos que enxameavam em torno de sua cabeça. Régulos mortos das camadas inferiores da atmosfera, eles caíam como flocos flutuantes de pó, e nenhum réquiem lhes acompanhava a queda. A quimera adormecida agitava os membros em seu sono, seguindo o roteiro de algum sonho pleno de ação; e as grandes garras de suas patas laceravam o barro em que jazia. Suas asas de águia se entreabriam e depois voltavam a fechar, mal compostas, com as penas emaranhadas e eriçadas. A cauda de dragão agitava-se como uma cobra e sua ponta de metal rasgava pequenos sulcos no barro. Os pelos da cabeça estavam chamuscados nos pontos em que seu hálito de fogo os atingia. Algumas escamas da cauda haviam gangrenado e estavam se soltando numa colônia de parasitas que pululavam. A quimera estava mudando a pele; grandes pedaços soltos, como nacos de feltro, pendiam de seu corpo. Sobre eles caminhavam carrapatos. Do animal desprendia-se um hediondo cheiro de marta, ativamente adocicado, nauseante, vil e penetrante.

O advogado Frank Tull olhou para a quimera e horrorizou-se ao constatar que afinal de contas não se tratava de uma mistificação

– Nossa Senhora! - exclamou um dos inspetores sanitários. - Nunca pensei que existisse um animal desses.

A quimera adormecida roncou. De suas narinas irromperam fagulhas, fuligem, fumaça e chamas.

– É por isso que temos de alojá-lo sobre argila - disse o doutor Lao. - Se o deixássemos dormir sobre feno, a palha se incendiaria. Sabem como ele consegue produzir esse hálito de fogo? É simplíssimo, quando se compreende seu metabolismo. A quimera, tal como o monstro-de-gila, o extraordinário habitante do Arizona, não possui um sistema de eliminação, no sentido comum do termo. Ao invés de expelir detritos orgânicos por intermédio dos intestinos, ele os queima dentro de si, e arrota a fumaça e as cinzas. Sim, a quimera é sua própria usina de incineração. Um animal muito estranho.

– O que leva o senhor a acreditar que os monstros-de-gila não possuam sistema de eliminação? - perguntou o Sr. Etaoin.

– Bem, é o que todos dizem por aqui - falou o doutor. - Muita gente me disse isso. Parece que os monstros-de-gila adquirem seu veneno da seguinte maneira: como seus detritos orgânicos não têm por onde serem expelidos, concentram-se, intensificam-se e se putrefazem; depois são absorvidos na saliva, de modo que, quando o lagarto morde uma pessoa, envenena-a. Uma teoria muito interessante, em minha opinião. Prefiro essa explicação a uma teorização mais racional dos atributos veneníferos dos holodermas.

– Como foi que o senhor pegou essa quimera? - quis saber uma moça da roça.

– Ah, nós a capturamos há muitos anos, na Ásia Menor. As quimeras têm uma única fraqueza: são apaixonadas pela Lua. Por isso tomamos um espelho, colocamo-lo no alto de uma montanha, de onde refletia o luar da meia-noite. O monstro urrugou que finalmente a bola prateada estivesse ao seu alcance. Aí desceu urrando dos céus, chocou-se com o espelho e nós pulamos e jogamos uma corrente de ouro no pescoço dela. Estava presa!

– Doutor Lao - disse uma repórter da Tribuna de Abalone - gostaria que o senhor me concedesse uma entrevista mais tarde e me contasse suas aventuras, tão fascinantes!

– Seriam realmente notícias de primeira página numa cidade como essa - afirmou o doutor Lao.

Um cidadão de aparência idosa e abastada, trajando calças de golfe, camisa esporte e meias de xadrez cutucou a quimera com a bengala. O monstro agitou a cauda, irritado como um cavalo afastando moscas, e arrancou a bengala das mãos do cidadão de aparência idosa, atingindo-o nos tornozelos com a ponta metálica da cauda.

– Não brinque com esse animal, meu senhor! - advertiu o doutor Lao.

– Como o senhor a alimenta? - perguntou alguém.

– Com cascavéis - respondeu o doutor.

– Tem muita cascavel aqui por Abalone - disse um dos inspetores sanitários. - Eu mesmo matei uma enorme lá pelos lados de Beeswax em meados deste ano.

– O senhor deve estar enganado, amigo - disse o doutor Lao. - Esses répteis não atingem grandes proporções. Na verdade, estão entre os menores crotalídeos.

– Bem, essa era grande como os diabos - afirmou o inspetor sanitário.

– O que não compreendo - disse o cidadão de aparência idosa vestido com calças de golfe - é como um animal pode combinar os atributos de lagarto, águia e leão como essa quimera, e de maneira tão perfeita. Não consigo perceber onde termina o leão e começa o lagarto, nem em que ponto começa a águia. Mas ali estão os três, perfeitamente combinados. Em sua opinião, doutor Lao, que espécie de lagarto está incorporado na estrutura do monstro? Poderia ser um dos iguanas da América Central?

– Mim non sabe coisa de lagato - disse o chinês.

– Talvez seja a besta do Apocalipse - observou o advogado Frank Tull, que achou que devia dizer alguma coisa e não ficar ali quieto o tempo todo como um idiota ou um imbecil.

– Não é nada disso - replicou o cidadão de aparência idosa com calças de golfe.

- Todos nós sabemos que nunca existiu essa criatura. Uma frioleira bíblica, se me permite usar essa expressão, meu senhor. Uma frioleira bíblica. Pura e simples frioleira bíblica. Há muito disso no tal livro.

– Meu pai acha que a Bíblia é um livro pra lá de bom - disse a moça da roça.

– A quimera - disse o doutor Lao - voa alto com asas infatigáveis. Tão alto, na verdade, que o homem mortal raramente tem o privilégio de vê-la. Anos atrás, nas campanhas do grande Iskander na Ásia Menor, um dos capitães macedônios matou uma quimera com sua besta. Levou-a consigo para o museu de Alexandria e lá, a fim de preservá-la para a posteridade, ela foi montada por algum esquecido taxidermista egípcio. Anos depois, um monge do Tibet viu-a no museu e, ao voltar para sua lama- seria, copiou-a de memória em porcelana e a estátua foi adornar o pátio do convento. Ainda mais tarde, um chinês, passando por aquela parte do país, viu a estranha figura e tomou-lhe as medidas. Voltando à sua casa, modelou outra estátua, em bronze, e presenteou-a ao Kublai, então o grande Kã de todos os mongóis. Então, quando o Kublai mandou construir a muralha tártara numa praça da capital do Norte, ordenou também que fosse construída uma torre descomunal em sua parte

mais alta. Nessa torre foram colocados vários instrumentos, varetas para se medir as estrelas E como motivo decorativo a ser usado nesses instrumentos, Kublai escolheu a figura da quimera. Ainda hoje se podem ver quimeras de bronze em torno de globos celestes e segurando nas garras instrumentos de medição cósmica.

– Outros suseranos chineses - continuou o doutor Lao - de visita ao lugar viram essas quimeras, admiraram-nas, não compreenderam seu significado e partiram pensando que a criatura alada simbolizasse de alguma forma o poder do grande Kã. Foi então que os pequenos príncipes chineses começaram a usar, eles próprios, o motivo da quimera e mandaram-na gravar nos utensílios reais. Mais ou menos nessa época criou-se o nome espúrio de dragão para designar esse emblema real e - erroneamente, é claro - supôs-se que o dragão simbolizasse ferocidade. Mas a quimera do Kublai era uma fera benévola, padroeira das artes da contemplação e do estudo, e deve ter-se surpreendido ao se ver mais tarde pintada numa bandeira, em marcha para a guerra. Muito depois, quando reis de menor relevo suplantaram o Kublai, um deles decidiu que seu dragão em particular deveria ter cinco artelhos e que os dragões dos demais reis poderiam ter três, quatro ou mesmo seis ou sete artelhos, mas não cinco. Um rei rival desobedeceu a esse edito e por isso houve guerra, cujo resultado desconheço. Os senhores notarão, entretanto, que essa quimera, a minha, possui quatro artelhos nas patas dianteiras e três nas traseiras, de modo que o rei dogmático, se supunha que a autenticidade dos fatos lhe dava razão, estava muitíssimo enganado. Nunca me lembrei de contar os artelhos das quimeras do Kublai, em Pequim, e por isso não posso dizer se os antigos escultores foram verazes.

– As quimeras reproduzem-se em cativeiro? - perguntou o advogado.

– Como não? - respondeu o doutor. - Reproduzem-se a qualquer tempo. Esse aqui está sempre tentando aproximar-se da esfinge.

– Bem, não era exatamente isso que eu queria dizer, embora, é claro, se trate de um dado interessante. O que eu desejava saber é se têm filhos.

– Como, se são todos machos?

– Não diga! Não existem quimeras fêmeas?

– Nem uma sequer. Aliás, os machos existentes são raríssimos. O senhor está vendo uma criatura muito rara.

– Bem, se não existem fêmeas, de onde elas vêm?

– Essa veio da Ásia Menor, como acabei de dizer.

– Que diabo! O que quero dizer é: como nascem?

– Sua pergunta é irrespondível. Ninguém sabe coisa alguma a respeito do ciclo biológico das quimeras.

– Não seria crível que as quimeras fêmeas, do mesmo modo que as fêmeas de diversas espécies de insetos, tenham uma constituição física inteiramente diversa da do macho e que por isso até agora não tenha sido reconhecida pela ciência? - perguntou o cidadão de aparência idosa que vestia calças de golfe.

– A ciência não reconhece sequer a existência da quimera macho, muito menos de sua fêmea - disse o doutor Lao.

– Afinal de contas, o que é ciência? - quis saber a moça da roça.

– Ciência? - exclamou o doutor. - Bem, ciência é simplesmente classificação.

Ciência é apenas dar um nome a tudo.

A quimera despertou. As névoas do sono vidravam seus olhos verdes e reflexos de estranhos sonhos dançavam em seu cérebro, abandonando-o aos poucos. Erguendo uma pata traseira, ela coçou o couro coberto de carrapatos, e depois de coçar-se farejou a pata que flagelara os insetos. O doutor Lao tirou uma cascavel de um baú e arremessou-a para a quimera. A serpente caiu enrodilhada, arqueou a cabeça, chiou e silvou, mudou de posição e desafiou o monstro. A quimera olhou para a cascavel atentamente, como uma criada olha para uma barata que está prestes a pisar. Depois atirou a cauda bem alto, atrás das costas, como um escorpião. Debruçando-se para a frente, ainda como um escorpião, vibrou sobre a víbora um golpe seco na cabeça, usando a ponta metálica da cauda, da mesma forma que faz um escorpião. A cascavel morreu. A quimera pegou-a com as patas dianteiras e, sentando-se sobre os quartos como um canguru, devorou-a, arrancando os chocalhos com os dentes frontais e cuspidos de lado. Comeu a cascavel aos bocadinhos, como uma criança come uma banana, e com a mesma satisfação. Terminada a refeição, o monstro arrastou-se para diante do doutor Lao, soprando anéis de fumaça e pedindo mais comida.

– Não, beleza. Uma cobra por dia é tudo quanto você ganha no verão - disse o ancião.

– Os senhores compreendem - ele continuou para sua plateia - que é da máxima importância vigiar a dieta de nossos animais aqui no Arizona. Acho que é por causa da falta de umidade, ou motivo parecido. Mas talvez seja outra coisa. Seja como for, se os alimentarmos excessivamente, é inevitável terem cólicas ou, o que é pior, vermes. A quimera, é claro, com seu peculiar sistema interno de incineração, queima os vermes tão logo eles a atacam. Mas vejam a esfinge, por exemplo. É algo de homérico administrar purgantes a uma esfinge. Os vermífugos comuns não funcionam absolutamente. É preciso um purgativo profundamente poderoso e em doses fantásticas e incessantes. Da última vez que purguei a esfinge, vi alguns dos vermes mais estranhos que encontrei em minha vida. Eram como enormes macarrões. E hoje, sempre que olho um macarrão, lembro-me dessas solitárias, e sempre que vejo solitárias lembro-me de macarrão. É de embrulhar o estômago.

– O macarrão também é um prato típico chinês, não é? - perguntou o cidadão de aparência idosa com calças de golfe.

– Eu prefiro barbatanas de tubarão - disse o doutor Lao.

A viúva Howard T. Cassan chegou ao circo com seu frívolo vestido marrom e seus sapatos baixos e encaminhou-se diretamente para a tenda do vidente. Pagou a entrada e sentou-se para escutar seu futuro. Apolônio avisou-a de que ela ficaria desapontada.

– Não hei de ficar, se o senhor me disser a verdade - disse a Sra. Cassan. - O que desejo saber, antes de mais nada, é quando vai jorrar petróleo naquele meu alqueire no Novo México.

– Nunca - respondeu o vidente.

– Bem... então, quando vou me casar outra vez?

– Nunca.

– Muito bem. Que espécie de homem vai surgir em minha vida?

- Não haverá mais homens em sua vida - disse o vidente.
- Bem, então de que me adianta viver, se não vou ficar rica, não vou me casar outra vez, nem vou conhecer novos homens?
- Não sei - confessou o profeta. - Só leio o futuro. Não o julgo.
- Bem, eu paguei. Leia meu futuro.
- Amanhã será como ontem e depois de amanhã como anteontem - disse Apolônio. - Vejo o resto de seus dias como uma tediosa coleção de horas. A senhora não viajará a nenhum lugar. Não terá pensamentos novos. Não experimentará nenhuma nova paixão. Sua idade aumentará, mas não sua sabedoria. Crescerá seu formalismo, mas não sua dignidade. A senhora não tem filhos, nem os terá. Daquela elasticidade que possuía na juventude, daquela curiosa simplicidade que no passado atraiu alguns homens, nada resta, nem a senhora as poderá reconquistar. As pessoas lhe falarão ou a visitarão por pena ou solidariedade, não porque a senhora tenha qualquer coisa a lhes oferecer. Já viu uma velha haste de milho que amarelece e definha, mas se recusa a morrer, na qual alguns passarinhos pousam de vez em quando, quase sem notar sobre o que estão pousados? Isso é a senhora. Não consigo imaginar qual seja seu lugar na organização da vida. Uma coisa viva deveria criar ou destruir, segundo sua capacidade ou capricho, mas a senhora não faz uma coisa nem outra. Vive a sonhar com coisas bonitas que gostaria que lhe acontecessem, mas que nunca acontecem; e imagina vagamente por que as jovens vidas a seu redor, às quais ocasionalmente censura por uma suposta impropriedade, nunca lhe dão ouvidos e parecem fugir à sua aproximação. Quando a senhora morrer, será sepultada e esquecida somente isso. Os agentes funerários a fecharão num ataúde à prova de vermes, com o que lacrarão, para a própria eternidade, a argila de sua inutilidade. A julgar por todo o bem e todo o mal, toda a criação e toda destruição que sua vida pudesse haver provocado, a senhora poderia perfeitamente jamais ter existido. Não vejo propósito em tal vida. Só vejo nela um desperdício chocante, vulgar.
- Eu entendi o senhor dizer que não julgava vidas - disse a Sra. Cassan rispidamente.
- Não estou julgando. Estou apenas divagando. Hoje a senhora está sonhando em achar petróleo em um alqueire de terra que possui no Novo México. Não existe petróleo lá. A senhora sonha com um homem alto, moreno e belo que venha a cortejá-la. Não virá homem algum, nem moreno, nem alto, nem de qualquer espécie. No entanto, a senhora continuará a sonhar, apesar do que lhe digo. Continuará a sonhar durante a pequena ronda de suas horas, costurando, balançando-se, mexericando e sonhando. E o mundo gira, gira, gira. Crianças nascem, crescem, casam-se, adoecem e morrem; a senhora fica em sua cadeira de balanço, cose, mexerica e leva a vida. E a senhora tem voz ativa no governo, e um número suficiente de pessoas votando igual poderia mudar a face do mundo. Há algo de terrível nessa ideia Mas sua opinião individual sobre qualquer assunto no mundo é absolutamente desprezível. Não, não consigo atinar com a razão de sua existência.
- Não lhe paguei para atinar com coisa alguma. Diga apenas meu futuro e pronto.
- Estive dizendo seu futuro! Por que não ouve? Deseja saber quantas vezes

ainda comerá alface ou ovos cozidos? Quer que eu enumere as vezes em que gritará bom dia para a vizinha sobre a cerca? Devo dizer-lhe quantas vezes mais a senhora comprará meias, irá à igreja, assistirá a filmes? Deverei fazer uma lista mostrando quantos litros de água a senhora ferverá no futuro para o chá, quantas combinações de cartas receberá no bridge, quantas vezes o telefone tocará nos anos que lhe restam? Deseja saber quantas vezes voltará a censurar o jornaleiro por não deixar o jornal no lugar que menos a irrita? Devo dizer-lhe quantas vezes mais a senhora se aborrecerá por chover ou deixar de chover, segundo seus desejos? Devo calcular quantas moedas há de poupar regateando no mercado? Deseja saber tudo isso? Pois esse é seu futuro - fazer as mesmas coisas inúteis que tem feito nos últimos 58 anos. A senhora se defronta com uma repetição de seu passado, uma recapitulação dos Algarismos na máquina de calcular de seus dias. Há apenas um algarismo brilhante, talvez: houve um pouco de amor em seu passado; mas não haverá nenhum em seu futuro.

– Bem, devo dizer uma coisa: o senhor é o adivinho mais estranho que já vi em minha vida.

– É minha cruz só ser capaz de dizer a verdade.

– O senhor já amou?

– Naturalmente Mas por que a senhora pergunta?

– Há um fascínio estranho em sua franqueza brutal. Eu imagino uma moça, ou melhor, uma mulher experiente, lançando-se a seus pés.

– Houve uma moça mas ela nunca se lançou a meus pés. Eu me lancei aos dela.

– O que ela fez?

– Ela riu.

– Ela o magoou?

– Sim. Mas depois disso nada mais me magoou muito.

– Eu sabia! Sabia que um homem com sua terrível crueldade mental devia ter sido ferido por uma mulher, em alguma época. As mulheres são capazes de fazer isso a um homem, não é?

– Creio que sim.

– Pobre homem, pobre homem! O senhor não é muito mais velho do que eu, não é? Eu também fui magoada. Por que não poderíamos ser amigos, ou mais que amigos, quem sabe, e juntos remendar os farrapos de nossas vidas? Acho que eu seria capaz de compreendê-lo, consolá-lo e tomá-lo sob meus cuidados.

– Minha senhora, eu tenho quase 2 mil anos de idade, e sempre fui solteiro. É tarde demais para começar.

– Ah, como o senhor é engraçado! Eu adoro brincadeiras! Nós nos daríamos esplendidamente, os dois. Tenho certeza!

– Sinto muito. Eu lhe disse que não haveria mais homens em sua vida. Não tente fazer com que eu me desdiga, por favor. A consulta terminou. Boa tarde.

A Sra. Cassan começou a dizer alguma coisa, mas não havia mais ninguém com quem falar. Apolônio havia desaparecido com aquela presteza dominada apenas pelos mágicos de maior experiência. A Sra. Cassan saiu para o clarão da tarde ensolarada. Lá fora encontrou Luther e Kate. Isso foi exatamente dez minutos antes da petrificação de Kate.

- Querida - disse a Sra. Cassan a Kate - esse adivinho é o homem mais magnético que já vi. Vou falar com ele de novo hoje à noite.
- O que foi que ele disse sobre o petróleo? - perguntou Luther
- Ah, ele me encorajou muitíssimo.

Sob a influência do álcool como jamais haviam sido influenciados pela Associação Cristã de Moços, os dois universitários do Leste, Slick Bromiechski e Paul Conrad Gordon, chegaram ao circo saltando piadas e divertindo-se a valer.

O doutor Lao viu-os a distância e correu para eles.

- Que quelem no cico? - perguntou. - Non ter nada pala vocês aqui. Pala fola, deplessa.

Os dois universitários riram do frenesi do velho chinês, ameaçando soltar os japoneses sobre ele, caso não calasse o bico. Citaram leis, que promulgaram naquele instante, para mostrar-lhe que não tinha o direito de impedir qualquer pessoa de entrar no circo, desde que pagasse a entrada. Aconselhando-o de desistir de ser um novo Barnum e recolher-se à sua insignificância, dirigiram-se ao espetáculo só para homens e esqueceram-se do velho. O espetáculo ficava numa tenda isolada. A cortina tinha furos a diversas alturas para acomodar os olhos de homens de várias estaturas. Por um deles espiava um cidadão de aparência idosa, trajando calças de golfe; por outro olhava um inspetor sanitário. Os orifícios restantes estavam vazios. .

Cada um dos universitários escolheu um orifício que se ajustava à sua altitude ocular, debruçaram-se e olharam.

Em torno de uma cabana de palha dançavam três sacerdotes negros, sob um imponente símbolo de virilidade. Era uma dança de chuva, e um chuvisco acompanhava suas evoluções. Despiram seus saíotes de ervas, dançando nus sob o enorme falo, seus corpos negros reluzindo sob a chuva.

Da cabana saíram cinco virgens - negras, esguias e deliciosas. Os sacerdotes caíram sobre elas e as desnudaram, continuando a dançar. Os tambores soavam abafados no meio da chuva. As donzelas negras dançavam ao redor dos sacerdotes, tropeçando e mancando ao pisarem as palhas e restolhos no chão. Os corpos negros saltavam na umidade cinzenta.

Os tantãs soaram mais forte e a dança dos sacerdotes tornou-se mais vertiginosa; entretanto, ainda mais ardorosas que eles, as moças arrancaram longas varas de salgueiro e açoitaram os sacerdotes, lacerando-lhes as costas e os ventres; e o som dos tantãs continuou sob a chuva, enquanto os sacerdotes negros gritavam e fugiam da dor aguda e lancinante dos látigos.

O grande falo estremeceu. A poeira cinzenta da chuva caía como cinza sobre as peles negras; o vento ria e gritava. A chuva cessou e do seio da floresta surgiu Mumbo Jumbo batendo um tantã.

Sob um arco-íris de fulgor amorfo e suave surgiu Mumbo Jumbo. E os coribantes negros prostraram-se, curvaram-se, ajoelharam-se e rastejaram em submissão. Mumbo Jumbo cuspiu sobre seus ombros prostrados.

As virgens olharam-no, sacudiram-se para eles e tremeram lascivamente. Mumbo Jumbo examinou-as cuidadosamente, apalpou-as, apertou-as e beliscou-as. E as esfregou, alisou e mordeu. Beijou-as, esfregou seus narizes, puxou suas orelhas e provou o gosto de suas línguas, cheirou seus hálitos e titilou-lhes os sexos. As moças a tudo se submetiam, enroscando-se nele. Mas não lhe agradaram. Mumbo Jumbo pegou de um porrete e as

deitou por terra; espancou os sacerdotes, batendo-lhes nos rostos humilhados e bradando sua desaprovação.

Os sacerdotes reuniram-se e conferenciaram em sussurros. Um deles rastejou até o deus, fazendo passes propiciatórios. Mumbo Jumbo prostrou-o com um golpe, fazendo-o cair ao lado das virgens rejeitadas.

Então os outros sacerdotes esquivaram-se para dentro do templo e voltaram carregando uma cruz em que estava amarrada uma loura moça nórdica. Deitaram-na aos pés do deus e fugiram.

Mumbo Jumbo olhou-a e agradeu-se. Soltou-a da cruz, levantou-a pelos cabelos e, sob o arco-íris amorfo, desapareceu na floresta.

– Rapaz, que troço! - berrou Paul Conrad. - Menino, que inveja que eu tenho desse macacão!

– Cala a boca! - disse o cidadão de aparência idosa com calças de golfe. - Será que vocês, estudantes, não podem ver alguma coisa sem abrir a boca e dizer bobagem? Onde pensam que estão? Na droga de seu colégio?

– Se não está gostando da barra, vovô, é só dar o fora - disse Slick Bromiezchski.

– Enfim, você disse uma coisa mais ou menos inteligente - disse o cidadão de aparência idosa. - Vou queixar-me à gerência.

Saiu precipitadamente da tenda.

– Imagine só! Queixar-se à gerência desse mafuá - zombou Paul.

– Imagine! - riu Slick.

Rindo tranquilamente, os universitários voltaram a seus postos de observação.

Havia ninfas sentadas sobre pedras cinzentas, ninfas cheias de corpo, com estômagos de lavadeiras e quadris de cavalos. Entre os juncos à beira-mar, o fauno as observava.

Era um fauno rosado, alvo e jovem, que a juventude inocente tornava tímido, belo como um menino de coro, mas sem sotaina nem hinário. Dos juncos verdes ele contemplava as moças gordas e lascivas, que sabiam estar sendo observadas. E elas riam, saltavam de um lado para outro, faziam coisas obscenas umas com as outras e o jovem fauno afastou os juncos verdes para melhor observá-las.

Duas ninfas dançavam, enquanto as outras riam e as incitavam; e todas observavam o fauno pelos cantos dos olhos enquanto ele tremia entre os caniços. Não ousava aproximar-se. E elas o chamavam zombeteiramente e o desafiavam a vir brincar com elas. Mas ele sacudia a cabeça, permanecendo onde estava.

As ninfas continuavam ali, entregues a seus folguedos; e cada uma delas esperava que as outras fossem embora para que pudesse ir ter sozinha com o fauno. Então ele deixou os juncos e caminhou um pouco na areia. De trás de uma pedra, pronto para fugir, ele as observava. As ninfas fingiam não vê-lo, enfeitando os cabelos com flores, jogando areia umas nas outras, acorando-se desajeitadamente e rindo alto. Uma delas atirou uma abelha na irmã. A abelha picou. A irmã chorou e depois pôs-se de pé furiosamente. As duas ninfas lutaram como lutam as moças, chorando, unhando-se e mordendo-se. E as outras jogavam areia nelas, riam e as instigavam. E o jovem fauno aproximou-se um pouco mais.

Uma das moças tomou nas mãos um cacho de uvas e caminhou em sua direção. Seus

pés sujos arrastavam-se na areia seca, seus cabelos em desalinho caíam em nós e emaranhados e havia manchas e pisaduras em suas pernas grossas. Ela lhe estendeu as uvas estragadas e murchas, sorriu com os lábios carnudos, mas ele recuou e dirigiu-se para o mar. Havia tristeza nos olhos da ninfa ao atirar fora o cacho e voltar para onde estavam suas irmãs.

As outras ninfas escarneceram dela e a arremedaram. Furiosa, ela lhes atirou um pau; as moças desviaram-se, rindo. Mas pelos cantos dos olhos continuaram a olhar o fauno.

Então, a mais jovem delas, a mais esguia, mais limpa, mais desejável e mais perfumada, deixou as outras e caminhou em direção a um ponto distante da praia. E suas irmãs, fingindo não notar, recomeçaram a dançar e a cantar, chamando o fauno de vez em quando. Ele continuava acororado, olhando-as com inquietude. Mas não retribuía seus chamados, nem ia ter com elas.

As ninfas acenavam-lhe com ramos verdes e jogavam-lhe conchinhas, xingavam-no e faziam caretas. Deram as mãos, dançando em volta de um arbusto florido.

A ninfa que as havia deixado caminhava pela praia, acompanhando a espuma. Depois, oculta por caniços, entrou na água e, caminhando pelas ondas que lhe batiam pelos joelhos, ainda oculta pela vegetação, veio sair atrás do fauno. E o círculo de ninfas, dançando de mãos dadas, aproximou-se lentamente dele. O fauno as observava, tremendo.

A ninfa saiu do mar devagar, sem barulho, aproximando-se do fauno sem que ele a visse. As outras moças pararam de dançar e saltaram sobre o fauno. Ele deu um salto em direção ao mar, mas a ninfa formosa já estava sobre ele. Segurou-o pelas mãos.

E as moças gordas e lascivas fecharam-no num círculo de sua carne dissoluta, encostando sua imundície em sua pele branca, agarrando-o com dedos lúbricos, tirando-o umas das outras, para beijar-lhe a boca com um beijo de luxúria e devassidão.

O fauno lutava contra elas desajeitadamente e com violência, atingindo-as com fúria, mas debilmente, como se receoso de feri-las. E havia em seu rosto alguma coisa que não era violência nem fúria; às vezes, quando sua mão caía sobre elas, as ninfas sentiam antes uma carícia que uma bofetada.

O fauno caiu por terra. As ninfas ajoelharam-se em sua volta, chiando e arquejando. No emaranhado de braços e pernas, uma das mãos do fauno subiu e apalpou os belos seios redondos da ninfa.

- Ai, ai, ai, é agora, rapaz - disse Slick. - Que palavra será que os gregos usavam para isso?

Lá fora, o cidadão de aparência idosa e calças de golfe dizia em tom de queixa:

- Estão lá, doutor Lao, os dois. Meio bêbados e impertinentes. Se o senhor tem consideração pelos sentimentos das outras pessoas que desejam assistir a seu espetáculo, deve expulsá-los do circo!

- Non se pleocupe! - disse o doutor. - Dotô Lao resolve problema. Ei, Lube! Ei, Lube!

- Tá chegando a hora do dá-ou-desce - disse Paul Conrad, rindo.

Alguma coisa grande, preta e cabeluda entrou na tenda precipitadamente e agarrou os dois universitários, puxando-os para fora. Arrastou-os até a rua, onde os atirou de rosto no chão. Se era um homem, um urso ou um russo, ninguém saberia dizer, mas muita gente discutiu a respeito com ardor.

- O melhor leão de chácara que já vi em minha vida - comentou o inspetor sanitário

ao cidadão de aparência idosa vestido com calças de golfe. - Vamos voltar e olhar aquilo de novo, meu velho. Tem muita coisa interessante ali.

O Sr. Etaoin contemplava a serpente marinha e a serpente marinha contemplava o Sr. Etaoin. O Sr. Etaoin acendeu um cigarro e soprou fumaça cinzenta. A serpente marinha encolheu a língua e a mexeu - uma língua comprida e amarela, grande como a mão, o pulso e o braço de um homem, languidamente sensível, graciosamente bifida, provadora de sons, sensora de vibrações, símbolo de sentidos estranhos, silenciosa e secreta, sugestiva de um mal que remontava ao Éden. Os olhos do Sr. Etaoin, circunscritos por aros de chifre, olharam a cobra através de lentes empoeiradas. Os olhos da serpente, sem pálpebras e fixos, fitaram o revisor com pupilas felinas, finas elipses negras e verticais em campo de cobre. Os olhos do revisor eram coisas verdes, opacas e fixadas por músculos. Os olhos da cobra eram joias melancólicas, magníficas e perversas.

Aborrecida com o mútuo exame, a cobra revolteou lentamente em sua jaula enorme, as convolções de seu corpo e de sua cauda seguindo o caminho invisível descrito anteriormente pela cabeça. Erguendo a cabeça, examinou os interstícios e as reticulações da treliça de aço que a mantinha cativa, esperando distraidamente encontrar uma abertura que não houvesse percebido antes, procurando nos limites de seu mundo carcerário um caminho para o exterior, examinando pela milésima vez as mesmas barras que a aprisionavam.

Etaoin moveu-se com um arranco, assustando a serpente. O réptil o fitou, vibrando a cauda contra o piso de madeira da jaula, causando um chilreado de pica-pau.

A COBRA: Por que me olhas assim? Tu e eu nada temos em comum senão o ódio recíproco.

ETAOIN: Tu me fascinas. Mas por que fazes tua cauda zumbir como uma cascavel?

A COBRA: Por que não? É meu atavismo predileto.

ETAOIN: Seria possível que a compulsão instintiva que me faz procurar uma árvore quando um cão late para mim seja a mesma que te faz chocalhar quando te alarmas?

A COBRA: Não. Tua compulsão nasce do medo. A minha, do ódio. Teu instinto é de covardia. O meu, de contra-ataque. Tu desejas fugir. Eu, revidar. Tens medo de tua própria sombra. Eu nada receio.

ETAOIN: O deus que te deu bravura deu-me astúcia.

A COBRA: Eu não trocaria uma pela outra.

ETAOIN: No entanto, tu estás numa jaula, eu estou livre para ir onde quiser.

A COBRA: Ah, tu também estás numa jaula. Experimentas tuas barras com a mesma frequência com que eu experimento as minhas.

ETAOIN: Um tanto vagamente eu te compreendo.

A COBRA: Não serei mais explícita.

ETAOIN: Por que esfregas o queixo no chão?

A COBRA: Por que ficas aí como um idiota? Eu faço por gostar da sensação. Porque a fricção causa-me prazer sensual. Porque meu rosto coça e o atrito mitiga a irritação. Ha! Dirias que a fricção seja um contra-irritante para a comichão? Fiz um epi-grama?

ETAOIN: Não creio.

A COBRA: Por que usas esses objetos sobre os olhos?

ETAOIN: Para ver.

A COBRA: O deus que te fez astucioso fez meus olhos bastante eficientes para que eu veja as coisas sem adjutório. Na verdade, o Senhor de Todos os Viventes foi generoso para comigo. A mim Ele deu força, simetria, tolerância e paciência. Víbora e serpente

constritora Ele me fez. Minha peçonha é mais virulenta que a de uma naja. Mais terríveis que as de um píton são minhas espirais. Posso matar com uma só mordida. Posso esmagar com um só aperto. E quando aperto e mordo ao mesmo tempo, a morte sobrevém a galope, eu te digo. He, he, he! Mas, e tu? Tens até de te cobrir de panos para proteger tua pele fraca. Tens de apor objetos diante dos olhos para ver melhor. Olha a ti mesmo! He, he, he! Deus não foi pródigo contigo.

ET AOIN: Admito que não sou Seu vaso mais perfeito. .

A COBRA: O que comes?

ETAOIN: Gozo de uma universalidade de paladar. Como uvas e pés de porco, caracóis e peixes, proteínas e hidratos de carbono. Além disso, gosto de fígado de ganso.

A COBRA: Eu como somente carne de mamíferos, peixes e aves. Certa vez comi um garotinho mulato. Queres que te conte como foi?

ETAOIN: Por favor, conta.

A COBRA: Meu conhecimento de geografia não é dos melhores, mas foi numa ilha em algum oceano, e foi preciso nadar muito para chegar até lá, e eu nado depressa. Podes ver que minha cauda é espatulada como um remo. Bem, cheguei a essa ilha quase ao amanhecer do sétimo dia e decidi mudar de pele. Devia ter sido mudada dias antes, mas não se pode mudar de pele no meio do oceano. Assim refletindo, cheguei a uma bela praiazinha, avançando entre recifes traiçoeiros e evitando por um triz um baixio. Ao chegar à areia, rastejei, com todos os meus 25 metros - pelo menos esse é meu comprimento, segundo o doutor Lao, e ele conhece esses assuntos - e dirigi-me para matos espessos que avistei. Digo-te que é muito aborrecido rastejar na areia depois de se nadar no oceano. Bem, cheguei ao matagal, soltei e tirei a pele da cabeça, e finalmente desenganchei a epiderme de meus maxilares, superior e inferior. Depois prendi as pontas do couro velho nos arbustos, tornando-se então questão de rotina sair contorcendo de dentro dele. A pele velha junta-se debaixo da garganta, tu sabes, e quanto mais depressa nos mexemos em volta dos arbustos, mais depressa sai a pele velha. Bem, rolei de um lado para outro e lá se foi ela, e eu fiquei exultante no fim. A situação já se tornava muito desconfortável.

Ora, uma coisa que tenho observado é que toda vez que mudo de pele a fome ataca de imediato. Por isso, brilhando, reluzindo, fulgindo e resplendendo em minha pele nova, lisa e colorida, comecei a procurar na ilha alguma coisa para comer. Passei por uma colina, uma floresta e um vale, sem ver absolutamente nada. Encontrei um rio e pus-me a nadar contra a corrente. Era um rio pequeno e sinuoso; quando eu olhava para trás, tudo que via era meu próprio corpo desaparecendo do outro lado de alguma curva. Bem, subi aquele rio. E te digo: todos seus peixinhos julgaram que para eles havia enfim chegado o milênio.

Daí a pouco alcancei uma aldeia, um vilarejo de cabanas de barro e gente escura. Estavam matando o tempo à beira da corrente, ouvindo o feiticeiro contar o que sem dúvida era uma mentira cabeluda. Emergi perto deles. Gritaram e fugiram, correndo em círculos como galinhas; talvez não creias, mas alguns chegaram a saltar no rio e tentar nadar para o outro lado.

Olhei-os e escolhi o que queria para refeição. Era um garotinho gorducho, cor de café. Ah, aposto que a mãe dele o alimentava com ovos de pata e bananas assadas, pois era tão gordinho! Tinha a barriga tão grande que não conseguia ver os pés.

Seja como for, ele trepou numa árvore. Sabes como esses nativos sobem em árvores: juntam os pés e sobem pelo tronco inclinado com saltos ridículos. Foi o que fez esse moleque. Deixei-o chegar lá em cima, entre os ramos e os cocos. Ele me olhou como um macaco, e pela maneira que berrava poder-se-ia pensar que algo de terrível estivesse para

lhe acontecer.

Bem, senhor, aí eu comecei a subir com toda facilidade, escorregando tronco acima, devagar, bem devagar. Minha pele deslizava e ondulava, e com esforços suaves dava à cabeça maior altitude. E minha língua, que amedronta tanto as pessoas - pois pensam que é um ferrão - minha língua entrava e saía o tempo todo da boca. Minha fome era imensa. Por Deus! Pensei que aquele mulatinho fosse estourar os peitos quando viu minha velha língua saltando para lambê-lo.

Bem, então eu o agarrei pela perna. Jesus, aí mesmo foi que ele berrou! Mas eu segurei direito e disse entre os dentes: "Vamos logo, desgraçado!" e dei um puxão com toda força. Aí, não te digo nada, ele se soltou da árvore, eu caí para trás e perdi o equilíbrio. Caímos os dois no chão com uma barulheira infernal. Por pouco não passo desta para melhor.

Engoli-o como se engole - como o senhor engole - uma ostra e com exatamente o mesmo direito, se me permite uma intromissão de caráter ético. E quando ele estava bem entre minhas presas, de modo que minha cabeça estava toda inchada e meus olhos esbugalhados e grandes como globos de lâmpadas, quem me aparece senão o pai do pirralho, com sua lança e fazendo barulho! Bem, eu não podia dar-lhe uma mordida muito boa com aquele fedelho atravessado na boca, mas crê no que digo, velho, dei um jeito naquele camarada. Enlacei-o com o último terço de meu corpo; e quando comecei a apertar, ele estava mesmo disposto a pedir penico. Só que não podia falar droga nenhuma porque os pulmões dele estavam vazios.

ETAOIN: Contas uma história arrebatadora. O que sucedeu ao pai da criança?

A COBRA: O pai? Ah, eu o comi também. Procurei em volta pela velha, mas não a achei, e por isso mandei para o bucho a primeira donzela núbil que encontrei. Mas o melhor de tudo foi o pirralho gorducho.

ETAOIN: Contas histórias com muito tino. Fala-me mais sobre tuas refeições.

A COBRA: Não. Agora é tua vez. Conta-me uma história.

ETAOIN: Havia um porco. Um porco Duroc Jersey. Andava de um lado para outro em seu chiqueiro, comendo lavagem e sem se perturbar com conflitos espirituais. Engordava cada vez mais. Um dia, seu dono meteu-o numa carroça, levou-o à estação, embarcou-o no trem de carga e mandou-o para um abatedouro. Lá, foi abatido e esquartejado, como fazem nos abatedouros. Alguns meses depois entrei num restaurante e pedi costeletas de porco. E as costeletas que me serviram - quero morrer agora se estiver mentindo - eram exatamente daquele porco a que me referi. E a moral dessa história é que toda, a única, pura e simples finalidade da vida de um porco, e da vida de seus ancestrais e das vidas das coisas que o porco e seus ancestrais comeram, e do clima e do habitat que fomentou a propagação e a maturação dessas coisas, e dos homens que os criaram, trataram e venderam - o único propósito dessa massa de fios e carreiras era fazer com que eu obtivesse, no momento que desejei e naquele restaurante, um par de saborosas costeletas de porco.

A COBRA: Há razão no que afirmas. Filósofei de maneira bastante análoga no momento em que devorava aquele garotinho mulato. Ah, eu gosto imensamente de conversar sobre comida.

ETAOIN: Só existe um assunto mais interessante.

A COBRA: Suponho que te referes ao amor.

ETAOIN: Exatamente.

A COBRA: Recordo ainda meu primeiro romance. Deve ter sido há 11 séculos. Ah,

como era linda! Devia ser uns seis metros mais longa que eu, pois àquela época eu era muito jovem. Suas grandes presas eram como lâminas de picaretas. Eu estava no Ocidente; ela, no Oriente. Percebi-a pelo olfato, do outro lado do mundo. Era a primeira vez que eu sentia aquele cheiro, mas sabia o que era. É engraçado como se conhece as coisas sem nunca ter ouvido falar delas. E viajei pelas águas do oceano até o Oriente, onde ela habitava.

ETAOIN: Deve ter sido uma longa jornada.

A COBRA: Foi, de fato. Vi o náutico, a lula, a caravela e o tubarão elasmobrânquio. Peixes-voadores corriam em torno de minha cabeça, e certa vez uma fragata voou sobre mim. Faminta, agarrei-a no ar e a devorei sem perder um só movimento da cauda.

ETAOIN: Que gosto tinha?

A COBRA: Sabia a peixe ruim. Nunca mais comi outra. Os pelicanos, entretanto, não são insípidos e os gansos árticos são extremamente saborosos.

ETAOIN: E encontraste tua companheira?

A COBRA: Encontrei-a. Junto de uma ilha de pedras escuras. Era reservada e recatada. Deslizou para cima das rochas e silvou para mim. Deslizei em sua direção. Minha paixão a incendiou; meu ardor moderou seu recato. Diz-me: os homens mordem as mulheres no pescoço quando as cortejam?

ETAOIN: Às vezes.

A COBRA: Nós também. Mordi-a no pescoço e ela se pendurou em minha mandíbula. Eu sentia seu veneno circular em mim. Mas não me fez mal; nem o meu lhe foi nocivo. Depois puxei-a daquela ilha rochosa, dei uma ou duas voltas ao redor dela e assim lutamos nas ondas nervosas e agitadas. Lembro-me do céu encoberto e do trovão que roncava, como se os elementos estivessem perturbados com os nossos folguedos. Diz-me: os homens cansam-se das mulheres depois que se deitam com elas?

ETAOIN: Às vezes.

A COBRA: Nós também. Cansei-me, deixei-a e voltei para o Ocidente, para um lugar de enormes tartarugas e pedras vulcânicas. Lá as tartarugas só comem vegetais e frutas; alcançam idades fantásticas; e embora nunca tenham saído de sua ilha vulcânica, são profundamente sábias. Deitei-me na areia e conversei com elas. Fizeram-me perguntas e me narraram muitas coisas estranhas e belas. Seus pés são como patas de elefantes, e suas vozes são lentas e graves. Mas, diz-me: depois do período de saciedade, os homens voltam a desejar as mulheres?

ETAOIN: Às vezes.

A COBRA: Nós também. No ano seguinte senti outra vez o cheiro dela, do outro lado do mundo. Atendi ao chamado e fui ter com ela. E com ela fui ter todos os anos, até...

ETAOIN: Até o quê?

A COBRA: Até que o doutor Lao me capturou. Diz-me: os homens encarcerados...?

ETAOIN: Às vezes.

A COBRA: Nós também.

ETAOIN: Durante toda a história da navegação houve pessoas que alegaram ter-te visto. Tinhas o hábito de esticar a cabeça fora da água e assustar as pessoas?

A COBRA: Bem, às vezes, quando eu avistava um barco, nadava em sua direção e olhava dentro dele, só para me divertir ouvindo as pessoas gritarem. Afinal, eu também gosto de manter viva a minha lenda.

ETAOIN: Conta como o doutor Lao conseguiu prender-te.

A COBRA: Foi por causa da sereia. Eu nunca vira algo parecido com ela antes. Diz-

me: ela é bonita?

ETAOIN: Extremamente.

A COBRA: Bem, um dia eu estava passeando ao largo da China quando apareceu o doutor Lao em seu barco. A embarcação passou exatamente sobre mim, pois eu estava procurando sibas, sob a água. Subi para tomar um pouco de ar e vi o doutor puxando para fora da água uma coisa que me pareceu ser um peixe enorme. Ele e todos os cules ao redor estavam gritando como possessos, e por isso eu me aproximei para ver o que os excitava tanto. Era a sereia. Levantei a cabeça sobre a proa do barco e olhei-a. Então, enquanto eu ainda estava em transe, o doutor Lao jogou um cabo grosso com um laço em volta de meu pescoço, prendendo a outra ponta no cabrestante. Os chinas me puxaram para o convés como se eu fosse um pedaço de corda. O laço me deixou inconsciente, e quando despertei estava numa jaula. Desde esse dia nunca mais me libertaram. Isso foi há nove anos. Mas meu dia está chegando. Não me esqueço.

ETAOIN: Que vais fazer?

A COBRA: Jantarei, e o doutor Lao proporcionará o prato de carne.

ETAOIN: Anseio esse cuja concretização dependerá, naturalmente, de escapares desta jaula.

A COBRA: Exatamente.

ETAOIN: E depois da refeição?

A COBRA: Ah, pegarei a sereia, carregá-la-ei em meu dorso, acho que ela poderá firmar-se se usar as mãos e a cauda ao mesmo tempo... entrarei no rio mais próximo e nadarei para o mar. E que nada me tente deter!

ETAOIN: Por que levarás a sereia?

A COBRA: Ela é filha do mar, tanto quanto eu. Ela anseia pelas ondas, tanto quanto eu. Além disso, é bela, tu mesmo o disseste. Levá-la-ei para o mar e a libertarei. Achas que ela acenará para mim quando passar além da arrebentação? Crês que ela sorrirá para mim à medida que se afastar?

ETAOIN: É claro que ela fará isso.

A COBRA: Espero que sim. Depois eu próprio vencerei a arrebentação e partirei rumo àquela ilha rochosa do Oriente. Minha companheira ainda estará lá. Sei que estará. Irei ao Oriente à sua procura. Caravelas, náuticos, lulas e tubarões elasmobrânquios... verei a todos novamente.

ETAOIN: Gostaria de ir contigo.

O Sr. Etaoin pôs-se a vagar pelo circo, esperando a hora da função principal. Encontrou a repórter da Tribuna saindo de outra tenda.

– O senhor vai me invejar - disse ela. Acabei de entrevistar o próprio doutor Lao!

– Bobagem - disse Etaoin. - Acabei de entrevistar a cobra.

Agradavelmente saturados com a boa cerveja de Harry Martinez, Larry Kamper e seu companheiro estavam sentados ao lado do balcão, conversando, bebendo e fumando. Haviam sentido interesse e amizade um pelo outro, regando as sementes de sua camaradagem com molhadelas abundantes de cerveja fresca e suave. Depois de esgotados assuntos como o tempo, os dias difíceis que viviam e o desfile da manhã, foi abordada a questão da carreira de Larry a serviço da pátria no Oriente.

– Rapaz - disse Larry - passei nada menos de seis anos entre os selvagens e

voltei para casa agora. Preciso de um banho de civilização. No dia em que cheguei a São Francisco, parecia um garoto da roça.

– Por onde você andou na China, Larry?

– A maior parte do tempo passei em Tientsin. É onde está estacionado o décimo quinto. Mas é claro que andamos muito de um lado para outro.

– Como é a cerveja por lá? – perguntou Harry Martinez.

– Ah, eles tem a Asahi, a Sakura, a Garrafa de Ouro, a Cinco Estrelas, a Kupper, a Chess, a Spatenbrau, a München e mais uma porção. A melhor era a Kupper. Nossa, o que eu bebi de Kupper daria para fazer flutuar um encouraçado. Era boa mesmo.

– E as mulheres?

– Bem, tinha de todas as espécies... coreanas, mandchurianas, japonesas, russas, cantonesas, anamitas, judias, letonianas, eslavas, francesas, alsacianas e filipinas. Tinha mulher aos montes. As mandchurianas eram as melhores. Umhas moçonas grandes como vacas, de olhos bonitos e pés grandes. Usavam calças e paletós como homens. E seus cabelos eram como fumaça preta, uma fumaça preta e graxenta.

– Sempre ouvi dizer - disse o amigo - que as chinesas são diferentes. O que você diz?

– Besteira - disse Larry. - São iguais a todas as outras mulheres. O engraçado é que os homens chineses pensam a mesma coisa sobre as mulheres brancas. Como será que começou essa ideia besta?

Nem seu amigo nem Harry Martinez foram capazes de ajudá-lo em sua perplexidade.

– Puxa - exclamou o amigo de Larry - eu gostaria de viajar pelo mundo e ver gente diferente e lugares esquisitos como você. Eu sempre quis viajar, mas acho que isso nunca vai acontecer. Vou ficar aqui por Abalone, com mulher e filhos, e ir vegetando até morrer. Um dia desses eu estava pensando se não devia ir para o litoral, pegar um navio para a Austrália. Para qualquer lugar, desde que fosse longe daqui. Quando chegasse lá podia mudar de nome, começar tudo de novo e talvez viver outra vida mais divertida. Mas tenho a impressão de que vou ficar por aqui em Abalone mesmo, com minha mulher e meus filhos, até esticar a canela.

– Você viu alguma decapitação por lá, Larry? – perguntou Harry Martinez.

– Claro. Por volta de 1927 houve muitas, quando os bandidos começaram a pôr as

manguinhas de fora. A gente costumava ir à vila sempre que havia execuções para tirar fotografias. Tenho umas ótimas em minha mala em São Francisco. Uma vez, num lugar chamado Tongshan, onde estávamos de guarda, enquanto havia uma revolução, os soldados chineses cercaram um bando de desertores e meteram na cabeça que deviam fazer uma matança pública. Fizeram a coisa numa pedreira e todos nós fomos lá assistir. Dessa vez usaram fuzilamento, em vez de matar com o facão. Separavam um sujeito e mandavam que ele se ajoelhasse, e então um dos soldados chineses vinha com uma Mauser e mandava chumbo na cuca do coitado. Tinha gente como o diabo assistindo ao redor. Afinal de contas, as execuções eram quase tudo que se tinha para fazer em Tongshan, a não ser tirar carvão da terra.

Larry fez uma pausa e logo prosseguiu.

- Aí os chineses pegaram o último sujeito, um camarada enorme, e se prepararam para pôr ponto final na festança. O chinês meteu uma bala na Mauser e depois chegou perto de nosso amigo. O coitado estava nervoso de dar pena, olhava a pistola pelo canto do olho, e na mesma hora que o soldado puxou o gatilho, o camaradinha virou a cabeça para o lado e o tiro errou. Era a primeira vez que o chinês errava um tiro naquele dia todo. Mas o raio da bala queria mesmo sangue. Bateu numa pedra chata, ricocheteou em cima de um bando de gente que estava olhando e atingiu um garotinho na testa. E agora ouçam uma coisa: quero cair duro se aqueles chineses não acharem aquilo uma coisa engraçadíssima! Riam de rolar. São mesmo uma gente muito esquisita.
- Uma vez eu vi Pancho Villa fuzilar uns sujeitos - disse Harry Martinez. - Mas dessa vez ninguém riu.
- Os chineses são do barulho - disse Larry. - Eu gosto dessa gente. Ei! Esse tal circo não é de um chinês?
- É.
- Bem, então vamos lá. Deve ser bom.

Durante todo o percurso, Larry tentou caminhar a passo com o companheiro.

- Olhe só o raio dessa cidade - lamentou o amigo. - Estou aqui desde 1919. Vim para cá por causa da saúde de minha mulher e tenho a impressão de que nunca mais vou sair daqui. Meu Deus do céu! O resto da vida em Abalone! O raio da cidade já era morta quando cheguei aqui e está ficando cada vez pior. Você andou pela China, Japão, Filipinas e esses lugares todos, mas eu nunca conheci outro lugar que não fosse Abalone. Meu Deus!
- É, é ruim mesmo isso - disse Larry.
- O que você quer fazer, Larry, quando for embora daqui?
- Acho que vou procurar um posto de recrutamento em algum lugar e me alistar para o 11º de Engenharia no Panamá. Dizem que é uma boa unidade, e pelo menos vai ser uma mudança da infantaria. Quando eu me cansar daquilo, acho que vou tentar a artilharia na costa do Havaí, depois a unidade aérea nas Ilhas, e talvez depois volte para a China. Não sei direito. Ainda tem muitos lugares que eu quero ver.
- Você não gosta de ficar preso a um lugar só, não é?
- Deus me livre! Nunca vi um lugar que não me cansasse depois de uns anos. Isso é que é bom no Exército. Quando termina seu tempo você pode mandar tudo às favas e correr para outro lugar. Não é como ser paisano.
- Não - disse seu amigo. - Isso eu sei!

Chegaram ao circo no mesmo momento em que os dois universitários estavam sendo catapultados para o meio da rua. Larry e seu amigo correram para ajudá-los.

- O que foi, rapazes? Bilhete azul?
- Mais ou menos - disse Paul Conrad. - Não tem importância. É uma droga de circo. - Ele e Slick subiram para a fubica, deram ignição e partiram. Na traseira do carro havia um dístico pintado a mão:

JUVENTUDE FOGOSA... CUIDADO COM A FUMAÇA

– Grandes sujeitos, esses estudantes - disse Larry, com ar de admiração. - Não ligam para nada.

As pessoas que estavam por perto riram quando o doutor Lao encaminhou-se para Larry Kamper e falou-lhe em chinês, mas o riso transformou-se em estupefação quando Larry lhe respondeu com a música cheia de vogais do mandarim. Larry cantava os monossílabos politonados com a mesma estridência do doutor Lao, e conversavam como dois estrangeiros que se encontram numa terra estranha, com o elo de uma língua comum a uni-los.

Depois de conversarem, o doutor e Larry curvaram-se um para o outro e despediram-se. Larry virou-se para o amigo e disse:

– Vamos ver uma coisa que o doutor disse que é boa. É naquela tenda ali. Você disse que sempre quis ver coisas. Isso vai agradar.

Entraram apressadamente na pequena tenda escura. O doutor Lao já estava lá. Numa jaula baixa, uma enorme loba cinzenta uivava e eructava.

– Não consigo entender como foi acontecer isso - disse o doutor Lao. - Em geral seus períodos são muito regulares. O próximo deveria ocorrer somente em outubro. Acontecer a metamorfose logo agora! Tenho certeza de que o equinócio tem alguma coisa a ver com isso.

– Sobre o que ele está falando? - sussurrou o amigo de Larry.

– O diabo da loba vai virar uma moça - disse Larry. - Olhe bem. Aposto que você nunca viu coisa parecida em sua vida.

– Ei - disse o homem - está querendo me gozar?

– Não estou gozando ninguém - protestou Larry. - Você nunca ouviu falar em lobisomens? Eles estão sempre mudando de forma. Essa aqui é uma e vai mudar agora mesmo. Rapaz, ouça como ela geme!

– Bem, só acredito vendo - disse o homem. - E mesmo assim não sei se acredito ou não.

A pele da loba, virando pelo avesso, começou a soltar-se. Suas mamas deslizaram sob a barriga, unindo-se como irmãs gêmeas e gordas. Seus caninos tornaram-se rombudos e recuaram. Sua cauda encolheu.

– Nossa, alguma coisa está mesmo acontecendo com ela - concordou o amigo de Larry. - O que está havendo? Ela está doente?

– Não, não - respondeu o doutor Lao. - O que o senhor vê são apenas as fases preliminares habituais. Daqui a pouco verão que suas patas traseiras sofrerão um pronunciado alongamento. Depois disso ela se transforma com muita rapidez. Um fenômeno interessante para quem estiver interessado em morfologia mutacional.

A loba emitiu sons de agonia, mas não aqueles que os lobos geralmente emitem.

– Por exemplo - explicou o doutor Lao - quando um girino se metamorfoseia em sapo o processo é longo e demorado, de modo que qualquer dor física associada à transformação é atenuada pela própria lentidão do processo. Mas quando uma loba se transforma em mulher tudo se consuma dentro de alguns minutos. Por conseguinte, a dor é perceptivelmente intensificada. Notem que, enquanto se transforma, ela assume

os semblantes de todas as figuras animais que formam um elo na cadeia evolucionária entre a forma humana e a lupina. Uma de minhas teses é a de que o fenômeno da licantrópia não passa de uma inversão das leis da evolução. Ouvia-se um arquejo, um gemido e um soluço. Na jaula, tremia uma mulher.

– Ah, doutor - disse Larry, com asco - por que o senhor não nos disse que ela seria assim tão velha? Raios! A velha parece uma tataravó. Puxa, eu pensei que a gente ia ver um brotinho! É melhor a gente jogar uns panos em cima dela, e logo.

– Sensualista! - disse o doutor. - Eu devia ter percebido que seu único interesse nisso seria carnal. Você assistiu a um fenômeno verdadeiramente miraculoso, segundo qualquer critério, sagrado ou profano, mas está desapontado porque o resultado não excitou sua lubricidade.

– Eu sou um soldado, não um cientista - disse Larry. - Eu pensei que a gente ia ver alguma coisa bacana. Mas, afinal, quantos anos tem a vovó... uns cem?

– Sua idade é de 300 anos, aproximadamente - disse o doutor Lao. - Os lobisomens são seres de extraordinária longevidade.

– Uma mulher de 300 anos! - exclamou Larry. - E eu que pensava que ia ver um brotinho. Vamos dar o fora, rapaz.

Com pompa e clangor soou o enorme gongo de bronze. De todos os recantos do circo acorreu gente, pessoas vermelhas, pretas e brancas, deixando as pequenas tendas dos espetáculos secundários e levantando poeira. Durante um minuto ou dois a entrada da barraca principal ficou apinhada, enquanto as pessoas entravam. Tudo que restou depois na entrada foi a poeira. O ressoar do gongo diminuiu e morreu.

O interior da tenda tinha um lustro fosco de laca creme e era decorado com suásticas negras, serpentes aladas e olhos de peixe. Não havia picadeiros. Ao invés disso, no centro da arena via-se um grande triângulo, com um pedestal em cada canto. Trajando fraque e cartola e estalando um chicote, o doutor Lao subiu num dos pedestais e soprou um apito. Numa entrada mais afastada ouviu-se um som trêmulo e farfalhante. Música chinesa, monótona como gaitas de foles, encheu o espaço da tenda. Junto à porta afastada, reuniam-se figuras de toda espécie. Estava começando a grande função.

Relinchando e corcoveando, o unicórnio abriu o desfile. Seus cascos tinham sido pintados de dourado, sua crina fora escovada.

– Observem-no! - gritou o doutor Lao. - Observem o unicórnio. A girafa é o único animal crinicórneo que não muda suas antenas. O antilocapra é o único animal de chifres decíduos. São criaturas singulares entre os animais decíduos. Mas, e o unicórnio? Não é um ser notável? Uma antena é feita de pelo; um chifre é ósseo. Mas aquilo que os senhores veem na testa do unicórnio é metal. Pensem nisso, por favor! A seguir veio a esfinge, imponente e majestosa, sacudindo o pelo

– Diga-lhes alguma coisa! - ordenou o mestre-de-cerimônias Lao.

– O que é que caminha sobre quatro pés, dois pés, três pés? - disse o andrógino com um sorriso afetado.

Apareceu então Mumbo Jumbo e seu séquito. O sátiro soprava a flauta. As ninfas dançavam. A serpente marinha enroscava-se e fluía. Agitando as asas, a quimera encheu a tenda de fumaça. Duas pastoras conduziam seu rebanho. Uma coisa parecida com um urso

carregava nos braços a sereia, que atirava beijos. O cão-das-sebes ladrava e saltava. Apolônio atirava pétalas de rosa. De olhos vendados e as cobras se contorcendo, a medusa era conduzida pelo fauno. Piando, o filhote de roca saltitava. Uma mulher muito velha cavalgava o asno de ouro. Uma tartaruga bicéfala, incapaz de tomar uma decisão única, vagueava desarvorada. Era a coleção de seres mais fantástica que Abalone jamais vira.

Sentado atrás de Larry Kamper, o Sr. Etaoin disse a Agnes Birdsong:

– Já passaram todos, menos o lobisomem. Onde será que ele está?

Larry virou-se.

– Está vendo aquela velha montada no burro? É a porcaria do lobisomem.

Os animais caminhavam, dançavam, corcoveavam, voejavam e rastejavam em torno do grande triângulo, com o mestre-de-cerimônias Lao dirigindo-os de seu pedestal. Rugiam, gritavam e tossiam. Brotando de cordas e de juncos, a música chinesa silvava monotonamente, estridulante. Acidentalmente, a esfinge sentou-se perto demais do melindroso unicórnio. O animal explodiu num coice tremendo, metendo os cascos no flanco da esfinge. O hermafrodita gritou, revidando com patas enormes e arranhando o dorso e o pescoço do unicórnio, que saltou como um garanhão enfurecido. Girou e enfiou o chifre nos pulmões da esfinge. Nervosa, a quimera se esquivava, com as asas levantando nuvens de poeira. A serpente marinha ergueu-se num S gigantesco, lançou-se 15 metros para a frente, pegou a quimera por um pé, dando sete voltas em torno de suas asas e quartos. O cão-das-sebes enroscou-se numa bola compacta, semelhante uma meda de feno tocada pelo vento. O russo beijou a sereia apaixonadamente. Baixando seus chifres e tomando certa distância, o sátiro espetou o traseiro de Mumbo Jumbo, quando o deus negro estava de costas. A velha voltou a assumir forma de loba e atacou o filhote do pássaro roca. O pequeno fauno pôs-se a atirar pedras no doutor Lao. As ninfas, pastoras e ovelhas esconderam-se, choramingando. A venda caiu dos olhos da medusa; onze pessoas foram transformadas em pedra.

– Que lástima! - exclamou o doutor. - Por que precisam lutar assim quando não há motivos para briga? São tão estúpidos quanto os humanos. Faça-os parar, Apolônio, depressa, antes que alguém se machuque!

O taumaturgo lançou encanto após encanto sobre as feras ensandecidas. Encantos de paz, mediação, racionalidade, arbitragem e mansuetude percorreram o ambiente febricitante e caíram como teias macias entre os contendores. O barulho diminuiu. Puxando o chifre dos pulmões da esfinge, o unicórnio afastou-se e começou a pastar as ervas esparsas. A esfinge lambeu o lombo lacerado. A serpente marinha soltou a quimera e com um bocejo recolocou a mandíbula em seu lugar. Sacudindo-se, o cão-das-sebes levantou-se e uivou. A sereia acariciou o urso. Mumbo Jumbo perdoou o sátiro. O lobisomem metamorfoseou-se. O fauno parou de atirar pedras. Voltaram as ninfas, as pastoras e as ovelhas. A medusa repôs a venda.

Depois da tempestade, bonança. Paz após a batalha. Perdão após o ódio. Os animais acietaram-se, arfando, afagando suas carnes traumatizadas. Mas nos olhos de um deles ainda ardia o calor do combate. Queimando-lhe o corpo, ainda abrasava a ânsia de matar. E a grande serpente retesou-se de repente, arremetendo como uma catapulta e arrancando o doutor Lao de seu pedestal. Investiu contra o outro lado do triângulo com uma rapidez de relâmpago.

– Ah, meu antigo e implacável inimigo! - arquejou o doutor. - Somente você jamais se pacificaria. Somente você nunca seria capaz de perdoar. Ajude-me, depressa, Apolônio, antes que me mate!

O mago envolveu a serpente numa névoa de frialdade. Quando o frio penetrou na pele do réptil, suas contorções tornaram-se mais lentas e seus olhos quentes vidraram-se. A névoa tornou-se mais fria, mais fria, cada vez mais fria, e a serpente descomunal amolecia à medida que seu sangue se adensava no ar gélido. Finalmente imobilizou-se como uma enorme fita cinzenta, olhando sem ver, quiescente. A cólera ainda lhe agitava as roscas da cauda, mas geladamente, sem ânimo.

O doutor Lao fugiu de seu amplexo.

– Mantenha essa criatura congelada até a recolocarmos na jaula - ordenou ele. - Felizmente sou imune a seu veneno. Mas a serpente é traiçoeira, é vingativa. Eu devia ter pensado melhor antes de soltá-la.

O espetáculo prosseguiu.

Todos os outros animais se retiraram, e no triângulo restou apenas a esfinge, para executar seu solo - uma dança acrobática. Erguendo a cauda, os quartos e as patas traseiras, ela valsava, piruetava e minuetava nas patas dianteiras, marcando o compasso da música. Fazia elegantes mesuras para baixo, dançando desajeitadamente, cantarolando e sorrindo.

– Se vai dançar, precisa de um parceiro - disse alguém.

– He, he - riu um dos inspetores sanitários. - Aquele bicho não precisa de parceiro, não é, Al?

– Não - concordou Al. - É Pierrô e Colombina ao mesmo tempo.

Um porco gigantesco entrou trotando no triângulo.

– Este é um animal que nenhum de vocês jamais viu - bradou o chinês. - O próprio porco de Gábara. Possuído por demônios, procura salvação na terra, mas não a encontra. É a besta bíblica que simboliza a imundície de toda carne. Daí o sacrifício sacramental - expulsar os diabos latentes. Essa é a finalidade da momice dos sacerdotes.

Roncando e rosnando, o porco parou para morder a erva. De um de seus ouvidos saltaram a cabeça e os ombros do diabo que o perseguia. O pequeno Belzebu sacudiu seu tridente para o doutor Lao. Essa tenda é mais quente que o inferno - disse ele.

– Você deve saber - admitiu o doutor.

O pequeno asno de ouro adiantou-se. Asno e porco bailaram um minueto.

– Por que será - indagou a Sra. Howard T. Cassan - que tudo neste circo dança o tempo todo? Nunca vi uma coisa dessas.

– É a dança da vida, madame - disse o cidadão de aparência idosa que vestia calças de golfe. - Encontram-se muitos precedentes, procurando-se bem.

O triângulo ficou vazio. O doutor Lao apitou. O cão-das-sebes veio para o triângulo, caminhando sobre as patas traseiras e balançando as dianteiras. Fingiu-se de morto e contou de um a dez com latidos lacônicos. O doutor Lao jogou-lhe folhas de alface como recompensa.

– Já vi cachorros mais ensinados do que esse - comentou um dos soldados de polícia.

– Eu também, mamãe - sussurrou Alice Rogers.

– Eu acho que esse cachorro é muito treinado, Alice - disse a Sra. Rogers,

fechando a cara para o soldado.

– Por que não têm elefantes? - quis saber Edna Rogers. - Eu gosto de ver os elefantes agarrando os rabos uns dos outros.

– Meninos, olhem que ave engraçada - disse a Sra. Rogers. - Vejam que coisa cômica.

Treinado imperfeitamente, o filhote de roca estava andando sobre uma corda. Faltava-lhe equilíbrio e graça, mas suas garras tinham uma força prodigiosa, e ele caminhava na corda como um ser humano que possuísse tornos em vez de pés. O doutor Lao jogou-lhe pedaços de presunto quando ele chegou do outro lado da corda. A avezinha estendeu-se para a frente mas seus pés continuaram presos na corda. Descrevendo uma meia-volta, o roquinho virou de cabeça para baixo, sem conseguir soltar-se nem endireitar-se. O doutor Lao deu-lhe outro pedaço de presunto e tentou fazer com que ele soltasse a corda, mas os pés enormes, vermelhos e desajeitados, agarravam-se como visgo à corda. O filhote chorava, meio tonto, e pedia mais carne.

Suas asas de plumas finas caíam frouxamente. Seus grandes olhos avermelhados fitavam com temor o pó de serra do triângulo.

– Solte a corda, idiota - gritou o doutor - e nós vamos pôr você de volta no ninho... Peço-lhes desculpas, boa gente. A teimosia desse pássaro incorrigível estragou o número.

– Dê a ele uma minhoca, doutor - sugeriu alguém.

– Céus, homem! - exclamou o doutor. - Os rocas são aves de rapina e não vermívoros. Não tocam em minhocas.

Mumbo Jumbo saiu do vestiário e seu intenso negrume emprestou um pouco de cor ao ambiente. Trazia na mão uma faca de mato. Agarrou a corda e cortou-a em dois pedaços, O roca caiu de cabeça. Mumbo Jumbo pegou-o como se levantasse um peru e carregou a avezinha para fora da tenda.

– E agora, senhoras e senhores - disse o doutor Lao - tenho a honra de anunciar que Apolônio de Tiana, o maior mágico de todo o mundo, lhes apresentará sua concepção do Sabá das Feiticeiras... Apolônio de Tiana!

Alguém, no setor das cadeiras não numeradas, gritou: Quero meu dinheiro!

– Será que os estudantes voltaram? - perguntou Al.

– Apolônio de Tiana! - repetiu o mestre-de-cerimônias.

Todo de preto, mergulhado em devaneio, o mago caminhou lentamente em direção ao triângulo, procurando fazer cessar os aplausos.

Erguendo os braços, a mão esquerda apontando para o alto e a direita para baixo, ele entouu sombriamente:

– Haja trevas.

Uma cortina de escuridão, opaca e densa, desceu sobre a tenda. As trevas caíram sobre todos os cantos e desvãos da tenda, de modo que uma pessoa não saberia dizer nem ao lado de quem estava sentada. Até mesmo os namorados tiveram de tocar-se e afagar-se na escuridão para ter certeza um do outro.

– Luar - ordenou o mago. - Luar. Música suave e flautim.

Um raio de luar prateado varou a cortina de trevas, uma réstia furtiva e inquieta como

se sentisse não pertencer àquele ambiente, e uma melodia suave de flautim acompanhou seu rastejar. O luar espalhou-se e iluminou uma charneca, no centro da qual havia uma pocilga, cheia de lama espessa. Ervas daninhas cresciam ao redor, misturadas a cardos e tanacetos; e de um charco elevou-se o canto concupiscente dos sapos que entoavam seus frenéticos epitalâmios. As águas tornaram-se mais brilhantes, até o brejo tornar-se um disco de raios de luar, um pântano de bruxuleios. Na água luziam olhos. Olhos de peixe, de sapos e rãs, olhos de salamandras, olhos de tartarugas, de crustáceos. Palpitavam ao luar.

Pela campina corriam animaizinhos: texugos, martas, ouriços, esquilos, ratos, marmotas, gatos, arminhos e raposinhas. Reuniram-se em volta do charco e seus olhos compuseram um círculo de pontos azuis. Não sabiam por que haviam-se reunido ali, mas ali estavam, vindos de florestas e brejos, de colinas e tocas. Vieram todos e ali se juntaram, sem rixas nem bulício, mas silenciosos e ordeiros. E silenciosamente esperaram, imaginando o porquê de sua espera, à beira do charco enluarado.

Nas águas rasas as tartarugas nadavam sem cessar, suas carapaças riscando a água com traços tênues. E a salamandra deixou a margem e meteu-se novamente na água; vinha e voltava, da água para o seco. Os sapos calaram seus cantos de amor, cessaram a postura de ovos. Uma cobra-coral deu um bote sobre um sapo-rei; o batráquio gritou seu brado de agonia ao luar. E todos os demais sapos lamuriaram-se e ocultaram-se covardemente sob as ervas.

- Silêncio! - rugiu Apolônio.
- As cobras nos atacam - lamuriaram-se os menestréis.
- Silêncio! - ordenou o mago.

Surgiram então as feiticeiras. Das montanhas da Lua desceram, montadas em seus cabos de vassouras, viajando pelos raios de luar até o charco e até os anfitriões que as aguardavam. Lindas umas, horrendas outras, magras e esqueléticas, gordas e nojentas, velhas e jovens, repulsivas e divinas, elas chegavam aos poucos. Algumas passavam mal devido ao voo veloz e vomitavam fluidos estranhos, outras cuspiam sangue. Algumas trajavam-se como freiras. Girando em círculos amplos, montando cabos de vassouras, deslizavam à flor d'água. Fantásticas mulheres voadoras, com farrapos esvoaçantes, rindo obscenamente como marafonas, girando, girando... Depois pousaram. As margens pálidas do charco enegreceram com a legião das irmãs; irmãs de tentação, irmãs de falsidade, irmãs de depravação. Uma confraria de dissonâncias, imundas, desleixadas, repelentes e estereis, que saltavam e gritavam na lama.

- Dancem - gritou Apolônio. - Eis que chega o senhor.

No meio das águas, sobre o dorso de enorme tartaruga, uma chama ardia numa pira de ferro. A luz das labaredas lutava com a do luar, e esta sucumbiu. O ouro das labaredas lavou do charco a prata do luar. Os batráquios, tartarugas e salamandras levantaram suas cabeças molhadas, desfilarão como soldados para formar uma ponte viva até o fogo. E as bruxas, arrebanhando as saias, caminharam entre as águas sobre as cabeças dos habitantes das águas. Em volta da pira dançavam e pulavam.

Os sapos marcavam o compasso com seus coaxos. E chegaram morcegos, vindos da noite, para saudar suas irmãs bailarinas. Como flocos ondulantes e trêmulos de fuligem vieram os morcegos; pairando sobre os ouvidos das feiticeiras, guincharam para elas¹ pousando em seus cabelos, mordiam-lhes as orelhas com dentes carinhosos, censurando-as e segredando-lhes coisas.

Da pira sobre a tartaruga caiu uma brasa; antes que chegasse à água, um sapo, tomando-a por um inseto luminoso, agarrou-a om a língua ágil e a engoliu, contorcendo-se convulsamente enquanto a barriga queimava. E a grande tartaruga, vigiando suas chamas, mergulhava de vez em quando a cabeça na água lamacenta, trazendo nas mandíbulas pedaços de turfa e gravetos, com os quais aticava as labaredas. E quando o combustível gotejante caía nas chamas, evolava-se um silvo em asas de vapor.

Os arminhos e as martas soltaram os cordões de suas bolsas de perfume. Os aromas viscosos inundaram o ar miasmático. E os gatos miaram, suas vozes de soprano, mais altas e estridentes, contrastando com os roncos graves dos sapos. As raposinhas uivaram. E os ouriços faziam ruídos inquietantes e ásperos. Os texugos sentavam-se nos quadris, olhando, com semblantes enigmáticos, suas listas tortas, suas peles úmidas e lamacentas.

E as feiticeiras giravam, dançavam, riam, tossiam e faziam caretas ao sentir o fedor das martas. E os animais emitiam seus sons grotescos, cantando a música da dança.

– Mais vigor! – comandou o taumaturgo. – Eis que chega o senhor!

Os gritos dos animais aumentaram, estalando em staccato no ar pestilento. E as bruxas rodopiaram mais depressa, dançaram mais loucamente, enquanto o fogo crepitava, crescia e rugia.

Então, sobre as chamas, enfasiado, gordo, lúbrico, nervoso, fumando um cigarro, surgiu Satã Mekratrig. Verde, com manchas negras de mildio no rosto e nos ombros. Soprou anéis cinzentos de fumaça e observou a dança.

– Horrível - disse ele. - Horrível. Nunca vi dança tão horrível. Direito! Dançam direito!

- E Satã agarrou um chicote no ar e açoitou as bruxas. Com golpes longos, o chicote dançava em volta das irmãs bailarinas, sua ponta girando em torno delas, ferindo-as e molestando-as. Dentre todas, o açoite escolhia com mais frequência a mais jovem, uma feiticeira esguia, alva e flexível, uma feiticeira nua de pele de marfim e cabelos de azeviche - Demisara, feiticeira do incesto, feiticeira do opróbrio. E as irmãs velhas e rejeitadas invejavam esse sinal de preferência. Apupavam-na, imitavam-na zombeteiramente e, às escondidas, cuspiam nela. Mas o látigo de Satã caía cada vez mais sobre os ombros jovens e delicados de Demisara, rodeava lhe a cintura e estalava em suas costas; e as megeras aborreciam-se ao ver que Mekratrig escolhera para si nova favorita.

Os animais deslizaram para a água e juntaram-se à dança, refocilando-se na lama, pisoteando os camarões, manjubas e girinos, saltando entre os sapos. Indiferente às chamas que o lambiam, Satã ria dos gatos emporcalhados, que temiam molhar as patas, temiam ficar sem dançar, abominando a água e a lama, pulando como se pisassem pedras quentes. Satã agarrava pedaços de fogo e atirava-os na água, onde ardiavam entre criaturas peludas, calcinando pelos, chamuscando lanugens, correndo caudas acima. Os animais gritavam enquanto se incendiavam, mas continuavam a dançar.

Satã Mekratrig estendeu a mão e pegou Demisara pelos cabelos, libertando-a das garras das irmãs. Puxou-a para as chamas e possuiu-a ali mesmo. Nos olhos delas refletiam-se as estrelas. Gotas de orvalho reluziam em seus ombros.

– É melhor parar, Apolônio - advertiu o doutor Lao - senão daqui a pouco perde-se o controle.

– Luar! - comandou o mago. - Música suave de flautim.

Com um ímpeto, voltou o luar, obliterando o clarão do fogo. O som rascante de flautim

submergiu os gritos dos animais. Satã Mekratrig soltou uma praga. A maldição dissipou-se no ar como fumaça azulada. O ritmo da dança vacilou e cessou. A visibilidade terminou. O fogo morreu. Os animais desapareceram. De volta às montanhas da Lua fugiram as feiticeiras com seus cabos de vassoura. E o luar retrocedeu, restando somente a cortina de trevas.

– Haja luz - ordenou o mago.

E fez-se luz, a luz de Abalone, Arizona, iluminando a tenda. Mas no meio desta, sobre a pista, suspenso no ar, continuava Satã Mekratrig, com Demisara a lutar em seus braços. O demônio gritou para Apolônio, desafiando a ordem. A veemência do clamor fazia sua boca espumar.

Das dobras do manto, o mágico tirou um crucifixo. Erguendo o pequeno Jesus pregado na cruz, ele avançou para o demônio. Houve uma explosão de chamas no meio da tenda e a feitiçeira e o diabo desapareceram. Apolônio beijou o objeto e guardou-o.

Os aplausos foram esparsos e titubeantes. Apolônio e o doutor Lao curvaram-se gravemente um para o outro. Depois, mergulhado em seus devaneios, o idoso mágico retirou-se.

Terminada essa cena, os animais cumpriram rapidamente os números restantes de seu repertório. Asno de ouro e cão-das-sebes imitaram um número de pônei e cachorro. O sátiro surgiu sorridente, trajando culotes apertados e uma blusa escarlate. Com seus chifres pontiagudos e certos, furava balões que o doutor Lao inflava e lhe atirava. Ungaubwa, o sumo sacerdote dos negros, atirou facas e machadinhas, usando como alvo uma das moças negras, prendendo-a pelas roupas num escudo. Vestindo alegres mantos negros apareceram as ninfas, cantando a Canção das Sereias, a mesma canção que o doutor Browne asseverou não ser de difícil identificação, mas que, não obstante, não se atreveu a nomear, satisfazendo-se em alegar poder fazê-lo a qualquer tempo que quisesse. Do alto de uma escada a sereia mergulhou numa tina d'água.

Pastoras e ovelhinhas seguiram-se às cantoras do canto das sereias. Saltavam numa tarde inundada de frescor primaveril. Como figuras em delicada porcelana antiga, eram essas pastoras e ovelhas tênues e etéreas. A plateia relaxou-se sonolentemente, enquanto as assistia. Foi então que uma nuvem odienta, negra e cruel surgiu do infinito, em meio a trovoadas. E sobre a fímbria da nuvem emergiu a face suarenta de Satã Mekratrig, sorrindo seu sorriso verde para as pastoras gentis e as ovelhinhas saltitantes. Umas e outras encolheram-se, trêmulas.

– Ah, por que o símbolo do mal surge em todas as cenas deste circo? - bradou Agnes Birdsong. - Que cínico esse velho chinês! Será que isso é tudo para ele? Existe pureza, inocência e bondade sem qualquer sombra de mal. Eu sei que existe! Ah, ele está errado!

– É apenas um circo - disse o Sr. Etaoin. - Não se perturbe.

O doutor Lao também a ouviu.

– O mundo é a minha ideia - disse ele. - O mundo é a minha ideia. É esse o mundo que eu lhes apresento. Tenho meu próprio sistema de pesos e medidas e meu próprio quadro de valores. A senhora tem o direito de ter o seu.

O doutor Lao afastou com um gesto as pastoras, o demônio e a primavera. Voltando a subir o pedestal, anunciou:

– A tarde avança. Em alguns rostos percebo sintomas de extremo enfado. Bem,

resta apenas mais um espetáculo a ser apresentado: o povo da antiga cidade de Woldercan cultuando seu deus Yottle, que era o primeiro, o mais poderoso e o menos misericordioso dentre todos os deuses.

– Piedade como a desse povo não existe mais. O mundo perdeu aquela fé simples e confiante. Entendo que quando os senhores daqui de Abalone adoram seu deus, fazem-no numa igreja ligada à rede radiofônica, de modo que todo carro esporte, equipado com rádio, pode, mesmo a 100 km por hora, ouvi-los orar.

Mas, seu deus os ouvirá? Bem... que importa isso?

– Para melhor compreenderem esse episódio de Woldercan é necessário que eu lhes diga que a cidade encontrava-se em meio a uma seca. Ricos e pobres nada tinham para comer, pois tamanha era a estiagem que nada crescia. Calamidade igual Woldercan jamais conhecera, pois embora os pobres sempre houvessem existido e estivessem cronicamente famintos, como sempre ocorre com os pobres, até então os ricos sempre haviam vivido, como sempre ocorre com os ricos, da abundância da terra. Entretanto, eis que agora não havia alimento para ninguém, nem mesmo para os ricos. Nem todo o dinheiro do reino podia comprar um simples nabo podre.

– O terror, o grande nivelador dos homens, tomou posse da cidade. Os políticos nada podiam fazer. A polícia nada podia fazer. Os letrados nada podiam fazer. Os ricos nada podiam fazer. O povo juntava-se em pequenos grupos amedrontados, aguardando a morte, que viria lentamente através da fome. Mas um homem que vivia entre eles fez alguma coisa. Esse homem era o sumo sacerdote de Yottle. Caminhou rapidamente entre eles, dizendo: "Vinde. Juntai-vos no templo. Suplicaremos a Yottle, que protegerá seu rebanho".

– E assim toda Woldercan, sem outra alternativa, dirigiu-se ao templo para orar. Ora, esse episódio do povo de Woldercan no templo de Yottle, implorando-lhe misericórdia, é decerto uma das cenas mais imponentes, vívidas e dramáticas de toda a História. É com orgulho que eu o apresento em meu circo. Como indicação do que sucede, quero recordar-lhes que o povo sacrifica uma virgem a seu deus. Piedade. Isso era verdadeira piedade. Quando vocês, aqui em Abalone, oram a seu deus, pedindo o fim de uma seca, chegam a tais extremos em seus protestos de fé? Teriam a coragem de sacrificar a virgem mais bela de Abalone? Ah, então...

O doutor Lao deixou seu pedestal e afastou-se um pouco. Tirou a cartola, com uma medida.

– Senhoras e senhores, apresento-lhes o templo de Yottle na antiga cidade de Woldercan!

O fundo da tenda ergueu-se como uma cortina e diante dos olhos do povo de Abalone, Arizona, surgiu o interior do majestoso e solene templo do grande deus Yottle. Também solene, a música das esferas elevou-se da nave e do santuário em vagas de som, pairando entre as trevas colossais, subindo mais alto, cada vez mais alto, até o limiar dourado do próprio Céu.

Acima do altar, num trono de marfim, estava sentado Yottle. Tinha uma das mãos erguida, e com a outra acariciava a garganta, Seus olhos, por trás de pálpebras cinzeladas,

contemplavam coisas muito distantes da Terra. Urnas de incenso ardiam a seus pés. Era ele maior que um mastodonte, mais carnudo que um hipopótamo, mais terrífico que ambos. De bronze era a carne de Yottle e metálica era sua gordura. Sobre uma salva, abaixo do trono, jazia seu machado de pedra sagrado, o instrumento dos sacrifícios, a brutal maça da morte.

A esfarrapada e faminta gente de Woldercan, 11 mil almas, gemia lugubrememente. Alguns deles cantavam hinos graves de perdas esperanças. Tinham os rostos ensombrecidos, a sombra da fome e do temor.

Dentre a massa ergueu-se o sumo sacerdote, e em torno de sua cabeça havia como que um halo resplandecente. Ergueu as mãos, abençoando seu rebanho, e disse:

– Paz. Paciência e paz.

Então o sumo sacerdote voltou-se para Yottle, fazendo passes místicos e cabalísticos. Ajoelhou-se. Orou.

– Glória a vosso nome, Yottle. Nós vos rendemos tributo, Yottle. Yottle, o onisciente, o onipotente. Nós, pecadores, vimos ter a vós, maculados com os pecados da indolência, da cobiça, do ódio e da luxúria. Exaustos, não podemos pecar mais. Saciados, estamos enfermos e temerosos. Desesperados e envergonhados, recorremos a vós. Morrendo, recordamos nossas preces esquecidas. Desamparados, clamamos: Senhor do mundo, perdoai-nos; luz de nossa aflição, esclarecei-nos; criador das esferas, socorrei-nos. Yottle, grande Yottle, perdoai-nos agora, perdoai-nos. Entretanto, um dos homens levantou-se no fundo do templo e gritou:

– Por que oras assim? É claro que não estamos envergonhados de nós. Não estamos maculados de pecado e luxúria. O único motivo que nos traz aqui é Yottle haver recusado água às nossas searas. Não desejamos perdão. Queremos chuva e algum alimento. Diz isso a Yottle. Tem papel é interceder por nós, e não humilhar-nos. - O homem que falava virou-se para o povo.

– Não tenho razão? - perguntou.

– Certamente tens razão - disseram. E ao sumo sacerdote declararam: - É claro que ele tem razão. Pecamos, sim. Mas não somos inteiramente isentos de virtude. No próximo período de tua oração, diminui o que temos de ruim e ressalta o que temos de bom. Não nos transforme num bando de pecadores covardes chafurdando na esterqueira de nossas fraquezas. Diz a Yottle das dificuldades em que nos achamos, se assim desejares, mas não nos apresentes como merecedores dessas mazelas, pois não cremos que o sejamos.

Amargurado, o sumo sacerdote respondeu-lhes:

– Ah! Vós me criticais e humilhais diante dos próprios olhos de Yottle! Quereis ensinar a mim, vosso sumo sacerdote, a orar. Pois bem!

Virou-se para Yottle, clamando:

– Ouvi, monte de bronze e pedras faiscantes! Lançai vossos olhos sobre nós e agradecei aos céus que uma gente tão excelente não vos derrube, funda e fabrique badulaques com vosso metal. Não temos medo. Somos grandes. Woldercan não pede; ordena. Ouvi-nos e atendei-nos: precisamos de alimento imediatamente. E já, também, precisamos de chuvas para que possamos produzir mais alimentos. Por isso, Yottle, sai de vossa cozinha cósmica, atirai-nos bolos do céu, com vosso hissope molhai nossos campos mortos. Alimentai-nos, Yottle, muito e depressa. Enchei

nossas...

Mas antes que o sacerdote completasse sua frase, uma vaga de palavras intensas e apaixonadas afogou as dele. E as palavras vinham de todos os lugares ao mesmo tempo, como o furacão. Vinham de todos os lados, como uma inundação. Depois cessaram.

O povo de Woldercan arrojou-se ao p . Aquela voz tinha sido a de Yottle, e sabiam disso.

O sacerdote foi o primeiro a erguer-se. Estendendo as mãos, abençou os fi s.

– Paz - disse ele a seu rebanho. - Recebi a paz e nada temei. Yottle falou. Está indignado, mas disposto a ser apaziguado. Diz que duvida de nossa fé, mas está disposto a p -la   prova. Diz que está tão furioso que exige que lhe sacrifiquemos a nossa virgem mais bela antes de fazermos qualquer outra coisa. Que primeiro a sacrifiquemos e depois falemos de chuvas. Ele está cheio de ira. Não nos concede muito tempo. O tempo urge, meus filhos. Depressa, sacrifiquemos nossa virgem mais bela a fim de abrand -lo. Cumpre aplacar imediatamente esse deus enfurecido.

– Mas como pretendes achar a virgem mais bela, afinal? - perguntou o homem que o investivara antes.

– Realizaremos aqui mesmo, e agora, um concurso de beleza - disse o sacerdote. - Que todas as nossas virgens façam uma fila. Escolheremos a mais formosa por aclamação: Será para ela enorme honra. Além disso,   melhor que morra uma s  antes que toda a população. Essa   a teoria do sacrifício. Que todas as virgens se alinhem então. Por favor, depressa. A presteza   essencial, Yottle está furioso. Depressa, depressa!

Uma dúzia de moças formaram uma fila, nervosas.

– Tsc, tsc - fez o sacerdote, aborrecido. - Existem mais moças em Woldercan. Posso ver com meus próprios olhos. Que venham todas.

Um realista lembrou-lhe que uma das especifica es determinava verdadeira virgindade.

– Céus! - exclamou o sacerdote. - Naturalmente. Isso explica tudo. Muito bem.   medida que eu caminhar ao lado dessas moças, filhos, e depuser as mãos sobre suas cabeças, por vosso aplauso indicareis aquela que desejeis como noiva de Yottle.

Encarando os rostos de Woldercan, os doze bocados de sexo maturo mas ainda não provado esperavam a ovaç o que daria a uma delas a coroa da beleza, a carícia da morte. O idoso e tr mulo sacerdote tropegamente atrás das moças, tocando-lhes, com a mão encarquilhada, as cabeças formosas e triunfantes - formosas de graça e encanto, triunfantes de juventude e vida. Ondas de aplauso, em maior ou menor volume, correram pela congrega o, enquanto as mãos sacerdotais ca am interrogativamente sobre cada cabeça. E quando o sacerdote dep s a mão sobre a décima segunda cabeça, uma cabecinha morena, ativa e primorosa, os aplausos tornaram-se trovejantes, estuando pela nave. A noiva de Yottle havia sido escolhida.

Mas no meio da multidão irrompeu um grito sufocado. E o homem que havia interrompido a oração do sumo sacerdote ajoelhou-se, imerso numa dor profunda, repentina e insondável. Woldercan escolhera a eleita de seu cora o.

O sacerdote consolou-o como pôde.

– Os desígnios de Yottle são  s vezes incompreensíveis, irmão - disse. - E Yottle

sem dúvida inspirou o povo a escolhê-la. Recebei a paz, irmão, e nada temei. A glória espera vossa amada.
O povo ululava.

- Depressa - gritavam. - Depressa. Não importa o que sente esse homem. Avante com o sacrifício.
- Sim - anuiu o sacerdote. - agora, baixai vossas cabeças.

Formando uma guarda de honra, acólitos fizeram a congregação emudecer, enquanto, um pouco atrás deles, a virgem caminhava em direção ao altar. Havia em seu rosto uma estranha luz opaca; sobre sua cabeça reluzia um halo tênue. Ela não pertencia mais a Woldercan e sabia disso. Fitando-a com olhares furtivos e rápidos, o povo se admirava, agora que ela era consagrada, de não haver percebido antes sua santidade. E o templo de sua carne movia-se entre a multidão, templo mais doce, mais santo, mais misterioso e digno de maior adoração que o templo de pedra através do qual ela caminhava.

Seu amante ergueu a cabeça pateticamente, bradando, com a voz embargada:

- Ah, parem-na! Parem-na! Deus Todo-poderoso, fazei-a parar! Fazei-me morrer em seu lugar. Morramos todos nós e não deixemos que ela seja sequer tocada. Aquela é uma imagem de bronze; essa é uma donzela linda; matar esta para aplacar aquela? Loucura! Ah, infernos e céus, não a mateis em nome daquele ídolo!
- Cala-te - disse o povo. - Senta-te! Estás histérico. Yottle falou e nós a sacrificaremos a ele. Glória ao nome de Yottle! Dele emanam a sabedoria e as flores. Cumpre teu dever, sacerdote!

O sumo sacerdote ergueu o machado sagrado de pedra sob o trono de marfim. Ordenou à virgem que se desnudasse para que fosse ter com Yottle sem atavios de linho e algodão. O povo de Woldercan tremia e rugia de excitação. O próprio templo parecia latejar.

O velho sacerdote expectorou nas palmas finas e ergueu o machado.

O amante ergueu-se como uma corça e precipitou-se entre a multidão, correndo para se pôr ao lado da mulher amada. Gritando "Não, não!" e "Para, para", engalfinhou-se com o idoso sacerdote, lutando furiosamente pela posse do instrumento monolítico. O povo de Woldercan rugiu ferozmente, tomado de fúria incontida. Parecia que, como uma turba, investiriam contra ele.

Mas muito serenamente, embora com horrível e impaciente subitaneidade, Yottle arrojou-se para a frente, caindo de seu trono de marfim. Sua mão erguida precipitou-se sobre a cabeça do amante, esmagando-a como a uma noz. Sem poderem fugir, o sacerdote e a virgem foram também esmagados pela queda do imenso corpo de bronze. Sob o altar jaziam três cadáveres e o grande deus Yottle.

Dos límpidos céus fulgurantes caíram então pães de maná, sobre a gente faminta de Woldercan. E para suas searas uma chuvinha fina e esparsa veio de longe, nas asas do vento.

A lona da tenda dobrou-se, fechando-se. Estava terminada a função do circo do doutor Lao. E em meio à poeira e à canícula os habitantes de Abalone foram para casa ou para onde quer que estivessem indo.

O CATÁLOGO

(Uma explicação do óbvio, que tem de ser lido para ser apreciado.)

1. Personagens Masculinos

DOUTOR LAO: Um chinês.

SR. ETAOIN: Um corretor de erros.

APOLÔNIO DE TIANA: Uma lenda.

CIDADÃO DE APARÊNCIA IDOSA COM CALÇAS DE GOLFE: Um chato.

UM INSPETOR SANITÁRIO: Um leal membro do partido.

OUTRO INSPETOR SANITÁRIO: Um leal membro do partido.

ISKANDER: Uma lenda.

CAPITÃO DE ISKANDER: Diógenes de Damos. Exímio no uso da besta. Era capaz de atingir uma moeda três vezes, em tentativas, a passos de distância.

KUBLAI-KÁ: Em seu tempo ele era a China.

LUTHER: Uma voz, não um rosto; por isso mesmo, um homenzinho atormentado; por isso mesmo, acabou proprietário de uma magnífica estátua.

UM AGENTE DE ESTAÇÃO: Descrito no texto.

UNGAUBWA: Um sacerdote negro, diferente do outro sacerdote negro, Montanus, tanto em credo como em virilidade.

JOHN ROGERS: Aprendeu o ofício de bombeiro hidráulico aos 14, 15, 16 e 17 anos.

Contudo, jamais ganhou muito dinheiro. Um bom membro do sindicato.

PAUL CONRAD GORDON: Seu pai fez fortuna no negócio de títulos em Detroit. Paul estudava engenharia mecânica, mas depois de formado foi trabalhar como vendedor de alumínio. Dava mais dinheiro.

SLICK BROMIEZCHSKI: Seu pai era um imigrante polonês, mas Slick jogava futebol americano tão bem que um dos templos da educação superior criou para ele uma situação em que valia a pena continuar a educar-se. Citado como astro do futebol numa das revistas esportivas menos prestigiosas em seu ano de calouro.

PALHAÇOS: Bobos com os corações em fogo.

MULTIDÃO DE MEXICANOS ATRAVÉS DA QUAL LARRY KAMPER FORÇOU CAMINHO:

Peões, lavradores, hacendados, padrones, pugilistas, toureiros, operários. BILL: William R. Johnston. Bebeu na véspera do desfile e não se sentia muito bem naquela manhã. Era um bom jogador de golfe.

AMIGO DE BILL: Murray R. Kaldwell. Atuava no ramo de roupas feitas. Um comerciante com os pés no chão e bom vitrinista. Não gostava absolutamente do tipo de anúncios que Steele preparava para ele na Tribuna.

TEDDY ROOSEVELT: Um presidente dos Estados Unidos.

UM RUSSO.

HARVEY: Harvey R. Todd. Quando Frank Tull contou, a ele e a Helen, o que tinha visto no circo, Harvey e Helen sempre lamentaram não terem ido.

UM FAUNO: Ver PRAXÍTELES.

JOE: Uma voz, não um rosto. Tenor, mas áspero.

FRANK TULL: Descrito 'no texto. Impressionava bem um júri.

PEQUENOS PRÍNCIPES CHINESES: Wang, Wei, Wang Fu, Wang Gu, Wang Chow. Hoje, nem sequer lendas.

LARRY KAMPER: Descrito no texto. Depois de chegar ao Panamá, meteu-se em complicações e foi submetido a corte marcial por violação do artigo de guerra número 96. Destacaram-no para o corpo da guarda por nove meses, e enquanto Larry esteve lá tornou-se extremamente eficiente como policial. Ótimo sujeito, desde que não se esperasse muito dele. Companheiro fabuloso para uma farrá. Quanto mais suja a anedota, mais ele ria. O velho Larry não dava a mínima para a escola e era o primeiro a dizer isso.

HARRY MARTINEZ: Seus antepassados vieram para a América pouco depois de Fernando Cortez. Suas antepassadas, maias, toltecas e astecas, já estavam lá.

AMIGO DE LARRY KAMPER: Walter R. Dones. Chofer de caminhão, temporariamente desempregado.

FORÇA POLICIAL DE ABALONE: Ex-vaqueiros, ex-ferroviários, ex-contrabandistas,, ex-xerifes, ex-empregueiros, ex-fazendeiros. Além disso, policiais bons à beça. É claro que de vez em quando se esganavam por causa da política, mas, que diabo, hoje em dia um sujeito tem de tomar conta de si mesmo. Uma coisa é certa: ninguém toma conta dos outros.

GERENTE DE PUBLICIDADE DA TRIBUNA: Todos gostavam dele e seus subordinados diziam que era o melhor chefe que já tinham tido.

STEELE: Estúpido apenas o suficiente para que todos os comerciantes o escutassem quando queria vender-lhes espaço.

REDATOR-CHEFE DA TRIBUNA: Um homem capaz. Devia estar num jornal melhor, mas a saúde o prendia em Abalone.

TROPAS CHINEsas EM TONGSGHAN, CHINA: Forças manchurianas de Chang Tsolin. Cules com fardas de espantalhos, portando armas que não sabiam manejar e apelidados de soldados. Não recebiam soldo. Rações, duas bolas diárias de arroz. Nenhum deles lamentava ter apenas uma vida a dar pela China.

PANCHO VILLA: Uma lenda.

O MORTO QUE APOLÔNIO RESSUSCITOU: Arnold R. Tod-hunter. Vivia num lote de terra cedido pelo governo. Mais tarde um repórter da Tribuna o entrevistou. Indagado a respeito das horas que passou nos braços da morte, afirmou que estava prestes a receber uma harpa e um camisolão quando Apolônio o trouxe daquela para pior. Disse que em sua opinião o céu era parecido com um anúncio do Sul da Califórnia que ele vira certa vez.

UM DESERTOR CHINÊS CONDENADO: Lin Tin Ho. Trinta anos de idade. A mulher e as duas filhas sobreviveram a ele. Lavrador de Shanhaikwan. Convocado a 11 de maio. Embarcado para Tongshan a 18 de maio. Desertou a 19 de maio. Capturado a 20 de maio. Julgado e condenado a 21 de maio. Executado a 22 de maio. Fotografias de sua execução ainda podem ser compradas em Tientsin e Peiping. Muitos turistas e missionários as possuem. O que se deve fazer é comprar um daqueles instantâneos que mostram Lin sendo executado, levá-lo para casa, misturado descuidadamente com fotografias de templos e canais, e depois, quando os amigos estiverem olhando o álbum de sua viagem à China, mostrá-lo casualmente, como se você próprio o houvesse tirado. Não há como descobrir a verdade, a menos que alguém já o tenha visto antes.

PESSOAS VERMELHAS, NEGRAS E BRANCAS DE ABALONE: Índios americanos como papagos, pimas, apaches, iaques e iumas. Afro-americanos como quadrarões, roxinhos,

oitavões, mulatos e metidos a branco. Brancos como hispano-americanos, texanos, americanos do leste, californianos, convalescentes e hóspedes de fazendas-recreios.

PESSOAS NEBULOSAS QUE UM DIA SEPULTARIAM A SRA. CASSAN: Um ministro, um papa-defuntos, um coveiro, alguns parentes de luto e alguns curiosos, PESSOAS NEBULOSAS QUE UM DIA EXUMARIAM FRANK TULL: Um empreiteiro, um testa-de-ferro e sete operários. Não fizeram de propósito. Estavam fazendo marcações para os alicerces de um novo sanatório de tuberculosos e não sabiam que estavam cavando terreno sepulcral.

DOUTOR BROWNE: Encontrou alguns vasos num campo arável entre Buxton e Brampton, mas pertencente a Brampton; eram urnas funerárias.

PHINEAS TAYLOR BARNUM: Ver sua autobiografia.

GÊNIOS DE CIGARROS: Servos da narcotizante deusa nicotina.

GAUTAMA: Onde ele se sentava florescia uma figueira-dos-pagodes.

SOPRADORES DE VIDRO: Artesãos.

SUPER-HOMENS RESSURETOS: Geralmente decepções, pois suas lendas chegaram mais alto do que eles são capazes de atingir.

HOMENS MORENOS NA VIDA DA SRA. CASSAN: Italianos, espanhóis e franceses. MÍSTICO DE TURBANTE: Swami. Yogi. Mahatma. Krishna.

FINANCISTAS E POLÍTICOS INESCRUPULOSOS: Banqueiros, vereadores.

HERMES: Uma lenda.

FUNCIÓNÁRIO DA PREFEITURA: Uma voz ao telefone.

HOMENS QUE FICAVAM NAS COLINAS COM SEUS REBANHOS: Isto foi antes dos conflitos entre criadores de bovinos e de caprinos no Oeste. De qualquer maneira, porém, esses homens e seus seguidores são em grande parte responsáveis pela abundância de histórias sobre pastores que hoje grassa pelo mundo. E onde há fogo deve haver fumaça. O livro do Levítico contém muitas advertências específicas, de Deus a Moisés, sobre as penalidades que pesam sobre os que amam os animais insensata e exageradamente.

COLEGA DE TRABALHO DO AGENTE DA ESTAÇÃO: Howard R. Ginter. Tinha o aspecto de um peso-pesado, mas na realidade era apenas guarda-livros. Fabricava uma excelente cerveja caseira.

ASTRÓLOGOS DA CALDÉIA: Olhavam as estrelas.

GEÓLOGO DA UNIVERSIDADE: Entendia de clivagens e de erosão e, a partir de um simples maxilar, era capaz de dizer a forma da pata traseira e do esqueleto de um animal.

HOMENS DE ASPECTO GROSSEIRO QUE PUSERAM KATE NO CAMINHÃO: Leslie R. Stevens, George R. Smith, Peter R. Summerton e Claude R. Watson. Nunca descobriram que diabos era Kate, mas queixaram-se a Luther de que o troço pesava demais.

ESQUECIDO TAXIDERMISTA EGÍPCIO: Originalmente, embalsamador de príncipes, faraós, escribas e favoritos, estendeu sua arte à preservação de animais mortos. Descobriu a circulação do sangue muito antes de Harvey.

MONGE DO TIBET: Morava num mosteiro, tomava chá engrossado com manteiga, meditava longamente sobre a vida, fez voto de castidade mas quebrou-o quando esteve em Alexandria. Descobriu o Ovis poli e o urso panda sem saber o que havia descoberto, conhecia algumas boas histórias e morreu sem nunca haver-se sentido realmente feliz.

GENTE SIMPLES À BEIRA DE UM LAGO QUE VIU O JOVEM SÁTIRO: Lavradores gregos.

O PAI DO GAROTINHO MULATO GORDUCHO: Pescava com lança e era bom agricultor. Quando plantou sementes de arroz, nasceu arroz. Quando plantou sementes de tanchagem, nasceu tanchagem. Quando plantou sua própria semente nasceu o garotinho mulato.

DONO DO PORCO DUROC JERSEY: James R. Sawyer, pequeno fazendeiro do Mis-souri.

Não fossem seus olhos verem coisas e seu estômago desejá-las, o dinheiro que ele poderia ter poupado teria representado um capital apreciável.

O VIAJANTE CHINÊS NA CAPITAL DO NORTE: Liu Biao. Um letrado, mas, secretamente, apóstata dos ensinamentos de Gautama e Con Fu-tse.

OS SUJEITOS QUE PANCHO VILLA FUZILOU: Eram dois sujeitos extraordinários. O primeiro tinha sido sempre um assassino notório ele próprio, e quando encarou os fuzis de Pancho Villa e olhou o sol e o céu pela última vez sucumbiu e chorou como nenhuma criança jamais chorou. O outro era um infeliz que nunca matara ninguém, nem mesmo era capaz de ferir uma pessoa. Entretanto, pertencia ao grupo errado. Enfrentou os fuzis com serenidade e acenou para os amigos que ficavam.

OS QUE NÃO RIRAM QUANDO PANCHO VILLA FUZILOU OS SUJEITOS: Harry Martinez, Felix Bustamante, Carlos Villalobos, Carlos Delgado, Michael Pierpont, Pierre Mayer, Pancho Villa, os sete membros do pelotão de fuzilamento e os sujeitos que foram fuzilados.

O MÉDICO DE BEL VEDERE: Ensinava a seus alunos que era melhor viver a vida do que ganhá-la.

SUMO SACERDOTE DE YOTTLE: Convertido à fé na idade de 47 anos. Ordenou-se aos 57. Realizou uma missão evangélica durante sete anos. Salvou e batizou gentios a torto e a direito. Elevado ao sumo sacerdócio aos 97 anos. Morreu firme em sua fé.

HOMEM QUE INTERROMPEU O SUMO SACERDOTE: Um camarada mal-educado, briguento, vulgar e velho.

UM REALISTA DE WOLDERCAN: Passava todo o tempo pensando coisas daquele tipo.

2. Personagens Femininos

KATE: Uma lembrança triste.

A MULHER DO AGENTE DA ESTAÇÃO: Marta. Calma, triste, insegura. Às vezes, ria; rindo, pensava; pensando, tinha vontade de chorar.

AGNES BIRDSONG: Diziam os rapazes que depois que ela aprendeu a fumar e beber tornou-se ótima companhia. O circo do doutor Lao alargou sua visão, deu-lhe em que pensar quando, insone, revirava-se em seu leito de noite; ou quando, enfasiada, ouvia os alunos recitar a lição de sintaxe, de dia.

SRA. HOWARDT. CASSAN: Descrita no texto.

A MULHER DO BOMBEIRO ROGERS: Sara. Amava os filhos, gostava do marido, aceitava Abalone, preparava boas refeições, arrumava bem a casa, não sonhava com milagres, não ansiava por glórias, afligia-se no tempo da aflição, ria na hora do riso.

DUAS PASTORAS: Dora Beaulais e Dulce Bonaventura.

UM CORO DE NINFAS: Dorothy, Louise, Elsie, Laura, Opal, Eva, Dorothy, Isabel, Helen e Hildegarda; Dorothy, Dorothy, Dorothy.

CINCO MOÇAS DE COR: Quinteto de mulheres pigmentadas. Quinteto pigmentado de mulheres. Quinteto mulheril de pigmentação.

SRA. FRANK TULL: Nascida Valerie Jones. Frank foi uma decepção para ela. Ela foi uma decepção para Frank. Em sua vida houve também outras decepções. Por exemplo, a natureza não a dotou com toda a formosura de que ela se julgava merecedora, de modo que, para aumentar a pouca que tinha ela se cobria de objetos belos e brilhantes, procurando compensar através deles aquilo que lhe faltava. Em pequeninos orifícios nas orelhas, pendurava pingentes de ouro e pedras preciosas. Nos poros das faces esfregava

ungentos e pastas de cores suaves. Cobria as pernas com meias de seda pura. Em volta dos pulsos passava adornos de prata e pedras brilhantes. Enfiava nos dedos aros de metal enfeitados com carbono. Pintava os lábios de vermelho. Seu abdômen era mantido no lugar com cinta e espartilho. Seus seios ficavam guardados em taças bem talhadas. Prendia nos pés sapatinhos apertados. Em volta dos ombros, jogava peles de animais. Tinha os cabelos ondulados com permanente. Salpicava pó no pescoço; e sob os braços, previamente depilados, pulverizava desodorante. Dessa maneira ela conseguia mudar sua cor, sua silhueta e seu cheiro, e ao mesmo tempo fulgir com metal brilhante, pele aveludada, seda opaca e pedras reluzentes. Entretanto, para se dizer a verdade, mesmo assim não alcançava aquela beleza que tanto desejava, e por causa dessa irrealização ela de vez em quando caía doente. Quando isso acontecia, a única coisa que a curava era Frank comprar mais pedras reluzentes.

HELEN: Mulher de Harvey. Possuía o vício da mentira.

REPÓRTER DA TRIBUNA: Ardath Williams. Melhor jornalista do que os homens com quem competia. Ao mesmo tempo, mãe. Ao mesmo tempo, filha.

UMA CRIADA: Uma moça à venda. À disposição de quem quisesse.

A MULHER LOBISOMEM: Maggy Szdolny. Sobre ela pesava uma maldição.

VOZ FEMININA TRANSMITINDO A JOE INFORMAÇÕES SOBRE O URSO/HOMEM:

Propriedade de Maxime McCourtney: uma voz de contralto, gutural, com indícios de adenoides e cerveja.

AS FEITICEIRAS: Hecate, Beire, Demisara, Pamfila, Haut Roman, Lilith, Alicia, Robinette, Vignoch de La Stewart, Salomé da Bessarábia e Perpétua de Galt. A feiticeira Druze dos Cárpatos, as cinco irmãs de Nagasaki, a Sibília de Pa-zoust, a bruxa Klawtawnaman da ilha Fetiss, a irmã Anthony St. Villanova, Atropis, Mary Cornwall e as duas feiticeiras da floresta Skaldaeniry, Mugissowry, Kate de Brille e Tletholeme, Proserpina de Antuérpia, Annie Holandesa e Helena Panacéia.

AS SEREIAS: Moças louras e altas, de pernas alvas e torneadas e grandes seios opulentos. Suas vozes harmonizavam-se bem.

CIGANA (IGNORANTE DA GRAMÁTICA): Cecily de Brault.

LOURA GORDA: Madame Stradella.

UMA MOÇA DA ROÇA: Vinte e quatro anos de idade. Morava numa granja de galinhas.

Levantava-se de manhã mais ou menos na hora em que a maioria dos bailes estava terminando. Ordenhava três vacas enquanto Frank Tull fazia a barba. Tinha um irmão e três irmãs menores. Gostava de faroestes no cinema. Guiava um automóvel sem muita perícia. Nada a fazia mais alegre que um pano de pratos. Extremamente cordial. Depois de se conversar com ela um pouco, sempre se pensava que era uma pena que ela não fosse um pouquinho mais bonita. Dava a impressão de que estaria inteiramente disposta a fazer qualquer coisa que lhe fosse sugerida. Mas era de uma franqueza assustadora, e nunca se sabia o que ela seria capaz de proclamar aos quatro ventos depois. Entretanto, mesmo apesar desses dois defeitos, certo rapaz foi bem longe com ela numas duas ocasiões, mas ele próprio deu sinal vermelho quando chegou a hora da verdade.

SENHORA IDOSA: Uma avó. Mais tarde, bisavó. Era como uma árvore vendo os arbustos crescer a seu redor; olhava-os com orgulho, mas era impotente para ajudá-los, se crescessem tortos.

UMA DAS LORELEI: Suas mãos, seus pés e outras partes da anatomia tinham calos de tanto ficar sentada na Felsen esperando marinheiros passar à sua frente no Reno. Soprano.

CIRCE: Transformava homens em porcos.

MOÇAS CHINESAS COM SAPATINHOS DE PAU: Indiscutivelmente, o andar melhorava. Isto é, melhorava a estética. Os sapatinhos de pau davam a elas um caminhar saltitante, como se andassem em andas; não serviam para longas distâncias, não pretendiam ser úteis, mas serviam unicamente para agradar aos olhos de seus senhores. A deformação dos pés caiu em desuso quando foi adotada pelas filhas dos pobres, aquelas que tinham de trabalhar, e não agradar alguém.

SECRET ÁRIA DE FRANK TULL: Formada por escola superior de comércio. Um tipo ovariano.

MOÇA QUE FORA CABRA: Essas transformações são frequentemente deploradas no Velho Testamento. Hoje, vivemos com mais simplicidade; amamos com menor ardor.

DONZELA COMIDA PELA SERPENTE MARINHA: Uma moça da Polinésia. Comia peixes, frutas e verduras. Quando foi comida pela serpente marinha, gostou ainda menos do que os peixes quando eram comidos por ela.

UMA LOURA NÓRDICA: Elizabeth Poudre.

UMA MOÇA NA VIDA DE APOLÔNIO: Uma lembrança.

A NOIVA DE YOTTLE: Não se dispõe de dados relativos às suas medidas. Mas depois das núpcias, depois que ela os deixou, depois do casamento ser consumado no céu, os homens de Woldercan ainda pensavam nela, recordando sua beleza. E quando tomavam noivas, beijavam-nas fazendo de conta que estavam beijando a noiva de Yottle.

AS VIRGENS DE WOLDERCAN: Uma dúzia de moças verdes, não provadas.

3. Personagens Infantis

OS FILHOS DO AGENTE DA ESTAÇÃO: (a) Ed Júnior, Menino descalço e de faces queimadas; o problema era que suas faces eram pálidas e a mãe não o deixava sair descalço. (b) Howard. O pai batia nele com mais frequência que em Ed Júnior. **AS CRIANÇAS DOS ROGERS:** (a) Alice. Foi a primeira da classe por todas as escolas públicas por que passou, mas casou-se tão jovem que nunca chegou a ser grande coisa; (b) Willie. Depois da maioridade, foi tomar conta de uma bomba de gasolina; (c) A pequena Edna. Morreu dois meses depois do circo num acidente de trânsito. Era a mais bonita das crianças dos Rogers.

O GAROTINHO MULATO GORDUCHO: Durante sete anos, comeu. Depois, durante alguns minutos foi comido. Terminou sendo incorporado à estrutura celular da serpente, honraria que não apreciou.

NETO DA SENHORA IDOSA: Peter R. Roberts. Anos depois formou-se em filosofia, em Harvard. Lecionou história numa escola masculina, no Sul. Casou-se com a senhorita Calanthe Devereau. Em seu quadragésimo ano, tornou-se chefe de seu departamento, na universidade. Jamais se esqueceu do circo do doutor Lao.

MENINO QUE IA ENTRANDO POR BAIXO DO PANO: Gonzalo Pedregón. Aos 17 anos fundou a orquestra de danças "Chalo's Chile Pickers", que mais tarde se tornaria famosa. Devido a programas de rádio e contratos para filmes, a orquestra trouxe muitas mudanças para seu diretor.

MENINO MORTO PELA BALA DE MAUSER: Um garoto de Tongshan chamado Da Go. Teria rido tanto quanto qualquer outro dos espectadores se não tivesse sido o motivo do riso.

4. Os Animais

URSO POLAR: Branco como as banquisas pelas quais vagueia. A Mãe Natura criou campos de neve para os ursos polares, pinheirais para os ursos negros, montanhas para os ursos cinzentos e lojas de brinquedos para os ursinhos de pelúcia. MACACOS: Os irmãozinhos pardos. De suas jaulas eles fitam a nós, que os fitamos. Depois, pendurando-se, farejam pedaços de seu próprio excremento.

HIENA: Seu riso ressoa pela África.

URSO CINZENTO DE SONORA: O primo da roça, residente no México, da grande família *Ursus horribilis*.

BODES HERMAFRODITAS: Parecidos com minhocas. João e Maria no mesmo saco.

GARANHÃO CONCUSPICENTE: Certa vez, num Estado do Meio Oeste norte-americano, estava sendo realizado um espetáculo desse tipo. A armação de madeira quebrou; o animal caiu e matou a mulher. Seguiram-se protestos veementes e a câmara de vereadores da cidade reuniu-se para discutir o problema. Por fim, foi decidido que a menos que as armações fossem construídas com mais segurança, no futuro essa espécie de espetáculo seria expressamente proibida.

CAVALOS: Anacronismos menos velozes, menos belos, menos eficientes do que as máquinas que os substituíram.

ASNO DE OURO: Lobos transformam-se em mulheres, lama em tartarugas, meninos mulatos em cobras, peixe em donzelas, bodes em moças, homens em porcos. E Lúcio Apuleio, com a ajuda de Fótis, transformou-se em asno.

CÃO-DAS-SEBES: Um sonho.

JUMENTO: Não é um animal de gente branca.

MONSTROS-DE-GILA: Rosados e negros, desajeitados e venenosos, ovíparos, ovívoros.

BESTA DO APOCALIPSE: Uma lenda.

IGUANAS: As sementes de que nasceram as histórias de dragões.

RAPOSINHAS: Coisinhas peludas, ariscas, engraçadinhas.

TEXUGOS: Cavadores de buracos.

NÁUTILÓS: Às vezes divididos em compartimentos ou seções. Animais do mar. Mudos, cegos, insensíveis. Flutuam nas ondas e comem, reproduzem-se e morrem.

LULAS: Polvos adolescentes.

CARAVELAS: Geleias Medusas. Águas-vivas. Sombrinhas transparentes.

TUBARÕES ELASMOBRÂNQUIOS: Comedores de gente.

TARTARUGAS GIGANTES: As das ilhas Galápagos e Aldabra.

COMPANHEIRA DA SERPENTE MARINHA: Ela compreendeu o que ele queria ao vê-lo aproximar-se entre as ondas.

ESCORPIÕES: Artrópodes antiquíssimos, glorificados no céu toda noite. CRUSTÁCEOS: Às vezes a gente os pega quando está pescando. Pendurados no anzol, balançam as garras e as antenas e ficam a pensar nas fantasias que habitam as águas lamacentas.

OVELHINHAS: Alimento e vestuário para seu senhor, o homem.

BARATA: La cucaracha, a que mora na cozinha. Decentemente vestida de marrom ou negro, discreta e humilde, vive tão bem em choupanas quanto em hotéis de luxo. Convive conosco há muito tempo. Corria entre as esterqueiras do homem de Neanderthal tanto quanto ainda corre pelas esterqueiras do parisiense. É apta e sobrevive. Viu morrer o dinossauro e o pterodátilo e viu o esplendor de Babilônia.

ESFINGE: O ícone da África.

ARMINHO: Uma fedentina.

LEÃO: Um símbolo.

HIPOPÓTAMO: Deus deve ter amado os animais feios, já que fez tantos. QUIMERA: Descrita por Rabelais, Flaubert e Finney.

TIGRE: Tem uma coloração mais ou menos semelhante à do monstro-de-gila. O ciclo biológico é um pouco diferente.

LOBISOMEM: Não é o lobo americano. Será provavelmente alguma espécie dos Cárpatos ou dos Urais.

MARTAS: Caçadoras ferozes e belas que, quando relaxam a vigilância acabam transformadas em capotes e estolas.

GATOS: Selvagens no coração da cidade, porém mansos e assustadiços no coração das selvas. Não se ajustam mais a lugar nenhum.

CASCA VÉIS: Mortas implacavelmente, caçadas e pisoteadas, não durarão mais muito tempo. Provavelmente desejam, da mesma forma que os astecas, que os navios de Colombo tivessem afundado no meio do Atlântico.

TATILLAS: Tantillas de Sonora. Têm olhos pequenos, mas ferrões bastante grandes. No alto da cabeça ostentam um par de internasais, um par de pré-frontais, um frontal, um supraocular de cada lado e um par de parietais. Além disso, o nasal posterior está em contato com o pré-ocular. Afirma-se que os maxilares anteriores são mais longos que os posteriores.

COBRAS DA NOITE PINTADAS: *Hypsiglena ochrorhynchus ochrorhynchus*. Uma cobra muito pequena. Uma cobra muito bonita. Uma cobra muito introvertida. A Mãe Natura proporcionou para sua alimentação lagartos muito pequenos, muito bonitos e muito introvertidos. Assim, entre as ervas dos campos irrigados as cobrinhas bonitas e introvertidas caçam, agarram e comem os lagartinhos bonitos e introvertidos. E os lagartos que não são agarrados geram mais lagartinhos bonitos para que as próximas gerações de *Hypsiglena* possam ter alimento abundante. Além disso, os lagartinhos comem insetinhos, que por sua vez comem insetinhos menores ainda, que comem, por sua vez, vegetação de uma espécie que lançou suas flores entre a carniça; e o carrossel da comilança roda, roda sem parar, até que cada coisa viva não sabe se nasceu para comer ou para ser comida.

COBRAS CLARAS: Também comem lagartos, e além disso se entredoravam. SERPENTE MARINHA: Ninguém contou ainda suas pernas nem seus gastrotegitos, nem computou seus parietais ou descreveu seus supraoculares, embora sejam muitos os que gostariam de fazê-lo, metê-la em conserva, enjaulá-la e prendê-la num museu para as pessoas verem.

FRAGATAS: Erram e vagueiam por todo o mar oceano quase sem bater as asas; no entanto, um canarinho bate as asas mil vezes para empoleirar-se numa árvore. SEREIA: Descrita no texto.

SÁTIRO: Descrito no texto.

ROCA: Na verdade não é tão grande quanto julgou Simbad, mas seu tamanho basta para que ele faça tudo quanto Simbad disse que ele fez.

UNICÓRNIO: Elemento decorativo num vidro de mostarda.

MEDUSA: Tão frígida ela própria como as figuras de pedra em que transformava os homens.

MORSA: Comida de esquimó.

CAMELOS: As filhas do deserto atiram areia em seus olhos. Segue-se uma reação curiosa e as filhas riem.

JIBÓIA: Uma cobra que aperta.

SUCURI: Outra cobra que aperta.

COBRA DO CAMPO: A que ornamentava o cão-das-sebes era do grupo Coronella.

MOSQUITOS: A menor máquina voadora da Mãe Natureza.

RATOS: Lutam com as baratas pelas migalhas deixadas sob a mesa. E de certa feita conheceram a glória: comeram um bispo.

GAFANHOTOS: Resquícios de uma praga do Egito.

MORCEGOS: Como caça miúda não há igual. A única hora em que se pode caçá-los é ao crepúsculo, quando a luz é débil e a noite está prestes a cair. É preciso atirar bem para derrubar um.

TARTARUGAS: Gostam de se enterrar na lama apenas com as narinas de fora. Por isso a Mãe Natura proporcionou-lhes esplêndidos lamaçais onde quer que haja tartarugas; e elas se enterram, ficando apenas com as narinas de fora. A natureza sempre proporciona coisas para o conforto de seus filhos.

TARTARUGA (BICÉFALA): Morreu logo. Nunca conseguiu parar de discutir consigo mesma à hora das refeições, pois cada cabeça queria tomar a si a tarefa de comer. Certa vez, a fim de testar suas reações, Apolônio colocou duas tartaruguinhas fêmeas a alguns centímetros de cada cabeça. O coitado quase rachou ao meio.

GRILOS: Gafanhotos etíopes.

SALAMANDRAS: Pequenas, mas interessantes. Os filhotes de salamandra são de um branco pegajento e de suas cabeças pendem guelras de aspecto tético. As salamandras adultas têm aspecto lamacento e são dissecadas em aulas de anatomia comparada com alguma finalidade que nunca foi satisfatoriamente explicada. Todavia, pode-se afirmar com segurança que a única e simples finalidade da existência das salamandras consiste em poderem ser retalhadas em aulas mistas de anatomia comparada em faculdades com alguma finalidade que nunca foi satisfatoriamente explicada. No entanto, pode-se também argumentar que a única e simples explicação da existência de aulas mistas consiste em poderem dissecar salamandras em aulas de anatomia comparada por algum motivo nunca satisfatoriamente explicado.

RÃS: Menestréis.

SAPOS: Também são menestréis, à sua maneira, mas nunca alcançam o virtuosismo de seus parentes mais comestíveis.

MANJUBAS: Filhotinhos de peixe que servem de alimento a seus tios e tias. COLÔNIA DE

PARASITOS: Formas inferiores de vida. Ciliados, amorfos e equipados com vacúolos contráteis.

CARRAPATOS: Paradoxos. Quando não se estão alimentando de sangue, a raiva os torna sanguíneos. Quando se estão alimentando de sangue, ficam cinzentos como sabão.

PORQUINHOS-DA-ÍNDIA: Alimento para o homem.

PORCO DUROC JERSEY: Alimento para o homem.

PORCO DE GADARA: Alimento para sermões.

OURIÇOS: Almofadinhas de alfinetes que odeiam a chuva e não se impressionam com as revoluções entre os homens cujas terras adornam.

ELEFANTES: Netos dos mastodontes.

CASCVEL-DE-CHIFRES: Anda de lado como uma lagarta mede-palms anda para a frente, mas não de maneira exatamente igual. Sobre a fronte porta o antigo ornamento da confraria de São Cornélio. Na cauda arrasta um brinquedo. É amarela como as areias por onde rasteja e de suas presas goteja um xarope peçonhento.

GANSOS: Satisfazem alguma coisa no palato do homem, e por isso têm permissão para

viver.

GADO JERSEY: Sobrevivem pela mesma razão pela qual todos os gansos sobrevivem.

LESMAS: Constroem suas próprias estradas de lodo e desfrutam da sensação de viajar sem irem a parte alguma.

PÁSSAROS CANOROS ARFANDO NO CALOR: Seis pardais. Um pintarroxo. **MARMOTAS:** Porcos-da-terra.

MINHOCAS: Às vezes as minhocas são também retalhadas nas faculdades. As usadas nas aulas de zoologia são bem gordinhas. Têm elas algo de patético, pois para chegar a esse tamanho, uma minhoca tem de ser criada para dissecação. As minhocas selvagens nunca obtêm comida suficiente para chegarem àquele tamanho.

SAPO DO SURINAME: Um batráquio de dedos finos, focinho fino e venenoso que gosta de vadiar debaixo da água. É venenoso da mesma forma que um cogumelo: para uma pessoa ser envenenada, precisa morder o sapo. Provavelmente, o nadir de todos os sistemas venenosos. Um sapo da Guiana confinado em estado interessante permite observações mais instrutivas do que uma cesariana. Os filhotes pulam das costas da mãe e imediatamente vão tratar de sua vida.

5. Os deuses e deusas

YOTTLE: Um pedaço de bronze onisciente, onipotente e onipresente.

LARES DOMESTICI: Os deuses caseiros da antiga Roma.

PÃ: Fisicamente, o maior de todos os deuses. Em seu séquito havia lêmures, bassárides, bacantes, mênades, egipãs, faunos e silvanos. Todos o adoravam.

JESUS DE NAZARÉ: Nasceu da Virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Mas ao terceiro dia ressurgiu dos mortos, subiu ao céu e está sentado à mão direita de Deus Padre, Todo-poderoso, Criador dos céus e da terra.

BEL-MARDUK: Aquele a quem os babilônios oravam.

BÁLDER: O Adônis do Norte.

ADÔNIS: O Bálder do Sul.

AFRODITE: A deusa formosa.

MUMBO JUMBO: Senhor do Congo.

SATÁ MEKRATRIG: Nosso velho inimigo.

6. As cidades

TU-JENG: Tijolo maciço. Em toda a volta da cidade, fornos de tijolos vermelhos despejam fumaça avermelhada no ar parado. E a estrada que passa por Tu-jeng é vermelha por ser feita de lascas e aparas de tijolos. E a água do canal perto de Tu-jeng é vermelha e corre entre margens de barro vermelho. Entretanto, tudo é de um vermelho morto, não do vermelho fresco do vinho, nem do vermelho quente do sangue, nem do vermelho sanguíneo do ódio.

ABALONE: Uma cidade no deserto, fundada pelos conquistadores espanhóis.

ALEXANDRIA: Ainda glorifica o nome de seu fundador.

TONGSHAN: Uma cidade mineira da China, com uma estação ferroviária e quartéis militares.

TIENTSIN: Uma das cidades tentaculares do mundo. Cenário de muitas guerras. Mas sempre que seus edifícios são derrubados, Tientsin constrói outros, maiores e melhores, para substituí-los,
BEESW AX: Uma cidade mineira do Arizona.
SEDALIA: Uma cidade ferroviária no coração das fazendas do Missouri.
PEIPING: Pequim. A capital do Norte. A imensa irmã mais velha de Tientsin.
SHANHAIKW AN: A cidade na extremidade setentrional da Grande Muralha.
LUGAR DE CASEBRES DE BARRO E GENTE DE COR: Não identificado. **WOLDERCAN:** Um hieróglifo num caco de tábula.

7. As Estatuetas, Ícones, Artefatos e Ídolos

YOTTLE: Bronze.
KATE: Calcedônia cornalina.
ESFINGE (DA SRA. ROGERS): Terracota.
ESFINGE (DE WINKELMANN): Marfim.
ESFINGE (EGÍPCIA): Arenito.
UM HOMEM ANÔNIMO: Arenito.
ONZE CIRCUNSTANTES ANÔNIMOS: Sílex córneo.
DEZ MARINHEIROS BÉBADOS: Sílex córneo existo.
BUDA: Jade.
CRUCIFIXO: Ouro.
QUIMERA (ALEXANDRINA): Trapos, barro, couro e ossos. **QUIMERA (TIBETANA):** Porcelana.
QUIMERA (DE KUBLAI): Bronze.
DIANA DE ÉFESO: Pau-rosa.
LINGAM: Nogueira negra (tronco).
MACHADO SAGRADO DE PEDRA DE YOTTLE: Basalto.

8. As Perguntas, Contradições e Obscuridades

1. Afinal: era um urso, um russo ou o quê?
2. Se a serpente marinha era tão venenosa como afirmava, por que não matou a quimera quando a mordeu?
3. Por que, depois de toda a discussão entre ele e sua mulher, Frank Tull não procurou o urso para ver o que realmente era?
4. Por que haveria Apolônio de Tiana, que se dizia superior a Cristo, de recorrer ao crucifixo para banir Satã?
5. Por que os dois estudantes universitários não ficaram zangados ao serem expulsos?
6. Por que o doutor Lao não notou algo estranho ao encontrar Agnes Birdsong e o sátiro em colóquio tão comprometedor?
7. Qual era o assunto urgente que tinha a tratar o homem que Apolônio ressuscitou?
8. O que Mumbo Jumbo fez com a nórdica de cabelos louros?
9. Se o circo não chegou a Abalone pela estrada de ferro nem por caminhão, como foi, afinal, que chegou lá?

10. O que aconteceu às 11 pessoas transformadas em pedra quando a Medusa deixou cair sua venda?
11. Se Apolônio era tão grande mágico, por que perdia tempo andando ao léu com um circo mambembe?
12. Uma vez que a tradição nos diz que as quimeras eram invariavelmente fêmeas, como sucede que a do doutor Lao fosse macho?
13. Seria por essa mesma razão que Tu-jeng, quando o doutor Lao ali capturou o sátiro, era uma aldeia perto da Grande Muralha, quando hoje é um subúrbio de Ti-entsin?

9. As Comidas

Costeletas de porco. Alface. Presunto. Costeletas de carneiro. Caquis. Feno. Soda limonada. Ovos de pato. Alho. Garotinho mulato e gorducho. Doce. Sementes de cebola. Bolo. Pelicanos. Uvas. Proteínas. Lesmas. Cerveja. Gansos árticos. Frutos do mar. Hidratos de carbono. Fragata. Manteiga. Galinha. Fígado de ganso. Peixe. Donzela. Rãs. Bananas. Ostras. Velho pai do garotinho mulato. Insetos. Tanchagem. Minhocas. Ervinhas. Lagartos. Vermes. Cachorros-quentes. Cascavéis. Macarrão. Lavagem. Nozes.

Tientsin- Tucson, 1929-1934.

ORELHAS

UMA OBRA-PRIMA DO FANTÁSTICO

É difícil calcular quantas edições em inglês e em outras línguas já teve *The Circus of Dr. Lao*, de Charles G. Finney, um clássico da literatura fantástica, muitas vezes imitado porém jamais igualado. Em 1963, quando foi filmado por George Pai com o título (adotado na tradução brasileira da editora Francisco Alves) de *As Sete Faces do Dr. Lao*, houve um recrudescimento de interesse pela novela, que entre outras distinções recebeu um dos mais cobiçados prêmios dos Estados Unidos - o da Associação Nacional de Livreiros para "o melhor livro de ficção do ano".

Sua consagração definitiva ocorreu quando o grande Ray Bradbury o escolheu para abrir e dar o título à sua antologia de estórias fantásticas, em que o terror se mistura ao sobrenatural, a fantasia ao suspense. "Uma obra-prima", escreveu a prestigiosa *The Saturday Review*. Para o *New York Herald Tribune*, "é uma sátira licenciosa, irreverente, insolente e divertida sobre nossa chamada civilização". Finney conseguiu reunir no *Dr. Lao* os ingredientes de uma obra fascinante e de um texto altamente literário. Por isso tem resistido aos anos.

A inspiração para a novela veio dos anos que Charles G. Finney passou na China, em fins da década de 20. De volta aos Estados Unidos, acabou tornando-se editor-chefe de um dos mais importantes jornais, sem deixar de escrever contos e de publicar livros, cujo fulcro é a fantasia no seu mais alto grau.

As Sete Faces do Dr. Lao nos oferece um espantoso "catálogo" de monstros, seres mitológicos, criaturas e animais de sonho e pesadelo, tudo no décor fantasmagórico de um circo misterioso. Muita gente pensa até hoje que o *Dr. Lao* e o seu circo existiram na realidade. Mas quem sabe o que é a realidade? Talvez o *Dr. Lao*.